Fundado em 1864, o seu Arquivo é Tesouro Nacional

Diário de Notícias

www.dn.pt / Segunda-feira 3.6.2024 / Diário / Ano 160.º / N.º 56 655 / € 1,50 / Direção interina Bruno Contreiras Mateus (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos)

SONDAGEM DN/JN/TSF

PS É FAVORITO, MAS VANTAGEM SOBRE AD É CADA VEZ MAIS CURTA

Chega, Iniciativa Liberal e Livre devem estrear-se no Parlamento Europeu. BE perde um dos seus deputados. CDU em risco de passar de dois para zero eleitos PÁGS. 4-5



MYCHELE DANIAU / AFP

EDUCAÇÃO Falta de assistentes operacionais. "As escolas não são lugares seguros" PÁGS. 8-9



DN Brasil

HOJE GRÁTIS

O GUIA PARA BRASILEIROS QUE JÁ VIVEM OU QUE PRETENDEM VIVER EM PORTUGAL

IMIGRAÇÃO Comunidade brasileira com título de residência ultrapassa os 600 mil em Portugal

CASA DO BRASIL O novo perfil dos brasileiros

GUIA Como escolher o visto certo

CONTRIBUIÇÕES 700 milhões de euros para Segurança Social

EDITORIAL BRUNO CONTREIRAS MATEUS DN Brasil é jornalismo e coragem

PÁG. 2

Acidente Aberta investigação à morte de piloto espanhol em festival aéreo de Beja ÚLTIMA

Saúde "Se eu pudesse, a hora extra teria imposto mais baixo para incentivar os médicos", diz Eurico Castro Alves PÁGS. 10-11

Indústria Peso das emissões totais na faturação do setor do calçado caiu 7% em sete anos PÁG. 14

Livros Como esculpir um romance a partir de um bloco de pedra PÁG. 23



Editorial

Bruno Contreiras Mateus
Diretor interino do Diário de Notícias

DN Brasil é jornalismo e coragem

Podíamos encontrar nos 50 anos do 25 de Abril um pretexto, ou nas comemorações também este ano dos 160 anos do Diário de Notícias, ou no bicentenário que se celebra no ano que vem das relações diplomáticas entre Portugal e Brasil, após o Tratado do Rio de Janeiro, que proclama a "amizade perpétua" entre os dois países. Mas não precisamos de pretextos para lançar hoje o Diário de Notícias Brasil (DN Brasil), que será parte deste DN ao qual os leitores já se habituaram pelo rigor informativo, pluralidade, seriedade e independência, mas desta vez também com páginas escritas em português do Brasil, dirigidas à comunidade brasileira residente em Portugal.

Não precisamos de pretextos para este lançamento se tivermos em consideração que Portugal já tarda numa iniciativa de integração e aculturação como esta, dirigida a uma comunidade com mais de 600 mil pessoas que escolheram Portugal para morar, sendo esta a maior comunidade imigrante a residir no nosso país.

Devo admitir, em primeiro lugar, sendo o nosso compromisso com a verdade, que muito nos entristece e preocupa que uma jornalista brasileira profundamente integrada no nosso país e na redação do DN, detentora de pleno exercício dos seus direitos, liberdades e garantias, seja alvo de extremismos, ameaças diretas à integridade física, vítima de palavras ofensivas, machistas, racistas e xenófobas. O DN não irá tolerar comportamentos dessa natureza, irá denunciá-los junto das autoridades, combatê-los e proteger quem é alvo de crimes de ameaça e de propagação de mensagens racistas nas redes sociais ou em qualquer plataforma ou forma de comunicação.

Vivemos tempos onde a polarização política não pode ser a nova normalidade. A democracia e os direitos humanos devem ser protegidos minuto a minuto, e esse é um papel que cabe a toda a sociedade, mas que os políticos devem deixar bem claro quais os valores que defendem. A extrema-direita não pode ser berço de movimentos que atentem contra os valores mais elementares de uma sociedade justa.

Se eu achava que não era preciso um pretexto, talvez este seja o pretexto para se dar voz aos que menos voz têm para expor os seus problemas à sociedade, para se criar empatia e para se promover uma integração plena das diferentes comunidades residentes em Portugal, que contribuem com o seu trabalho, esforço, dedicação e projetos de família para uma sociedade inclusiva e que traga futuro a Portugal.



Vivemos em tempos onde a polarização política não pode ser a nova normalidade. A extrema-direita não pode ser berço de movimentos que atentem contra os valores mais elementares de uma sociedade justa.

O jornalismo não pode ser ameaçado nem amordaçado. Se calarmos vozes ativas, jamais as pessoas serão ouvidas.

O DN Brasil não é mais nem menos do que o jornalismo do Diário de Notícias. Os leitores é que podem ser outros, podem ser aqueles que encontram no jornalismo o rigor da informação que fala diretamente para os seus problemas e necessidades. A proximidade com o leitor é fundamental. E por isso escolhemos escrever em português do Brasil para sermos esse veículo de proximidade. Neste DN Brasil estaremos a abrir portas, a derrubar muros, a combater extremismos sem politizar a informação, apenas com coragem. Todas as segundas-feiras poderá acompanhar esta edição no papel, e diariamente, com atualização constante, no digital (em www.dnbrasil.dn.pt).

OS NÚMEROS DO DIA

600

PROVOCAÇÕES
600 balões com lixo foram enviados pela Coreia do Norte para o outro lado da fronteira, incluindo beatas e plásticos. As autoridades sul-coreanas já ameaçaram adotar medidas contra as "provocações irracionais".

10

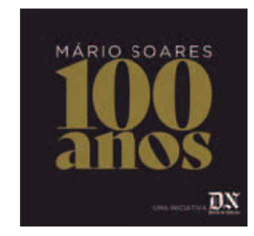
MILHÕES
O valor em euros do salário que José Mourinho vai receber por ano no Fenerbhaçe, da Turquia, clube onde foi ontem oficialmente apresentado e com o qual assinou um contrato de duas temporadas. O português está de regresso ao ativo, depois de ter sido despedido da Roma em janeiro.

14.º

LUGAR
Posto em que Miguel Oliveira terminou ontem o GP de Itália de MotoGP, sétima corrida da temporada, numa prova ganha por Francesco Bagnaia. Jorge Martin lidera o campeonato.

5

CAIXÕES
Foram colocados ontem em frente à Torre Eiffel, em Paris, com a inscrição "Soldados franceses da Ucrânia". Três pessoas foram detidas no âmbito de uma investigação a possível "interferência estrangeira". Eram caixões em tamanho real cobertos com uma bandeira francesa.





3.6.2024

Direção interina: Bruno Contreiras Mateus (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos) **Diretor de arte** Rui Leitão **Diretor adjunto de arte** Vítor Higgs **Editores executivos** Carlos Ferro, Helena Tecedeiro, Pedro Sequeira **Editor executivo adjunto** Artur Cassiano **Grandes repórteres** Ana Mafalda Inácio, Fernanda Câncio e Leonardo Ralha **Editores** Sofia Fonseca, Carlos Nogueira, Ricardo Simões Ferreira, Rui Frias, Filipe Gil e Nuno Fernandes **Redatores** Amanda Lima, Ana Meireles, César Avó, David Pereira, Isabel Laranjo, Isaura Almeida, Mariana de Melo Gonçalves, Rui Miguel Godinho, Susete Henriques, Susana Salvador e Vítor Moita Cordeiro **Revisão** Adelaide Cabral **Arte** Eva Almeida (coordenadora), Fernando Almeida, João Coelho **Digitalização** Nuno Espada **Dinheiro Vivo** Bruno Contreiras Mateus (Diretor) **Evasões** Pedro Lucas (coordenação) **Notícias Magazine** Inês Cardoso (Diretora) **Conselho de Redação** Ana Meireles, César Avó, Fernanda Câncio e Sofia Fonseca **Secretaria de redação** Carla Lopes (coordenadora) e Susana Rocha Alves **E-mail geral da redação** dnot@dn.pt **E-mail geral da publicidade** dnpub@dn.pt **Contactos** RuaTomás da Fonseca, Torre E, 5.º – 1600-209 Lisboa. Tel.: 213 187 500. Fax: 213 187 515; Rua de Gonçalo Cristóvão, 195, 5.º – 4049-011 Porto. Tel.: 222 096 100; Rua João Machado, 19, 2.ºA – 3000-226 Coimbra. Tel.: Redação: 961 663 378; Publicidade: 969 105 615. Estatuto editorial disponível em www.dn.pt. Tiragem média de Fevereiro 2024: 6 084 exps.

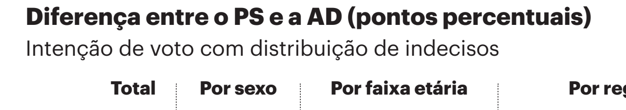
Eleições europeias - sondagem

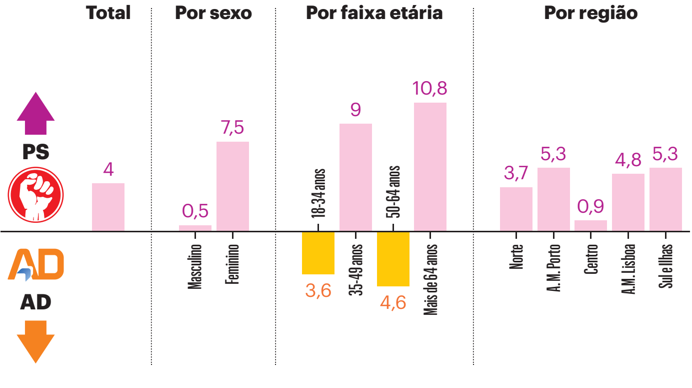
Intenção de voto com distribuição de indecisos*

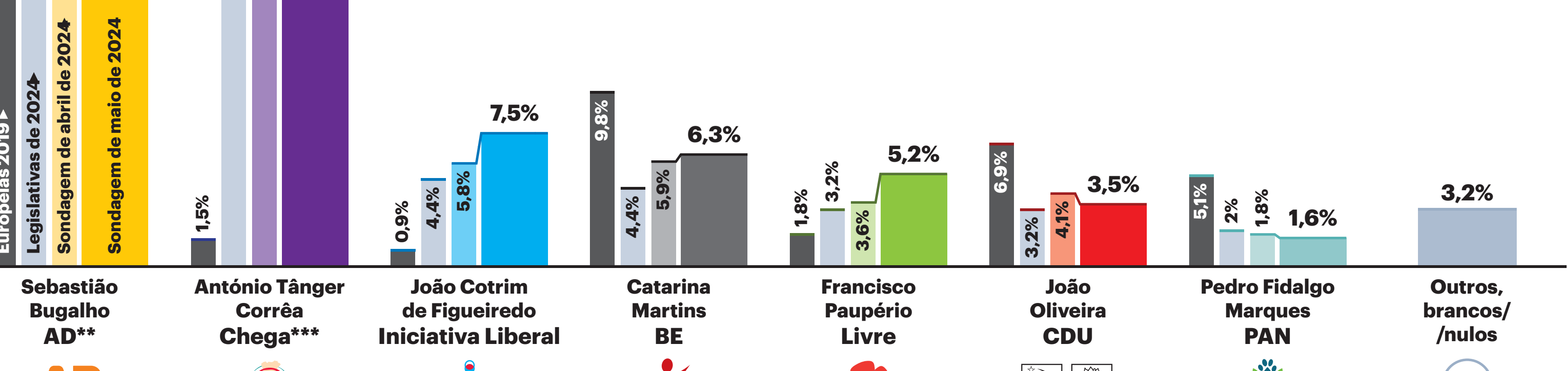
Comparação com o resultado obtido nas eleições legislativas de 10 de março de 2024, com os resultados das europeias de 26 de maio de 2019 e com a sondagem de abril de 2024

Diferença entre o PS e a AD (pontos percentuais)

Intenção de voto com distribuição de indecisos







Nota: base de inquiridos que declararam intenção de votar foi de **55,3%** do total

*distribuição proporcional dos indecisos, tendo em conta a votação anterior e questões adicionais relativas à Esquerda/Direita
**Aliança Democrática (AD) é uma coligação entre o PSD, o CDS-PP e o PPM
***Chega associou-se ao Basta!, uma coligação com o PPM, para as eleições europeias de 2019

FONTE: AXIMAGE, BARÓMETRO POLÍTICO DE MAIO DE 2024 INFOGRAFIA JN

PS é favorito, mas vantagem sobre AD é cada vez mais curta

SONDAGEM Chega, Iniciativa Liberal e Livre devem estrear-se no Parlamento Europeu. BE perde um dos seus deputados. CDU em risco de passar de dois para zero eleitos.

TEXTO **RAFAEL BARBOSA**

O PS, de Marta Temido, leva vantagem na corrida ao Parlamento Europeu, mas está em perda (30,6%), enquanto a AD, de Sebastião Bugalho, está a crescer (26,6%), de acordo com uma sondagem da Aximage para o DN, JN e TSF. O Chega mantém o terceiro lugar, mas também perde gás (15,5%). Seguem-se IL (7,5%), BE (6,3%), Livre (5,2%), CDU (3,5%) e PAN (1,6%).

À entrada para a última semana de campanha das europeias, e ainda que os socialistas continuem a ser os favoritos, nada está decidido. Há vários indicadores que apontam para a incerteza do resultado. Desde logo a margem de erro, que é de mais ou menos 3,5%. Significa isto que o pior resultado possível do PS (27,1%) fica abaixo do melhor que se projeta para a AD (30,1%). Mas há outros dados a ter em conta: uma sondagem é sempre uma fotografia do passado e, neste caso, o trabalho de campo já decorreu entre 17 e 22 de maio. Acresce que havia 8% de indecisos.

No entanto, e se os resultados que a sondagem da Aximage projeta se confirmarem nas urnas, teremos três partidos em estreia no próximo Parlamento Europeu: o Chega, que poderá eleger até quatro deputados, a Iniciativa Liberal e o Livre, ambos com um deputado. Ao contrário, a CDU ficaria de fora (em 2019 elegeu dois). O PS teria oito (agora são nove), a AD somaria seis (o PSD elegeu seis e o CDS um em 2019) e o BE um (atualmente são dois).

Tendências diferentes

Quando se compara a estimativa de resultado do PS (30,6%) com o que conseguiu nas legislativas (28%), o crescimento é de quase três pontos. Mas se tivermos em conta a sondagem de abril, perde quase um ponto. Ao contrário, a AD tem nesta sondagem (26,6%) menos dois pontos do que nas eleições de março passado (28,8%), mas ganhou quase dois relativamente ao inquérito de opinião de abril.

Para o Chega, cuja lista é encabeçada por Tânger Corrêa, as notícias são duplamente negativas. Os 15,5% que agora lhe são atribuídos representam menos três pontos do que aquilo que obteve nas legislativas (18,1%) e na última sondagem sobre europeias. No entanto, quando se compara a projeção atual com o resultado de 2019 (André Ventura foi o cabeça de lista da coligação Basta!), será o partido com maior crescimento: 14 pontos percentuais.

Estreias e desilusões

Há três partidos mais pequenos a ganhar terreno, seja na comparação com as legislativas, seja com a sondagem de abril: os liberais (7,5%), os bloquistas (6,3%) e o Livre (5,2%). E todos conseguiriam garantir a eleição dos seus cabeças de lista, respetivamente Cotrim de Figueiredo, Catarina Martins e Francisco Paupério.

A CDU (3,5%) está ligeiramente acima do que conseguiu nas últimas legislativas (3,2%), mas ou acrescenta mais umas décimas ao resultado ou João Oliveira ficará de fora do Parlamento Europeu. A projeção de resultado para o PAN (1,6%), a confirmar-se, deixa Pedro Fidalgo Marques muito distante de um lugar em Estrasburgo.

rafael@jn.pt



Força liberal a Norte
O Chega estava em terceiro lugar em quatro das cinco regiões em que se divide a amostra. A exceção era o Norte, em que o último lugar do pódio pertencia à Iniciativa Liberal.

Socialistas envelhecidos
Os socialistas voltam a estar ancorados nos eleitores de 65 ou mais anos. Era nessa faixa etária que tinham maior vantagem sobre a AD. A coligação era mais forte nos 50/64 anos.

Jovens mais radicais
O Chega estava muito próximo do segundo lugar nas duas faixas etárias mais jovens: apenas dois pontos abaixo do PS nos de 18/34 anos e um ponto a menos do que a AD nos de 35/49 anos.

Sondagem sobre a União Europeia

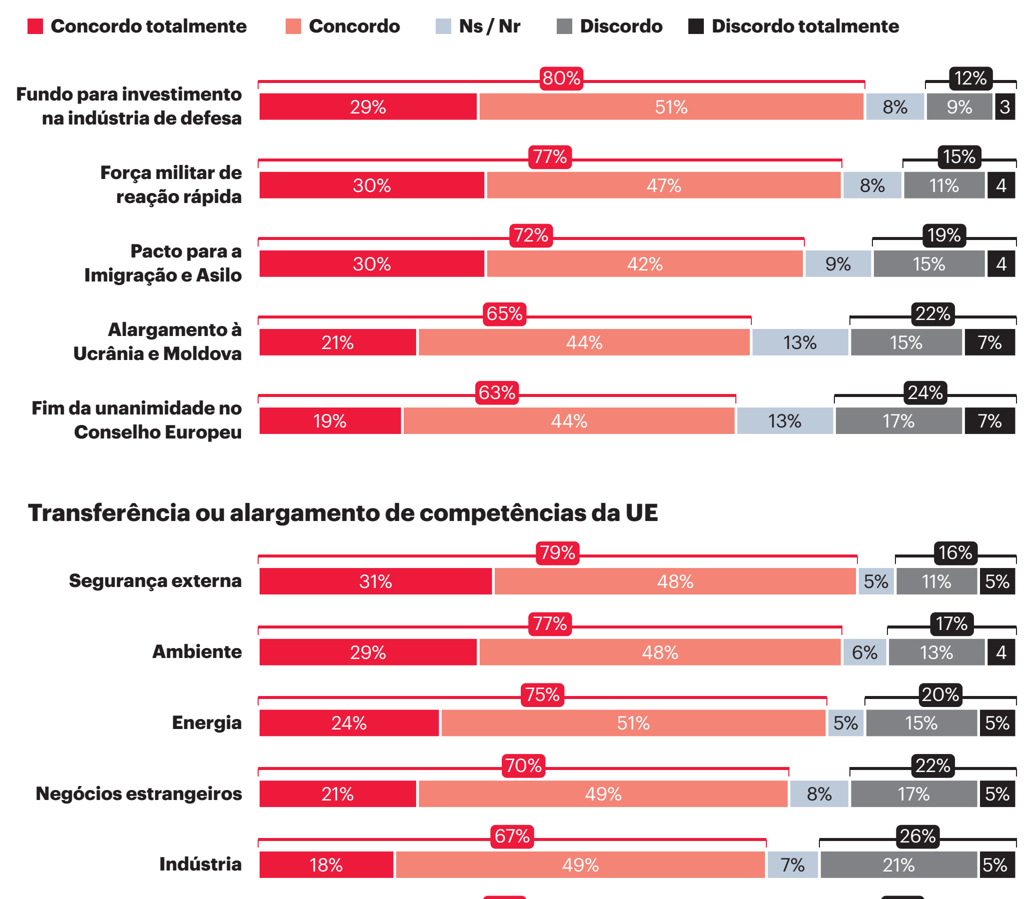


46%
O processo de integração económica, social e política deverá avançar no sentido de transformar a UE num ESTADO FEDERAL

38%
O processo de integração económica, social e política deverá recuar, devolvendo algumas competências e SOBERANIA a cada país da UE

5%
O projeto da UE deixou de fazer sentido no atual contexto político e os países deverão preparar a SAÍDA DA UNIÃO EUROPEIA

11%
Não sabe / não responde



FICHA TÉCNICA
Sondagem de opinião realizada pela Aximage para DN/JN/TSF sobre temas da atualidade nacional política. Universo: indivíduos maiores de 18 anos residentes em Portugal. Amostragem por quotas, obtida a partir de uma matriz cruzando sexo, idade e região. A amostra teve 801 entrevistas efetivas: 697 entrevistas online e 104 entrevistas telefónicas; 376 homens e 425 mulheres; 175 entre os 18 e os 34 anos, 212 entre os 35 e os 49 anos, 208 entre os 50 e os 64 anos e 206 para os 65 e mais anos; Norte 271, Centro 167, Sul e Ilhas 123, A. M. Lisboa 240. Técnica: aplicação online (CAWI) de um questionário estruturado a um painel de indivíduos que preenchem as quotas pré-determinadas para pessoas com 18 ou mais anos; entrevistas telefónicas (CATI) do mesmo questionário ao subuniverso utilizado pela Aximage, com preenchimento das mesmas quotas para os indivíduos com 50 e mais anos. O trabalho de campo decorreu entre 17 e 22 de maio de 2024. Taxa de resposta: 74,82%. O erro máximo de amostragem deste estudo, para um intervalo de confiança de 95%, é de +/- 3,5%. Responsabilidade do estudo: Aximage, sob a direção técnica de Ana Carla Basilio.

Portugueses querem mais poder para a UE, mas hesitam sobre um Estado federal

Quase metade (46%) aprova ideia de avançar para os "Estados Unidos da Europa". E são mais ainda os que querem uma força militar europeia (77%).

Uma grande maioria dos portugueses concorda que se deve entregar mais poderes à União Europeia (UE), incluindo matérias como a educação (62%) ou negócios estrangeiros (70%), segundo uma sondagem da Aximage para o DN, JN e TSF. Querem uma força militar europeia de reação rápida (77%) e defendem as restrições que trouxe o Pacto para as Migrações e Asilo (72%). No entanto, quando confrontados com a hipótese de um Estado federal, o entusiasmo é menor (46%).

Os resultados da sondagem mostram que a população portuguesa é europeísta e que está disponível para que sejam cedidas a Bruxelas cada vez mais competências, incluindo nas áreas da soberania, como a política externa ou a defesa. Mas uma coisa é concordar com o reforço dos poderes, outra é chegar ao ponto de a transformar num Estado federal.

Saída da UE é residual
Quando confrontados com a possibilidade de o processo de integração evoluir para uma espécie de "Estados Unidos da Europa", continuam a ser maioritárias as vozes que defendem essa via (46%), mas há 38% que, entre uma Europa federal e a devolução de competências e soberania aos países, optariam por recuar (38%). O número dos que defendem a saída da UE é residual (5%).

Uma das áreas que mereceram atenção nos debates entre candidatos foi a defesa e a segurança da Europa. Um tema central desde a invasão da Ucrânia pela Rússia. Os cidadãos estão alinhados com uma estratégia comum na UE: 80% concordam com a criação de um fundo comum que financie o investimento nas indústrias de defesa e 77% apoiam uma força militar europeia de reação rápida dos 27. Sendo que poderão passar a 29, uma vez que 65% defendem a adesão da Ucrânia e da Moldávia, países cujo processo está mais avançado.

Outro dos temas que tem preenchido a campanha é a imigração. Como pano de fundo, o Pacto para a Migração e Asilo, que estabelece mecanismos de solidariedade entre Estados, mas também maior controlo das fronteiras e restrições à entrada de imigrantes. Mais à direita (Chega) e mais à esquerda (BE, Livre e CDU) ataca-se o Pacto. Mas a maioria da população defende-o (72%) e quase um terço sem qualquer reserva (30%).

Fim do direito de veto
No final do ano passado, o Parlamento Europeu aprovou uma resolução que prevê a transferência de novas competências, alargamento de outras e o fim da unanimidade no Conselho Europeu. Ou seja, impedir que um único país entre 27 consiga exercer um "direito de veto". E até com essa medida os portugueses estão de acordo (63%).

Não surpreende, portanto, a abertura a depositar na UE mais poderes e capacidade de coordenação de políticas comuns. O que mais entusiasma os portugueses é que isso aconteça na área da segurança externa (79%). Seguem-se, por ordem decrescente, mas sempre maioritária, o ambiente (77%), a energia (75%), os negócios estrangeiros (70%), a indústria (67%), a saúde pública (65%) e a educação (62%).

Diferenças no género
O partido com maior pendor masculino voltou a ser o Chega: eles valiam mais sete pontos do que elas. O PS era o partido com maior pendor feminino: elas valiam mais oito pontos do que eles.

Esquerda segura eleitores
CDU e BE são os partidos que mais bem seguram o eleitorado das legislativas. Seguem-se, ainda acima dos 80 pontos percentuais, PS e Chega. A AD só consegue manter três quartos dos eleitores.

PS sempre na frente
Os socialistas estão em vantagem em todas as regiões. A Área Metropolitana do Porto e o Sul eram as duas em que a vantagem do PS sobre a AD era maior (cinco pontos).

50%
É entre os que residem na Área Metropolitana do Porto que é maior o entusiasmo relativamente a uma Europa federal (50%). Mas a ideia também é maioritária entre os homens (51%) e quem tem 35 a 49 anos (50%).

60%
Os eleitores da AD são os que mais se identificam com a ideia de avançar em direção a uma Europa federal (60%). Num patamar um pouco mais baixo estão socialistas (45%) e bloquistas (44%).

44%
Os eleitores do Chega apontam à devolução de competências e soberania aos diferentes Estados da UE (44%). Mas também há 39% que querem um Estado federal.

Todos a tentar não deixar AD e PS a falarem sozinhos

CAMPANHA Reta final pode acentuar tendência para a bipolarização a que só o Chega parece imune. Restantes partidos lutam por eleger.

TEXTO **LEONARDO RALHA**

A participação da atual presidente da Comissão Europeia, Ursula von der Leyen, na campanha da Aliança Democrática (AD), e a previsível entrada em cena do antigo primeiro-ministro António Costa, apontado como potencial escolha socialista para o Conselho Europeu, devem marcar a última semana de campanha das eleições europeias. E acentuar a tendência para a bipolarização entre as principais forças políticas, assente em trocas de ataques, com o secretário-geral do PS, Pedro Nuno Santos, apostado em colar a direita, portuguesa e europeia, à extrema-direita.

Nas anteriores europeias, em 2019, o PS elegeu nove eurodeputados, contra seis do PSD e um do CDS-PP – houve então listas separadas, ao contrário do que sucedeu em 2014 e acontecerá agora –, mas o Bloco de Esquerda e a CDU garantiram dois mandatos cada, e o PAN entrou para o Parlamento Europeu, embora Francisco Guerreiro não tenha demorado a desfiliar-se e a ficar em Bruxelas como independente. E se no domingo é provável que PS e AD sofram perdas, confirmadas pela sondagem da Aximage para o DN (*ver páginas 4 e 5*), isso deve-se sobretudo ao Chega, que se estreará com três ou quatro eurodeputados, enquanto a também neófita Iniciativa Liberal e o Bloco de Esquerda não deverão aspirar a mais do que eleger os respetivos cabeças de lista, João Cotrim de Figueiredo e Catarina Martins. Mais atrás, o Livre luta por ter Francisco Paupério em Bruxelas, o que está longe de garantido, ainda que os estudos de opinião indiquem ser mais fácil do que para a CDU e PAN, com o cabeça de lista comunista, João Oliveira, a arriscar-se a ficar ligado à perda de representação a nível europeu.

Marta Temido e Sebastião Bugalho, cabeças de lista do PS e da AD, estarão hoje de manhã com os outros candidatos de partidos com representação parlamentar no debate das rádios, mas depois os seus itinerários desencontram-se até ao final da campanha, na sexta-feira, em Lisboa. Na véspera, o até agora comentador político, escolha do primeiro-ministro Luís Montenegro para confirmar a vitória do centro-direita nas legislativas, contará com Ursula von der Leyen, que vai ao Porto apoiar os portugueses do Partido Popular Europeu. Algo que deverá motivar novos ataques do PS à aproximação da democrata-cristã alemã à primeira-ministra italiana Giorgia Meloni.

Relativamente alheado da luta entre PS e AD, o Chega aposta em arruadas para manter a mobilização que lhe deu 50 deputados nas legislativas. E distingue-se dos outros partidos por rumar do Centro para o Norte, onde era muito mais fraco e ainda luta por ter o mesmo peso que abaixo do Tejo, com André Ventura muito presente ao lado de Tânger Corrêa numa campanha que termina em Viana do Castelo.

Pela Iniciativa Liberal, que tem nas europeias uma oportunidade para retomar o crescimento eleitoral estagnado nas legislativas, João Cotrim de Figueiredo tenta marcar diferenças em relação à AD, com vista a aumentar as hipóteses da difícil eleição da número dois da lista, Ana Martins. Porto e Lisboa são prioritários no fim da campanha.

Do outro lado do espetro político, com Catarina Martins a começar a derradeira semana de campanha do Bloco de Esquerda antes das eleições europeias na Feira do Livro de Lisboa, por lá encontrará o cabeça de lista da CDU, João Oliveira, que tem pela frente a missão de manter a representação dos comunista no Parlamento Europeu, onde chegaram a ter quatro eurodeputados. Terá comícios em todas as noites da semana, com Alpiarça, Évora, Braga e Coimbra antes do encerramento no Seixal.

A disputar o voto ambientalista, Francisco Paupério arranca a semana do Livre em registo transfronteiriço, entre Vila Real de Santo António e Ayamonte, e na quarta-feira faz a “Pedalada Livre” na capital. Já Pedro Fidalgo Marques desloca-se ao estuário do Sado e às pedreiras da serra da Arrábida na quarta-feira, mostrando o que pretende defender em Bruxelas, antes de tudo acabar no “Sunset PAN”, no Jardim da Estrela, em Lisboa.

Voto antecipado marcou domingo

Marcelo elogia adesão
O Presidente da República elogiou a adesão ao voto antecipado nas eleições europeias, com um aumento de 20%. “Isto facilita a vida a muitos portugueses”, disse Marcelo Rebelo de Sousa, após exercer o voto antecipado em Celorico de Basto, no distrito de Braga.

Temido defende fundos
A cabeça de lista do PS, Marta Temido, disse ontem que foi por força dos fundos europeus que Portugal recuperou do atraso em que se encontrava, pela situação geográfica e, sobretudo, pela falta de qualificações.

Bugalho nega extremismos
O cabeça de lista da AD, Sebastião Bugalho, garantiu ontem, num comício em Lamego, que a coligação responderá aos populismos e extremismos dizendo “não e nunca”. E que isso se faz com melhor Estado social, cultura e luta anticorrupção.

ROTEIRO DA ÚLTIMA SEMANA DA CAMPANHA ELEITORAL

	SEGUNDA-FEIRA 3 DE JUNHO 2024	TERÇA-FEIRA 4 DE JUNHO 2024	QUARTA-FEIRA 5 DE JUNHO 2024	QUINTA-FEIRA 6 DE JUNHO 2024	SEXTA-FEIRA 7 DE JUNHO 2024
AD	**12.00** - IDA À EMBAIXADA UCRÂNIA EM **LISBOA;** **17.00** - ENCONTRO “VOZ DOS JOVENS NA EUROPA” EM **LISBOA**	**12.00** - ENCONTRO E ALMOÇO EM **COIMBRA;** **16.00** - VISITA EM **COIMBRA;** **19.30** - JANTAR-COMÍCIO EM **POMBAL**	**12.30** - ALMOÇO-COMÍCIO EM **VILA VERDE;** **17.30** - ARRUADA EM **BRAGA;** **21.00** - COMÍCIO EM **FAMALICÃO**	**11.00** - ARRUADA NA **TROFA;** **13.00** - ALMOÇO NA **PÓVOA DE VARZIM;** **17.00** - ENCONTRO NO **PORTO**	**17.00** - ARRUADA EM **LISBOA;** **19.00** - COMÍCIO EM **LISBOA**
PS	**TARDE - OESTE;** **NOITE - SANTARÉM**	**MANHÃ - VIANA DO CASTELO;** **TARDE - BRAGA;** **NOITE - BRAGA**	**MANHÃ - BRAGANÇA E VILA REAL**	**MANHÃ - COIMBRA;** **TARDE - COIMBRA;** **NOITE - AVEIRO**	**MANHÃ - SETÚBAL;** **TARDE - LISBOA;** **NOITE - LISBOA**
CHEGA	**12.00** - ARRUADA EM **MEM-MARTINS;** **18.00** - ARRUADA EM **LEIRIA**	**12.00** - ARRUADA EM **COIMBRA;** **18.00** - ARRUADA EM **AVEIRO**	**12.00** - ARRUADA EM **SANTA MARIA DA FEIRA;** **17.30** - ARRUADA NO **PORTO**	**12.00** - ARRUADA NA **PÓVOA DE VARZIM;** **18.00** - ARRUADA EM **BRAGA**	**12.00** - ARRUADA EM **VALENÇA;** **20.00** - JANTAR EM **VIANA DO CASTELO**
IL	**16.00** - VISITA A EMPRESA EM **ALBERGARIA-A-VELHA;** **20.30** - JANTAR EM **AVEIRO**	**10.30** - VISITA AO POLITÉCNICO EM **VISEU;** **15.30** - VISITA A CLUBE EM **LAMEGO;** **20.30** - JANTAR EM **MIRANDELA**	**11.00** - VISITA EM **GUIMARÃES;** **16.00** - ARRUADA NO **PORTO;** **20.00** - JANTAR EM **VILA NOVA DE GAIA**	**15.00** - ARRUADA EM **LEIRIA;** **18.00** - COMÍCIO EM **LISBOA**	**12.00** - ARRUADA EM **LISBOA;** **20.00** - ENCERRAMENTO DA CAMPANHA EM **LISBOA**
BE	**17.00** - VISITA À FEIRA DO LIVRO EM **LISBOA;** **21.00** - COMÍCIO EM **AVEIRO**	O PARTIDO NÃO PARTILHOU INFORMAÇÃO ACERCA DO SEU PROGRAMA DE CAMPANHA NESTE DIA	O PARTIDO NÃO PARTILHOU INFORMAÇÃO ACERCA DO SEU PROGRAMA DE CAMPANHA NESTE DIA	O PARTIDO NÃO PARTILHOU INFORMAÇÃO ACERCA DO SEU PROGRAMA DE CAMPANHA NESTE DIA	O PARTIDO NÃO PARTILHOU INFORMAÇÃO ACERCA DO SEU PROGRAMA DE CAMPANHA NESTE DIA
CDU	**17.30** - VISITA À FEIRA DO LIVRO EM **LISBOA;** **21.00** - COMÍCIO EM **ALPIARÇA**	**10.00** - ARRUADA EM **LOURES;** **12.30** - ALMOÇO COM MULHRES EM **LISBOA;** **18.00** - COMÍCIO EM **ÉVORA**	**10.30** - VISITA A PEDREIRA EM **PENAFIEL;** **TARDE** - ARRUADA EM **GUIMARÃES;** **NOITE** - COMÍCIO EM **BRAGA**	**11.00** - VISITA À EX-SEDE DA PIDE NO **PORTO;** **18.00** - ARRUADA NO **PORTO;** **NOITE** - COMÍCIO EM **COIMBRA**	**10.30** - ARRUADA NO **BARREIRO;** **18.00** - ARRUADA EM **LISBOA;** **NOITE** - COMÍCIO NO **SEIXAL**
LIVRE	**16.15** - VISITA À EUROCIDADE DO GUADIANA EM **VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO E AYAMONTE**	**16.30** - VISITA A ASSOCIAÇÃO AMATO LUSITANO EM **CASTELO BRANCO**	**14.30** - VISITA POLITÉCNICO DE LEIRIA EM **PENICHE;** **18.30** - PEDALADA LIVRE EM **LISBOA**	**11.30** - VISITA ASS. DIABÉTICOS EM **LISBOA;** **14.30** - VISITA F. CHAMPALIMAUD EM **LISBOA;** **19.00** - COMÍCIO EM **LISBOA**	**14.00** - VISITA UNIÃO ZOÓFILA EM **LISBOA;** **16.00** - VISITA A ESCOLA EM **LISBOA;** **19.30** - JANTAR-COMÍCIO EM **A DETERMINAR**
PAN	**12.30** - VISITA À QUINTA DO CABRINHA EM **LISBOA**	**12.45** - VISITA AO CASTELO DE **ALMOUROL;** **13.15** - ALMOÇO EM **FÁTIMA;** **15.30** - VISITA AO CFERLABS EM **LEIRIA**	**10.00** - VISITA GOLFINHOS SADO EM **SETÚBAL;** **14.00** - VISITA PEDREIRAS SERRA DA ARRÁBIDA EM **SETÚBAL**	**11.00** - REUNIÃO COM ASSOCIAÇÕES ZOÓFILAS DO ALGARVE EM **FARO;** **15.30** - VISITA EM **CASTRO VERDE**	**10.00** - ENCONTRO NA PRAIA DO DAFUNDO EM **OEIRAS;** **19.00** - SUNSET JARDIM ESTRELA EM **LISBOA**

TIAGO PETINGA / LUSA

LUÍS FORRA / LUSA

MIGUEL A. LOPES / LUSA





JOSÉ SENA GOULÃO / LUSA





MIGUEL A. LOPES / LUSA







RUI MINDERICO / LUSA



MANUEL DE ALMEIDA / LUSA



PAULO CUNHA / LUSA

1. Carlos Moedas foi apoiar Sebastião Bugalho no comício da AD em Aveiro.

2. Campanha da Iniciativa Liberal levou Cotrim de Figueiredo à baixa de Faro.

3. Pedro Fidalgo Marques, do PAN, propôs que haja um comissário europeu para o Bem-Estar Animal.

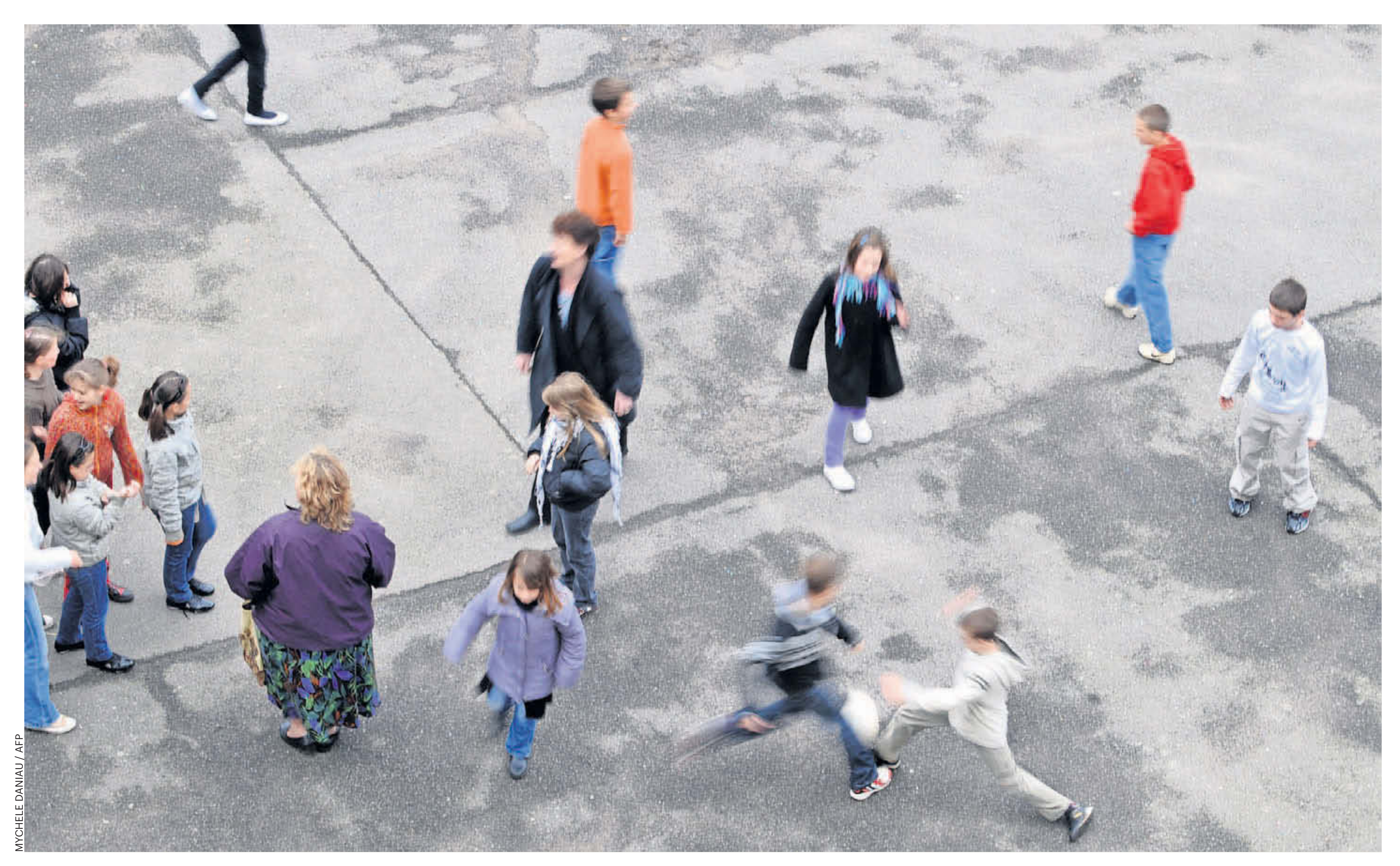
4. Paulo Raimundo esteve ao lado de João Oliveira no encontro da Juventude da CDU realizado em Setúbal.

5. Cabeça de lista socialista Marta Temido festejou em Lamego a taça conquistada por uma equipa de árbitros.

6. Tânger Corrêa contou com dezenas de dirigentes e apoiantes do Chega numa arruada no Seixal.

7. Campanha bloquista teve Catarina Martins na Quinta das Conchas, em Lisboa.

8. Francisco Paupério, do Livre, foi falar de habitação ao Entroncamento.


MYCHELE DANIAU / AFP

Falta de assistentes operacionais. “As escolas não são lugares seguros”

EDUCAÇÃO Diretores escolares, pais e encarregados de educação apontam a falta de assistentes operacionais como um dos potenciadores de insegurança nas escolas e querem que a portaria que define o rácio do número de funcionários seja revista.

TEXTO **CYNTHIA VALENTE**

O *Relatório Anual de Segurança Interna 2023* (RASI) traça um cenário negativo no que se refere à segurança nas escolas públicas. Segundo o documento, junto a estes estabelecimentos e no seu interior observou-se um “aumento global de ocorrências (+12,4%)” e de “ocorrências de natureza criminal (+16,1%)”, comparativamente a 2022. Em causa estão furtos, roubos e tráfico de estupefacientes de menor gravidade, tendo sido registadas 6821, no total, em 2023. A delinquência juvenil também aumentou 8,7%.

Dados que justificam o alerta dos assistentes operacionais (AO), pais e diretores escolares, que dizem ser as escolas lugares cada vez menos seguros. Na base dessa insegurança está a falta de AO, o que leva à quase inexistência de vigilância nos recreios, principalmente nas escolas básicas e secundárias.

Em declarações ao DN, um pai de uma aluna de 12 anos, que pediu anonimato, descreve o que considera serem “dois anos de stresse constante” a que a filha esteve sujeita na escola. A criança frequenta o 6.º ano e “há mais de um ano que não sai para o recreio nos intervalos”. “Fica no interior do edifício, com mais uma amiga, nos intervalos, porque a escola onde estuda tem alunos desde o 5.º ano ao 12.º Os alunos mais velhos fazem *bullying* aos mais novos e, no caso da minha filha, foram várias as vezes em que foi apalpada e se sentiu ameaçada. Não havendo supervisão, decidimos que o mais seguro seria não ir para o recreio, como ela própria nos andava a pedir. Tivemos de fazer um pedido à direção para a deixarem ficar no interior do pavilhão nos intervalos e a direção aceitou”, conta.

Carla Cadilhe, assistente operacional numa escola da Póvoa de Varzim, explica que a falta de AO impossibilita a vigilância dos recreios: “As escolas não são lugares seguros. Na minha escola há uma pessoa que de vez em quando faz uma pequena vigilância, mas se está num lado, não está do outro lado. Para uma escola inteira, esta vigilância é praticamente nada”, refere. Para a AO, “o que está a falhar é a portaria que define o rácio do número de AO e o facto de a portaria não ter em conta as diferentes estruturas das escolas. Uma escola de 1.º ciclo e uma secundária, por exemplo, são muito diferentes. As secundárias são enormes, e é isso que as entidades competentes não têm em atenção. Calculam o mesmo rácio igual para todas”, continua. E frisa ainda que quando está destacada para trabalhar no bar da

escola, deixa de poder vigiar os alunos que lhe competem. "Por norma, os AO estão dentro do edifício e depois, cá fora, onde está a vigilância?", questiona.

A assistente sublinha ainda a dificuldade que existe para substituir quem falta por motivos de doença, algo que acontecia de forma mais célere quando os AO eram responsabilidade do Ministério da Educação (ME). Recorde-se que em 2019 o então governo de António Costa aprovou a transferência de competências para os órgãos municipais e para as entidades intermunicipais no domínio da educação. Os AO transitaram, assim, para os mapas de pessoal das câmaras municipais da localização geográfica respetiva.

Funcionários sentem-se inseguros

Paulo Marinho, secretário-geral do Sindicato Independente e Solidário dos Trabalhadores do Estado e Regimes Públicos (SISTERP), tece as mesmas críticas e é perentório ao afirmar que "claramente as escolas não são lugares seguros". O responsável tem alertado "as entidades competentes para este problema" e mostra-se preocupado com a escalada de violência nos estabelecimentos de ensino. "É uma preocupação nossa e dos encarregados de educação. As pessoas devem ser exigentes com os municípios que, bem ou mal, arcaram com esta responsabilidade", vinca. O sindicalista diz ainda haver poucos municípios preocupados com a falta de funcionários nas escolas e promete continuar a pressão para conseguir mais AO nos estabelecimentos escolares. "Temos pressionado e vamos continuar, pois é a salvaguarda das crianças que está em causa", refere, acrescentando que há câmaras que conseguem responder aos pedidos e outras que não.

Segundo ele, a escola de hoje, "por força da sociedade, é muito diferente. Os pais e os encarregados de educação têm atitudes condenatórias e os AO estão muitas vezes em risco". Perante este clima de insegurança, o SISTERP tem sugerido aos trabalhadores que assinem um termo de escusa de responsabilidade. A medida já surtiu efeito, levando alguns municípios a aumentar o número de AO nas escolas.

Envelhecimento e absentismo

À semelhança da classe docente, também os AO estão "envelhecidos", levando a um "absentismo profundo". "Temos trabalhadores já com uma certa idade, e, mesmo os mais jovens, estão cansados e desmotivados, porque se sentem desrespeitados. Há um absentismo profundo que merece a atenção de todos, com baixas curtas e prolongadas, porque há um grande mal-estar", refere o representante do SISTERP. Defende, por isso, mudanças de funções aos 55 anos, idade a partir da qual "os AO não deveriam assumir funções de vigilância". Além destes problemas, Paulo Marinho alerta para o "assédio laboral" cada vez mais frequente e para a "criminalidade escondida pelas direções das escolas". "É um problema delicado e não é por acaso que os AO se sentem inseguros. Os alunos ameaçam-nos e aos professores, e, não havendo vigilância, é um problema. Há alunos e encarregados de educação que aproveitam a escola para semear a insegurança e o medo e há direções que escondem os reais problemas existentes à comunidade escolar", denuncia.

O secretário-geral do SISTERP pede às câmaras municipais para "assumirem as suas competências, dando resposta a este clima de insegurança nas escolas".

Última revisão da portaria que define o rácio de AO data de 2021

O presidente da Associação Nacional de Diretores de Agrupamentos e Escolas Públicas (ANDAEP), Filinto Lima, tem defendido a revisão da Portaria n.º 73/A-2021, que define o número de AO afetos às escolas. A atualização, afirma, é cada vez mais urgente, porque houve "mudanças significativas nas escolas nos últimos anos. Temos uma população que não é só portuguesa e é uma nova realidade. Têm chegado alunos estrangeiros em massa quase diariamente. Essa portaria deveria ser revista por vários motivos e este é um deles, bem como a necessidade de aumentar o número de técnicos de informática. São precisos mais assistentes técnicos, mais AO e mais recursos humanos nos estabelecimentos de ensino", assegura. E explica ser necessário que o governo reveja o orçamento para as autarquias, para que estas possam colocar mais funcionários nos estabelecimentos escolares.

Questionado sobre as consequências da escassez de funcionários nas escolas, o presidente da ANDAEP não considera que as mesmas sejam lugares inseguros, embora admita que essa falta de AO "é um fator potenciador de insegurança". "Acho que podemos ser proativos e perceber que em algumas escolas são necessários mais AO, principalmente em contexto de recreio, não só para supervisão, mas também para encaminhamento e orientação." Desde 2021, continua, a realidade das escolas mudou, bem como a postura dos próprios alunos. "Os miúdos estão mais ansiosos, impertinentes, talvez por efeito da pandemia, além de estarem mais desafiantes. É preciso ter mais paciência e ser mais vigilante", admite. Mudanças ainda mais desafiadoras devido à média de idades dos AO, afirma.

E de forma a tornar mais visível a complexidade do problema, Filinto Lima exemplifica com casos concretos em, por exemplo, dias de greve. "Há escolas com tão poucos funcionários que basta que haja um a aderir a uma greve para ser necessário encerrar a escola, principalmente as de 1.º ciclo." Conforme o responsável, o problema tornou-se mais claro e evidente desde dezembro de 2022, altura em que as greves se multiplicaram e muitas escolas tiveram de fechar portas. "Percebeu-se claramente que as escolas fechavam maioritariamente pela ausência de funcionários", conclui.

> "Os miúdos estão mais ansiosos, impertinentes, talvez por efeito da pandemia, além de estarem mais desafiantes. É preciso ter mais paciência e ser mais vigilante", diz Filinto Lima, presidente da Associação Nacional de Diretores de Agrupamentos e Escolas Públicas.

CONFAP quer mais AO e com mais qualificações

Mariana Carvalho, reeleita na semana passada presidente da Confederação Nacional das Associações de Pais (CONFAP), admite problemas no que se refere à falta de AO nos estabelecimentos escolares, mas diz não ter recebido denúncias por parte dos pais. Para a responsável, o problema pode ser resolvido com a revisão do diploma legal que define o rácio de AO, pois estes "não são suficientes e devem ser alterados". Lamenta ainda a contagem de AO, mesmo quando estes estão a faltar por motivos de doença. "Quando os AO estão de baixa, continuam a contar no rácio, e isso eleva a dimensão do problema", assegura. A presidente da CONFAP alerta para aquilo que considera ser também preocupante e que passa pela não contemplação da dimensão das escolas, bem como dos espaços exteriores, para a contabilização dos funcionários necessários. "Os rácios não contemplam a planta das escolas e é uma das questões que queremos ver alteradas. Há escolas com vários edifícios e espaços exteriores maiores. É uma preocupação geral que já vem de há um tempo para cá. A portaria não contempla a dimensão, o número de pisos ou a área exterior", explica. E quer ainda que os AO ao serviço das escolas tenham também mais qualificações.

Estas questões, promete a dirigente associativa, serão discutidas em breve com o Ministério da Educação, Ciência e Inovação.



Opinião
Paulo Guinote

Socialização

Quase todos os anos letivos, enquadrados em atividades mais formais, definidas no âmbito escolar ou apenas como interesse meu, costumo fazer mini-inquéritos aos alunos sobre o seu nível de satisfação com a escola, as aulas, os professores ou o meu desempenho como diretor de turma. De forma anónima e voluntária, os alunos podem responder em completa liberdade sobre o que acham daquilo que os envolve.

Este ano elaborei um pequeno questionário sobre o que mais ou menos gostam na sua escola (podiam escolher até três opções, com a possibilidade de acrescentarem outras não previstas no leque inicial), como a classificam e aos professores, na escala que estão habituados a ser-lhes aplicada (de 1 a 5). A amostra é naturalmente localizada e restrita, limitando-se a seis turmas, duas do 5.º ano e quatro do 6.º, num total de 144 alunos registados, mas apenas de 140 a frequentar as aulas. Desses, não solicitei respostas a quem chegou à escola (e, por vezes, ao país) nos últimos dois-três meses e, em especial, aos que nem ainda conseguem compreender ou expressar-se em português ou que, por outras razões, manifestam dificuldades em responder a um questionário com escalas de valores e a necessidade de selecionar opções. O que me fez restar 113 respostas válidas.

A primeira constatação é óbvia: as turmas apresentam perfis diversos na sua relação com a escola e professores, mas a principal diferença verifica-se entre os mais novos, que avaliam de forma mais generosa o que e quem os rodeia, e os mais "velhos", que já apresentam um maior ceticismo e atribuem avaliações mais baixas. Tudo contado, globalmente, a avaliação da "escola" foi de 3,25, enquanto a dos "professores" foi de 3,52, ou seja, um "suficiente" mais ou menos robusto.

Quanto aos fatores de que mais gostam na escola, 68% das respostas distribuíram-se pelas opções "conviver com os colegas" (26%), "espaço para brincar" (21%) e "praticar desporto" (21%). "Aprender coisas novas" surge apenas no quarto lugar, com 14,5%, enquanto "assistir às aulas" ou "ler/estudar na biblioteca", no seu conjunto, nem chegam aos 6%.

Quanto ao que menos gostam na escola, não me espantei por serem as atividades encaradas como trabalho, obrigação ou dever a surgir nos primeiros lugares: 25% não gostam de ler ou estudar na biblioteca, 21% de ir às aulas, 17% de estudar e 8% de aprender, o que totaliza 71% das respostas.

O espaço escolar é visto pelos alunos, em comunidades como aquela onde leciono, num concelho de subúrbio com muitos problemas socioeconómicos e um perfil demográfico com muita diversidade, mas baixos hábitos de consumo na área da cultura, como um ambiente de socialização, onde as atividades lúdicas superam largamente as académicas nas preferências. O que se pode considerar "normal", atendendo ao contexto etário, mas levanta enormes desafios ao trabalho de quem quer promover aprendizagens que vão além do que é mais imediato, "giro" ou que "não é chato". Que dê trabalho e exija concentração e um mínimo de autodisciplina.

Não sei como teria respondido, assim como os meus colegas, no meu tempo, a um inquérito destes. Talvez as respostas não diferissem muito em alguns aspetos. Acredito que as opções "académicas" estivessem ao mesmo nível. Mas sei que, pelo menos, existia a perceção de que, gostando ou não de estudar ou assistir a aulas, a escola era um espaço destinado à aprendizagem, e não apenas a brincadeiras e convívio. Porque o espaço da diversão ainda era a rua. Assim como o processo de socialização passava pela família e "vizinhança". Algo que, progressivamente, foi passando para as escolas e reforçou a erosão do seu papel como instituição destinada prioritariamente ao "ensino-aprendizagem" no seu sentido mais tradicional.

Tudo aliado à descrença nas possibilidades abertas pelo sucesso académico, a começar pelas famílias, cujas expectativas são fator determinante para esta situação. Algo que não se consegue inverter apresentando o "sucesso" como um direito sem futuro. E a escola como algo sem identidade específica.

Professor do ensino básico.

Eurico Castro Alves "Se eu pudesse, a hora extra teria imposto mais baixo para incentivar os médicos"

SAÚDE O coordenador da equipa que elaborou o Programa de Emergência e Transformação da Saúde diz ao DN que o objetivo é encontrar "soluções justas" para profissionais e utentes, que o plano com soluções para resolver os constrangimentos no verão ainda está a ser preparado com as Unidades Locais de Saúde e que o Estado deveria respeitar mais o trabalho extraordinário.

ENTREVISTA **ANA MAFALDA INÁCIO**



REINALDO RODRIGUES/GLOBAL IMAGENS

O governo apresentou o Plano de Emergência e Transformação da Saúde (PETS) na semana passada e deste constam 54 medidas, algumas para tentar incentivar os profissionais a fazer mais trabalho extraordinário além das 150 horas previstas na lei, mas mais bem pago. Quer através de medidas que permitam fazer trabalho de prestação de serviço nos hospitais em que estão no quadro, quer através de outros incentivos. Nesta conversa com o DN, Eurico Castro Alves, ex-secretário de Estado da Saúde, médico especialista em cirurgia geral da Unidade Local de Saúde (ULS) de Santo António e coordenador da equipa do PETS, diz acreditar que algo vai ser possível mudar e que "há muita vontade de ir ao encontro do que querem os profissionais", mas que tem de haver um sentido de responsabilidade e de equilíbrios. Por agora, esclarece que, apesar de já terem sido lançadas algumas normas, como a da Linha SOS Grávida – que irá referenciar as mulheres que precisam de ser atendidas para um local junto da sua área, sem terem de ir à página do SNS na internet ver qual é o serviço que está aberto –, o verão são os meses de julho, agosto e setembro e o plano com as soluções para os constrangimentos que existirem neste período ainda está a ser feito em conjunto com as ULS. "Não haverá milagres nem falsas expectativas, queremos encontrar soluções justas", frisa.

Foi anunciado o reforço da linha SNS 24 e a criação do SOS Grávida para o verão, mas não haverá outras disposições?
Há medidas que já foram anunciadas, há um conjunto de outras que estão pensadas e mais duas ou três que ainda não estão aprovadas, mas que pensamos que podem ultrapassar as dificuldades que já são conhecidas durante o verão, como a falta de recursos humanos. É isso que estamos a ver se é possível. Queremos facilitar as condições de trabalho aos médicos e uma das opções é ver se os que têm vinculação podem trabalhar mais nos próprios hospitais.

É o que permitirá aos médicos trabalhar como prestadores de serviço nas suas unidades?
Essa é a nossa vontade. Estamos a ver se conseguimos encontrar um enquadramento legal que nos permita fazer isso a tempo de se ultrapassarem as necessidades de recursos no período de verão. Outra das medidas anunciadas foi o aumento do valor hora para os médicos na prestação de serviços, mas queremos dar atenção aos do quadro, e, assim, estamos a ver se encontramos um equilíbrio nas disposições e se conseguimos contar com todos.

Mas o facto de poderem trabalhar como prestadores de serviço significa "mais trabalho", o que têm vindo a dizer que não querem...
De uma coisa podem ter a certeza, é que estamos a tentar encontrar soluções que vão ao encontro do conforto de todas as pessoas, profissionais de saúde e utentes. Queremos implementar soluções justas que se apliquem a todos, quer sejam médicos ou enfermeiros – será para todas as equipas, dentro do sentido de responsabilidade que temos de ter e de um princípio que é fundamental, o princípio da comportabilidade. Se pudéssemos dávamos o máximo a todos, mas temos de ver se temos orçamento que aguente tomar-se esta ou aquela opção. Como disse, há uma grande vontade de ir ao encontro do que querem os profissionais, mas temos a responsabilidade de manter equilíbrios. Agora, há algumas injustiças que têm de ser rapidamente resolvidas.

Que injustiças?
Alguns pagamentos que têm de ser revistos. Se eu pudesse, e esta é uma opinião pessoal que assumo publicamente, a hora extraordinária seria sujeita a um imposto menor do que aquele que é. Seria uma das formas para incentivar os médicos a fazerem mais horas extra do que as 150 que estão previstas na lei. O trabalho extraordinário é custoso e é penoso para o profissional e o Estado deveria ter algum respeito por esse esforço.

Mas a medida está em cima da mesa ou a ser estudada?
Está a ser estudado, mas não sabemos se é possível. Há muitos condicionamentos legais. Além de que seria algo que teria de passar por sede do Orçamento do Estado. Que fique claro, é uma opinião minha e não uma promessa. E só a posso dar porque sou coordenador do Plano de Emergência.

Além do que já foi anunciado este ano, haverá o anúncio de um plano individualizado e estratégico para o verão, que mostre que regiões vão ser reforçadas e como?
Temos um plano estratégico para o verão que está ainda a ser preparado com as ULS. Neste momento estamos a fazer um levantamento com as ULS para identificarmos um conjunto de situações que possam causar constrangimentos aos utentes. Quando estes estiverem identificados, avançaremos com um conjunto de medidas que irão tentar minorar, ou mesmo anular, esses constrangimentos. É este plano que está em curso e devo dizer-lhe que não carece de ser apresentado, tem é de ser implementado. Sabemos que vamos ter um conjunto de dificuldades e estamos a

preparar-nos para as resolver, tentando até envolver os profissionais de saúde, que são o fator mais importante de todo este processo. Portanto, o importante para nós é quando surgirem as dificuldades termos a solução.

Neste momento já sabem quais são os constrangimentos, pelo menos alguns. Já há serviços de urgência a ter de encerrar por falta de médicos....

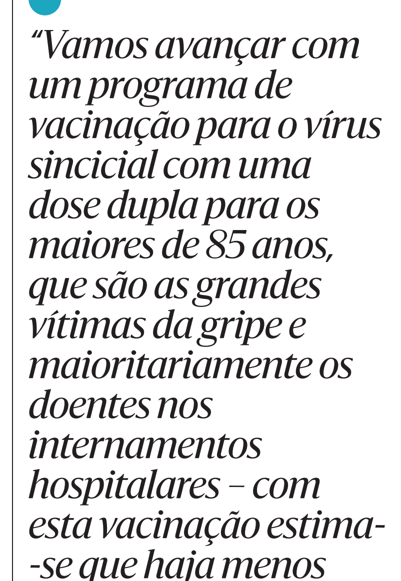
Sabemos que a falta de profissionais em algumas áreas é crítica quando chegamos a esta altura e é para aí que estamos a concentrar a nossa atenção. Sabemos que o Algarve é um problema difícil, mas estamos a olhar para todos os constrangimentos e a tentar antecipar soluções.

Mas o verão é já amanhã...

Para nós o verão é o período em que a maior parte das pessoas entra de férias e em que não há possibilidade de substituir médicos nem enfermeiros. O que temos nesta estação do ano é um excesso de procura e, ao mesmo tempo, um défice de oferta de recursos humanos nos serviços. O que estamos a fazer, neste momento, é o levantamento dos recursos humanos, pedindo aos hospitais que nos digam qual a cobertura que podem garantir nos meses de julho, agosto e setembro. Onde houver coberturas deficitárias, arranjaremos soluções. E já estamos a preparar isto para o inverno, para antecipar o problema da falta de camas de internamento. No inverno já temos recursos, mas o problema é que a procura aumenta muito mais e já estamos a intervir para resolver o problema antes de as pessoas irem à urgência. Para já, iremos tentar retirar os casos sociais dos hospitais para quando chegarmos ao inverno termos uma resposta mais adequada em número de camas. E vamos também avançar com um programa de vacinação para o vírus sincicial com uma dose dupla para os maiores de 85 anos, que são as grandes vítimas da gripe e maioritariamente os doentes nos internamentos hospitalares – com esta vacinação estima-se que haja menos 77% de internamentos e de idas à urgência.

E em relação aos serviços de urgência que começam a encerrar?

Em primeiro lugar, devo dizer que não há encerramentos, há turnos que passam uns para os outros. E queremos otimizar os recursos para evitar isso, mas não vai haver milagres nem queremos que haja falsas expectativas. Sabemos que há escassez de recursos e que temos de os gerir com a maior sabedoria possível e com o maior respeito pelos profissionais. Vamos tentar evitar a rotação nos turnos, mas o mais importante é que nunca falte a assistência médica em qualquer área a quem precisar. Portanto, se o utente for atendido cinco quilómetros à esquerda ou à direita, não é isso que é importante – o que importa é que a pessoa saiba que irá ser atendida num local com a qualidade e a segurança a que tem direito.



"Vamos avançar com um programa de vacinação para o vírus sincicial com uma dose dupla para os maiores de 85 anos, que são as grandes vítimas da gripe e maioritariamente os doentes nos internamentos hospitalares – com esta vacinação estima-se que haja menos 77% de internamentos e de idas à urgência."



"Vamos mudar o sistema de listas de espera porque queremos dar às pessoas a garantia de que o sistema vai ser mais útil e que vão poder ser operadas no tempo adequado num hospital da sua área."

Por falar no utente e em este ser atendido com qualidade e segurança, o Plano de Emergência apresentado inclui a substituição do Sistema Integrado de Gestão de Inscritos para Cirurgia (SIGIC) por um novo Sistema Nacional de Acesso a Consulta e Cirurgia (SINACC). Mas o que irá mudar concretamente?

O SIGIC serviu longos anos, o que deu para perceber muitas das suas fragilidades e até injustiças, que têm de ser modificadas. Desde logo, há que mudar a forma como são atribuídos os valores remuneratórios aos profissionais por cada operação. O trabalho cirúrgico é diferenciado, e há cirurgias que são muito mal remuneradas quando comparadas com outras. É uma área que precisa de muito trabalho, o qual tem de ser consensualizado. E há que trabalhar também a garantia do acesso ao cidadão. O SIGIC foi elaborado com a melhor das intenções, mas a prática veio a revelar descoordenação, fazendo com que haja casos de doentes do Algarve que são chamados para serem operados em Lamego ou Mirandela. É preciso atualizar o sistema de informação para que seja mais eficiente e para se gerir a lista de espera com rigor. Hoje, a maior parte das listas de espera são uma autêntica anarquia, têm doentes que já faleceram, que já foram operados e até os que desistiram da cirurgia e assumiram essa desistência. E o que o novo sistema vai tentar fazer é ir ao encontro das necessidades do doente e de forma muito transparente no funcionamento.

Com o SIGIC, 80% dos *vouchers* eram recusados, os doentes não queriam ser operados fora da sua área e do hospital. Vão conseguir que sejam operados na sua área e em tempo útil?

Penso que sim. Por isso é que se vai mudar. Queremos dar às pessoas a garantia de que o sistema irá ser mais útil e que poderão ser operadas no tempo adequado e na sua área. Com o SIGIC o doente entra em lista de espera e vai para o fim da lista, mas hoje já é possível, quando se está a inscrever um doente em lista de espera e com um sistema mais atualizado, saber que naquele hospital ele não consegue ser operado em tempo útil mas que pode ser operado noutro hospital público da sua região. A prioridade vai ser a resposta do serviço público, queremos que as pessoas sejam operadas aqui, mas também não desejamos que ninguém fique por tratar porque o setor público já não aguenta mais. Então recorremos ao setor privado e encontraremos uma maneira do doente ser operado em tempo útil.

A aposta no serviço público é com mais produção adicional?

Iremos apostar muito na produção adicional dos médicos, dos enfermeiros e dos auxiliares de ação médica. Queremos puxar todos os profissionais para o SNS. Prefiro que os médicos tenham um rendimento extra a trabalhar no SNS do que o vão procurar no setor social ou privado. Temos uma bela oferta no serviço público e vamos trabalhá-la ao máximo para bem dos cidadãos do nosso país.

Tem noção de que os sindicatos médicos vão continuar a bater-se pela valorização de base...

Sim. Os sindicatos fazem o seu papel, é sua obrigação lutar pelos interesses da classe, é para isso que existem, mas há outros que têm o papel de defender o sistema e os doentes em primeiro lugar. Cada um tem o seu papel e o seu espaço, só temos de encontrar uma posição em que todos possam sentir que, de alguma forma, o seu trabalho foi bem feito. Temos de encontrar caminhos que se aproximem de uma solução em que todos estão confortáveis, sendo que para nós, repito, a prioridade é ter os doentes tratados e operados em tempo útil.

anamafaldainacio@dn.pt

Congresso Eucarístico propõe igrejas com horários ao "ritmo de hoje" e abertura ao mundo digital

RELIGIÃO Encontro em Braga reuniu cerca de 1400 participantes, quatro cardeais e 30 bispos, estando representadas todas as dioceses portuguesas.

O V Congresso Eucarístico Nacional (CEN), que ontem terminou em Braga, propôs adequar os horários das igrejas ao "ritmo do mundo de hoje" e "a espiritualidade cristã aos ambientes digitais", entre outras ideias, segundo a Conferência Episcopal Portuguesa (CEP). "Os horários de abertura das igrejas devem ser adequados ao ritmo do mundo de hoje, procurando estimular os momentos de oração pessoal e envolver os leigos, confrarias do Santíssimo Sacramento, catequistas e demais agentes pastorais na dinamização dos momentos de adoração eucarística comunitária", refere o documento da CEP que integra as conclusões do Congresso.

Do encontro de três dias resultou ainda a ideia de que é preciso "procurar o equilíbrio entre a tradição e a necessidade de introduzir novas linguagens na liturgia", criando medidas de integração dos jovens "nesse processo de renovação e adequando a espiritualidade cristã aos ambientes digitais e ao mundo secularizado". Referindo que a "eucaristia convoca todos, está aberta a todos e não afasta ninguém", a CEP defende que esta tem de ser expressa além das portas da igreja, "através das respostas reais às necessidades concretas das pessoas".

Este Congresso realizou-se entre sexta-feira e ontem, por ocasião dos 100 anos da sua primeira edição. Com o tema "Partilhar o Pão, alimentar a Esperança. Reconheceram-nO ao partir o Pão'", o encontro reuniu cerca de 1400 participantes, quatro cardeais e 30 bispos, estando representadas todas as dioceses portuguesas, refere o documento de conclusão do Congresso.

Na homilia de encerramento do V CEN, onde esteve na qualidade de enviado especial do Papa Francisco, D. José Tolentino de Mendonça destacou ontem de manhã que a Igreja em Portugal é "chamada a ser uma Igreja eucarística", ou seja, que "não se coloca a si mesma como prioridade" e "que valoriza a participação de todos os batizados, que reconhece o papel do ministério ordenado, que cuida dos seus pastores e os acarinha" e que "lê com profecia o lugar da mulher na Igreja".

"A Igreja eucarística é uma igreja de 'portas abertas', que se apresenta mais como experiência de serviço amoroso à vida, em vez da rigidez dos juízos que excluem", salientou o prefeito do Dicastério para a Cultura e a Educação da Santa Sé, no discurso a que a agência Lusa teve acesso. **DN/LUSA**



FILIPE AMORIM / AFP

Uma Igreja "de porta abertas" é uma aposta da CEP.



Opinião
Joana Araújo Lopes

O extremismo nas Forças Armadas: dos EUA à Europa

Em 2019, três anos depois de se alistar no Exército norte-americano, o jovem militar Jarrett Smith começou a manifestar um conjunto de comportamentos perigosos: difundiu instruções nas redes sociais sobre como construir engenhos explosivos improvisados; planeou juntar-se a um grupo paramilitar de extrema-direita na Ucrânia; declarou ter intenção de matar membros da Antifa (movimento político antifascista), e revelou ter conhecimentos sobre carros-bomba e acerca da preparação de *napalm*, um produto inflamável especialmente conhecido pela sua utilização na Guerra do Vietname. Em 2021, após o ataque no Capitólio a 6 de janeiro, o Departamento de Defesa dos EUA emitiu um memorando com diversas orientações para prevenir e combater o extremismo dentro das Forças Armadas.

Em um contexto internacional volátil e turbulento, marcado pelas guerras na Ucrânia e em Gaza, e no qual a Europa discute temas como a autonomia estratégica e a falta de efetivos, importa refletir, ainda que de forma introdutória, sobre uma problemática em crescimento: o extremismo com ligações à extrema-direita no seio das Forças Armadas. É importante notar que a extrema-direita não é um grupo homogéneo, existindo diferentes correntes, mas todas partilham de uma ideologia ultraconservadora, baseada na afirmação de ideais nazis, atitudes racistas, xenófobas e hostis contra as comunidades imigrantes. Qual é o risco desta ligação? O risco evidencia-se em duas principais formas.

Por um lado, o risco refere-se à possibilidade de os grupos extremistas tentarem recrutar pessoal militar para a perpetração de ações violentas. Os militares são encarados como ativos estratégicos, porque detêm um conjunto de capacidades – tais como experiência e utilização com armas e explosivos – que podem constituir *know-how* relevante para as atividades destes grupos. Por exemplo, durante o ataque ao Capitólio foram detidos centenas de indivíduos com comprovada experiência militar, verificando-se um em cada 10 com ligações às Forças Armadas norte-americanas (no ativo ou ex-militares).

Por outro lado, o risco baseia-se na possibilidade de os extremistas poderem "infiltrar-se" nas Forças Armadas e, neste sentido, praticar um conjunto de ações prejudiciais ou violentas dentro deste meio, nomeadamente: (1) violar códigos de conduta, através da difusão de material classificado, armamento, e prestação de apoio e treino a grupos de extrema-direita (como ilustra o caso supracitado), e (2) perpetrar crimes de ódio ou ações terroristas. Por norma, a "infiltração" é acompanhada por um processo de radicalização lento e gradual, não se detetando à partida atitudes ou comportamentos extremistas que seriam despistados em testes psicotécnicos.

Estes riscos não são meras hipóteses teóricas. Há evidências concretas demonstradas por casos reais. Segundo fontes públicas fidedignas, incluindo a RAND (*think tank* norte-americano), a RUSI (Royal United Services Institute) e o ICCT (International Centre for Counter-Terrorism), conhecem-se casos relativos à extrema-direita no seio das Forças Armadas desde os EUA até à Europa.

A maioria dos casos detetados em países europeus – incluindo na Alemanha, Áustria, Bélgica, Espanha, França, Grécia, Itália, Países Baixos, Reino Unido, Suíça e Ucrânia (entre 2017 e 2021) – não constituem condutas sistemáticas, mas são um alerta importante, evidenciando-se desobediências à autoridade, utilização de símbolos fascistas e atos violentos. A nível global, os EUA e a Alemanha são os países mais afetados, devido ao histórico que têm com grupos daquela matriz ideológica.

Este assunto não é uma novidade, mas está em crescimento. Nos EUA, entre 1990 e 2022 pelo menos 545 indivíduos com experiência militar cometeram crimes motivados pelo extremismo, sobretudo ligado à extrema-direita. Entre 2010 e 2020 o número de condenados aumentou significativamente. Note-se que já em 2006 o FBI alertava para a possível infiltração de membros supremacistas nas Forças Armadas.

Nesse ano, a Europol classificou a extrema-direita como um "problema sério, em crescimento em vários Estados-membros". Desde 2006 têm-se registado vários casos que demonstram um aumento das atividades dos grupos de extrema-direita na Europa com ligação a estruturas militares. Em 2019, a polícia alemã apreendeu uma quantidade avultada de munições e explosivos pertencentes ao Nordkreuz, um grupo de extrema-direita criado no seio de uma rede virtual de militares e polícias simpatizantes desta ideologia. Em 2021, em Espanha, descobriram-se ligações de alguns elementos das Forças Armadas ao grupo neonazi Lo Nuestro. No mesmo ano, em Itália, um membro da polícia militarizada Carabinieri foi investigado pelo alegado envolvimento em atividades extremistas, incluindo a sua participação no Aryan Roman Order, um grupo neonazi que tinha planos para atacar uma base da NATO e que terá beneficiado da cooperação com grupos semelhantes em Portugal.

> **Não será correto afirmar que as Forças Armadas a nível global têm um problema com o extremismo, porque não há evidências sistemáticas generalizadas. No entanto, é importante reconhecer que existem vários agentes no ativo e ex-militares que têm demonstrado um empenhamento significativo neste tipo de atividade.**

Esta problemática também se tem estendido a outras áreas profissionais, como é o caso das forças e serviços de segurança (FSS). Em 2020, 30 membros da polícia alemã foram suspensos por terem partilhado conteúdo neonazi em plataformas digitais, nomeadamente fotografias de Hitler e imagens de refugiados dentro de câmaras de gás.

E Portugal, onde se enquadra nesta matéria? Em 2019, um militar da Marinha Portuguesa divulgou documentos classificados num blogue com ligações à extrema-direita designado "Movimento Armilar Lusitano (MAL)". Em 2022, dois anos após a divulgação pública do caso pelo DN, a PJM entendeu tratar-se de um crime de "violação de segredo", e não um caso de infiltração da extrema-direita nas Forças Armadas, suspeita esta que tinha levado à instauração do processo. O caso foi arquivado.

Apesar deste caso, a questão sobre o extremismo em Portugal enquadra-se apenas no âmbito das FSS, existindo suspeitas, pelo menos desde 2015, sobre o possível envolvimento de membros da PSP em grupos *skinhead*. Não obstante, Portugal tem tomado um conjunto de iniciativas para combater este fenómeno. Por exemplo, em 2021 foi anunciado que o recrutamento de polícias passaria a incluir testes psicotécnicos e lançado um Plano de Prevenção contra a discriminação nas FSS. Em 2024 foi realizada uma formação para membros da GNR e da PSP centrada no combate ao discurso de ódio.

Não será correto afirmar que as Forças Armadas a nível global têm um problema com o extremismo, porque não há evidências sistemáticas generalizadas. No entanto, é importante reconhecer que existem vários agentes no ativo e ex-militares que têm demonstrado um empenhamento significativo neste tipo de atividades: os riscos da ligação e os exemplos referidos são indubitáveis, evidentes da gravidade e premência desta problemática. Debater este assunto é, assim, crucial, não só pelas potenciais consequências nefastas, mas também para assegurar a proteção de todos.

Investigadora associada do IPRI-NOVA, com investigação dedicada ao terrorismo e contraterrorismo.

Frente ao Atlântico, o arau-gigante mira a sua história de extinção

CIÊNCIA *VINTAGE* A 3 de junho de 1844 escrevia-se o último capítulo de uma ave marinha cujo território ocupara nos séculos precedentes todo o Atlântico Setentrional. Frente à ilha de Eldey, ao largo da costa islandesa, uma estátua em bronze mira o horizonte. Um arau-gigante testemunha uma história de morte e extinção.

TEXTO **JORGE ANDRADE**

Longo braço de terra intruso nas águas do Atlântico Norte, as paisagens da península de Reykjanes, no Sudoeste da Islândia, saltaram em 2006 para o grande ecrã num filme realizado pelo norte-americano Clint Eastwood. *As Bandeiras dos Nossos Pais* (*Flags of Our Fathers*), adaptado do livro com o mesmo nome de James Bradley, situa o espectador na década de 40, na Batalha de Iwo Jima, combate feroz entre as tropas dos Estados Unidos e as japonesas. A orografia islandesa serviu as intenções de Eastwood de recriar no cinema as paisagens de dor e morte da ilha no oceano Pacífico. Arredado da escala hiperbólica da Sétima Arte, a península de Reykjanes acolhe um testemunho de perda. Uma escultura em bronze de metro e meio de altura, batizada de *Pássaro Perdido*, atenta no oceano próximo. A 16 km da costa ergue-se um ermo rochoso. Três hectares de terra elevam-se mais de 70 metros acima das ondas. A islandesa ilha de Eldey serviu, em 2011, de referência ao documentário rodado pelo artista e realizador americano Todd McGrain. *The Lost Bird Project* percorreu cinco partidas deste nosso mundo. Unia-as um quinteto de histórias de extinção. O documentário levado à tela por McGrain visitou os lugares tidos como derradeira presença de cinco espécies de aves, hoje extintas. Todd não procurou perdas antigas. O pato-do-labrador, o tetraz-das-pradarias, o periquito-da-carolina e o pombo-passageiro viram os derradeiros representantes da sua espécie erradicados nos últimos dois séculos. Em concreto, sobre a rocha vulcânica de Reykjanes repousa a escultura de um arau-gigante (*Pinguinus impennis*). O dia 3 de junho de 1844 (ou 3 de julho, as fontes diferem no que respeita à data) foi de má sorte para o último casal de uma corpulenta espécie de ave, descrita pela primeira vez para a ciência em 1735, na obra *Systema Naturae*, redigida pelo zoólogo sueco Lineu. Outrora presente do Canadá ao Norte de Espanha, passando pela Islândia, Ilhas Britânicas e França, do arau-gigante, com os seus quase 90 cm de altura e mais de 5 kg de peso, contavam-se milhões de indivíduos ainda no século XV. Crê-se que 20 colónias de reprodução pontuavam o território ocupado por este animal de dorso negro, ventre branco, bico forte, asas raquíticas e exímio mergulhador. Como certas são dadas as localizações de seis colónias de reprodução de uma ave que no mar mergulhava aos 70 metros de profundidade e por 15 minutos. Ditou a sorte deste habitante de ilhas rochosas afastadas do litoral a procura crescente da sua carne, dos seus ovos e penas.

> Outrora presente do Canadá ao Norte de Espanha, passando pela Islândia, Ilhas Britânicas e França, do arau-gigante, com os seus quase 90 cm de altura e mais de 5 kg de peso, contavam-se milhões de indivíduos ainda no século XV.

A história do frenesim delapidador do arau-gigante recua à Pré-História, há mais de 100 mil anos, e à caça que o Homem de Neandertal moveu à pacata criatura. Tosco na sua locomoção em terra, o arau-gigante, parente da torda-mergulheira (não obstante a sua parecença com os pinguins, o arau-gigante não tem com estes parentesco), era uma presa fácil às investidas humanas. Uma caça que, contudo, se revelava limitada no espaço e na quantidade de animais capturados. Um achado em Port au Choix, na Terra Nova, datado de 2000 anos a. C., atesta o enterramento de um indivíduo com mais de 200 bicos de arau-gigante. Por seu turno, o extinto povo Beothuk, também da Terra Nova, confecionava um nutritivo pudim à base de ovos da ave.

As grandes viagens oceânicas a partir do século XV aproximariam os europeus das colónias de araus-gigantes do Atlântico Setentrional. A carne e os ovos proporcionavam uma apetecível dose de proteína animal. A mesma carne, rica em gordura, servia de isco para a pesca de espécies marinhas e de combustível para as fogueiras. Os marinheiros europeus também viam nas imensas colónias de araus-gigantes um farol à navegação, pois a presença destas aves assinalava a aproximação aos bancos da Terra Nova. Em meados do século XVI, as colónias de nidificação próximo ao litoral europeu foram exterminadas, porque a plumagem da ave usada no enchimento de travesseiros atraía caçadores. Em 1800, a colónia na ilha Funk, na Terra Nova, foi dada como extinta. Quarenta e quatro anos depois, a colónia de Saint Kilda, no Reino Unido, era dizimada. Face à rápida extinção da espécie no século XIX, museus e colecionadores particulares aceleraram a demanda de aves e dos seus ovos. *Eggers*, assim denominados, recolhiam ovos a uma escala superior à capacidade de a espécie se recompor. Desde o século XVI leis de proteção procuravam, sem alcance efetivo, travar o declínio da espécie. Em 1794 a Grã-Bretanha proibiu a matança de aves sempre que a finalidade fosse a utilização da sua plumagem para enchimento de travesseiros. Sobre a mortandade dos araus-gigantes deteve-se Aaron Thomas, tripulante no *HMS Boston*, citado pelo escritor inglês Errol Fuller no livro de 2003 *The Great Auk: The Extinction of the Original Penguin* (*O Grande Arau: A Extinção do Pinguim Original*): "Se vier na demanda das suas penas, não há que matá-los [ao arau-gigante], basta agarrá-los e arrancar-lhes as melhores plumas. Vai deixar o pobre 'pinguim' desorientado, com a sua pele exposta. Morrerá a seu tempo. Este não é um método muito humano, mas é comum ser praticado [...] também os queimará vivos para cozinhar [...] os seus corpos são oleosos e produzirão de imediato uma chama. Não há lenha na ilha."

Coube ao naturalista norte-americano e grande colecionador de ovos John Wolley uma das entrevistas mais dolorosas ligadas à triste sina do arau-gigante. Em 1844 Wolley sentou-se com os islandeses Jón Brandsson e Siguror Isleifsson. Na primeira pessoa, o naturalista recebeu as palavras que relatavam o derradeiro capítulo da história da grande ave do Norte. Palavras aqui transcritas numa tradução livre a partir do já citado livro de Errol Fuller: "As rochas estavam cobertas de *blackbirds* [aves marinhas] e lá havia os *geirfugl* [arau-gigante], que caminhavam lentamente. Jón Brandsson esgueirou-se com os braços abertos. A ave que Jón agarrou foi para um canto, mas [a minha] encaminhava-se para a borda do penhasco. Apanhei-a na borda do precipício [...] Peguei-a pelo pescoço e ela bateu as asas. Não emitiu nenhum grito. Estrangulei-a." O último casal de araus-gigantes fora encontrado por Jón e Sigurur a incubar um ovo. A colónia da ilha de Eldey fora descoberta nove anos antes, em 1935. Contava então com 50 aves. Em 1852, a comunidade científica recebia uma notícia: um arau-gigante fora avistado vivo nos grandes bancos da Terra Nova. Nos últimos 172 anos não houve notícia que confirmasse o achado. O arau-gigante juntou-se à lista de aves ícones de extinção, como o dodó, o pombo-passageiro e a moa. Hoje, do arau-gigante restam 78 peles, 75 ovos e 24 esqueletos completos.

Hoje, do arau-gigante restam 78 peles, 75 ovos e 24 esqueletos completos.


PEDRO GRANADEIRO / GLOBAL IMAGENS

Laboratório do Centro Tecnológico do Calçado, a entidade que lançou a iniciativa Compromisso Verde para apoiar o setor na transição energética.

Peso das emissões totais na faturação do setor do calçado caiu 15% em sete anos

DESCARBONIZAÇÃO Das 140 empresas da fileira que aderiram ao Compromisso Verde, 70 já foram auditadas pelo Centro Tecnológico do Calçado. Planos de ação arrancam em setembro.

TEXTO **ILÍDIA PINTO**

A fileira do calçado quer cortar para metade as emissões de CO_2 até 2030 e tem já envolvidas no Compromisso Verde, o seu pacto para a descarbonização, 140 empresas, representativas de aproximadamente mil milhões de euros de exportações. Um ano depois do lançamento desta iniciativa, então subscrita por 120 entidades, há já dados quantificados de cerca de uma centena delas e diagnósticos concluídos para cerca de 70. A implementação de planos de ação deverá arrancar a partir de setembro.

O Compromisso Verde previa a realização, a cargo do Centro Tecnológico do Calçado de Portugal (CTCP), de diagnósticos de cada um dos subscritores e a elaboração, igualmente gratuita, de planos de ação. E segundo o coordenador da iniciativa, Rui Moreira, estes planos vão ser "remetidos e analisados" com as empresas ao longo do segundo semestre, pelo que a sua implementação, que depende sempre da iniciativa e disponibilidade de cada organização, deverá iniciar-se a partir de setembro. Mas há já dados interessantes. Por exemplo, em 2015 só uma empresa tinha já instalado painéis fotovoltaicos, em 2022 mais de 50% das 70 entidades estudadas – 41 fábricas, para ser mais exato – tinham já unidades de produção para autoconsumo instaladas, com uma taxa de utilização média de energias renováveis de 15%. Sendo que o valor máximo encontrado foi de 44,4%, o que significa, diz este responsável, que "há oportunidade para crescimento" desta taxa, através do investimento em unidades de produção para autoconsumo, em comunidades de energia renovável ou pela aquisição contratualizada de eletricidade de verde. "As empresas estão à procura de outras tecnologias, de modo a aumentar a taxa de utilização, através de baterias de armazenamento de energia, por exemplo, que é uma tecnologia que já existe mas que ainda não é muito usada, por razões de investimento *versus* benefício. Mas, mais tarde ou mais cedo, isso vai acontecer", acredita Rui Moreira.

> Quase 80% das emissões totais de CO_2 de fabricantes de calçado, componentes e marroquinaria são indiretas, ou seja, de fornecedores.

Quanto às emissões de gases com efeito de estufa (GEE), os dados já recolhidos permitem perceber que 78,5% das emissões totais da fileira, que envolve os produtores de calçado, de componentes e de marroquinaria, são do âmbito 3, ou seja, são emissões indiretas, designadamente de fornecedores. Já no âmbito 1 e 2, aquelas que cada empresa controla por si só, "em termos absolutos, e comparando 2015 e 2022, as emissões permanecem praticamente inalteradas, com o crescimento nas emissões de âmbito 2 a serem compensadas pelo decréscimo nas emissões de âmbito 1", explica o responsável, que acrescenta que, embora as emissões totais cresçam 28% no período em análise, tal se deve ao crescimento da atividade, o que permite perceber que na análise do peso das emissões no volume de negócios houve um "decréscimo significativo": de 15,3% nas emissões totais, de 32,7% nas de âmbito 1 e 2, que a empresa consegue controlar, e mesmo nas que não controla, as de âmbito 3, houve uma diminuição de 11,6%.

"As ações a desenvolver numa primeira fase vão estar centradas na redução de emissões âmbito 1 + 2, salientando-se a substituição gradual da frota automóvel e/ou a utilização de biocombustíveis, bem como medidas de eficiência energética ao nível de infraestruturas e de substituição de equipamentos", avança Rui Moreira, lembrando que, dado que o processo industrial na generalidade das organizações utiliza energia elétrica, a instalação de painéis fotovoltaicos seria a alternativa óbvia, "desde que reunidas as condições necessárias para otimizar o investimento". Como mais de metade da amostra possui já estas unidades, o tipo de ações e investimentos, designadamente através da substituição de equipamentos por outros mais eficientes, a aquisição de energia comprovadamente de fontes renováveis ou a implementação de ações de compensação de emissões, pressupõe o chamado sequestro de carbono.

Rui Moreira garante que as empresas "estão focadas" nesta temática da descarbonização, não só por questões de custo, mas também de mercado. "Muitas firmas trabalham com grandes marcas internacionais, que têm compromissos em relação às emissões da sua cadeia de fornecedores. A reputação é um ativo e a capacidade que as fábricas têm de mostrar que têm um bom desempenho a nível de emissões é relevante e conta na escolha dos fornecedores", frisa.

Sobre o facto de haver apenas 140 empresas envolvidas neste projeto, quando a fileira tem mais de 1900, o responsável do CTCP garante que este é um número relevante. "As 70 empresas para as quais já terminámos o diagnóstico representam 25% do total de exportações e 15% do número de trabalhadores", lembrando que as firmas exportadoras são as que sentem mais a necessidade e o impacto de trabalhar nestes temas da sustentabilidade. Quando o universo total das 140 estiverem monitorizadas e com plano de ação definidos, representarão mais de 50% das exportações totais, acredita.

ilidia.pinto@dinheirovivo.pt

Banqueiros e ex-ministros promovem literacia financeira

PEDAGOGIA Iscte reuniu em livro contributos de figuras de peso da economia para servir de "instrumento poderoso" a favor do conhecimento financeiro dos portugueses.

TEXTO **JOSÉ VARELA RODRIGUES**

Setenta e nove personalidades da vida política e económica nacional promovem em livro a literacia financeira, na expectativa de criar um "instrumento poderoso" para a educação financeira dos portugueses. É este o mote que leva o Iscte Executive Education (IEE) a publicar a obra *79 Vozes pela Literacia Financeira: por uma melhor e maior independência ao longo da vida*.

O livro vai ser lançado no próximo dia 5, na Feira do Livro, onde José Crespo de Carvalho, presidente do IEE, moderará um debate sobre o tema num painel com Licínio Pina, *chairman* do Crédito Agrícola, Pedro Andersson, jornalista da SIC responsável pela rubrica *Contas-Poupança*, e Rita Piçarra, ex-administradora financeira da Microsoft que se "reformou" aos 44 anos.

A obra reúne reflexões das personalidades referidas e também de Mário Centeno, governador do Banco de Portugal, de Ana Carvalho, presidente executiva do Banco Português de Fomento, bem como dos antigos ministros das Finanças Teixeira dos Santos e Maria Luís Albuquerque. Os banqueiros João Pedro Oliveira e Costa (BPI) e Miguel Maya (Millennium bcp) também assinam textos deste volume, assim como Isabel Ucha, presidente do conselho de administração da Euronext Lisbon.



"A literacia financeira de Portugal é alarmantemente baixa", diz José Crespo de Carvalho.

Mais um contributo

O livro *79 Vozes pela Literacia Financeira* pretende amplificar a disseminação de conhecimentos económicos e financeiros, numa abordagem "pedagógica e prática", através de uma "seleção de textos sobre conceitos e temas financeiros, além de recursos complementares, como exemplos, casos práticos e estratégias para resolução de problemas".

De acordo com a sinopse da obra, o objetivo do aprofundamento da literacia financeira em Portugal é "melhorar a qualidade de vida, a inclusão social e o seu desenvolvimento económico". "Este livro não é contra ninguém. E é apenas mais um contributo", lê-se.

Literacia dos portugueses abaixo da média europeia

"A literacia financeira de Portugal é alarmantemente baixa, especialmente quando comparada com outros países da zona euro. Segundo o *ranking* do Banco Central Europeu (BCE) de 2020, Portugal ocupava a última posição, com apenas 25% dos portugueses a responderem corretamente a pelo menos três das cinco perguntas sobre temas financeiros. A média dos países da zona euro era de 52%, e a dos países da OCDE era de 63%", realça José Crespo de Carvalho na nota de apresentação da obra enviada à redação.

Para o professor que preside ao IEE e promove este livro, o estado da "literacia financeira em Portugal é no mínimo lamentável", sendo a obra compilada um "manifesto" que não pretende "menosprezar os esforços que têm sido feitos", mas sim contribuir para uma melhor compreensão de temas "elementares, como elaborar e gerir um orçamento" ou compreender os juros e o desempenho da inflação, para decisões "informadas e responsáveis", pessoais e profissionais.

"Conhecimentos financeiros ajudam a investir com eficiência e a permitir que o dinheiro trabalhe autonomamente em proveito do seu titular", defende Jaime Carvalho Esteves, advogado e fundador da J+Legal, num dos textos que integram a obra, parafraseando o livro *Homem Rico, Homem Pobre*, de Irwin Shaw.

jose.rodrigues@dinheirovivo.pt

79 VOZES PELA LITERACIA FINANCEIRA
Iscte Executive Education
Oficina do Livro
608 páginas

Brett Savill e Serge Stroobants
“É muito mais difícil construir a paz do que perdê-la”

PESQUISA Em Portugal para aprofundar projetos com a sociedade civil, o diretor de operações e o diretor para a Europa do grupo de reflexão Instituto para a Economia e Paz levantaram um pouco o véu sobre o próximo *Índice Global da Paz*, a publicar em meados do mês.

ENTREVISTA **CÉSAR AVÓ**



Como é que medem a importância do *Índice Global da Paz*?
Brett Savill: O Instituto para a Economia e Paz pensa no impacto, e esse impacto provém, antes de mais, da consciencialização. Por isso medimos o número de cursos universitários que o ensinam, medimos o número de atos legislativos em todo o mundo que o utilizam, medimos quantas pessoas acedem aos nossos relatórios e quantos artigos são escritos sobre o trabalho que fazemos. E depois, em termos do trabalho específico que fazemos com organizações individuais, medimos o quanto elas o utilizam.

Mas considera existir um impacto crescente?
Bem, estamos numa triste situação, pois o mundo está a tornar-se menos pacífico, por isso a mensagem é cada vez mais importante. Vemos que os *downloads* [do relatório], as referências em artigos noticiosos e em publicações académicas aumentam todos os anos, por isso é importante. E penso que isso se deve, em parte, ao facto de estarmos a fazer um bom trabalho, mas também porque é muito mais relevante agora, uma vez que o mundo está a tornar-se menos pacífico de ano para ano.

Em sentido oposto, qual é o melhor exemplo de pacificação de um país ou de uma região nas últimas décadas?
Temos a paz negativa, que é a ausência de violência, e a paz positiva, que são as condições em que a sociedade humana prospera. Durante muitos anos o número um foi a Islândia. É um país muito pequeno, o que torna as coisas um pouco mais fáceis, mas o que é invulgar na Islândia é que, dadas as condições muito duras em que vivem, há um enorme sentido de pertença e de partilha que não se vê em países maiores. Historicamente, na Islândia, se alguém vai dar um passeio e há uma tempestade, as portas são deixadas abertas e as pessoas sentem-se felizes por alguém entrar e se abrigar da tempestade. É uma sociedade invulgarmente aberta. O que descobrimos é que quando se tem esta paz positiva elevada, recupera-se muito mais rapidamente de uma catástrofe natural ou de uma provocada pelo homem. No caso da Islândia, o colapso do sistema bancário foi horrível, mas a sociedade recuperou muito rapidamente devido a esta paz positiva.



> *“Portugal é um caso de estudo interessante. Se olharmos para os países com melhor desempenho, todos são ricos. Mas Portugal ocupa o sétimo lugar em termos de índice de paz positiva, e esse índice é muito superior ao seu PIB.”*

Serge Stroobants: Nos 17 anos em que o índice tem sido produzido houve subidas significativas. O Butão é um bom exemplo de um país que subiu constantemente a escada do *Índice Global da Paz* e que se tornou efetivamente cada vez mais pacífico. O índice analisa 23 indicadores, como a implicação em conflitos, internos e externos, e a proteção e a segurança no seio da sociedade. Depois, analisamos os níveis de militarização. É um retrato do que está a acontecer na sociedade. Quando a classificação é feita, a questão que se põe é: o que fazer em relação a essa classificação? Como se pode melhorar? É aqui que entra em ação o conceito de paz positiva, que analisa de forma sistémica as estruturas, as instituições e as atitudes que devem ser postas em prática para criar mais resiliência e sociedades mais pacíficas. É aqui que é necessário fazer o investimento para se melhorar no *Índice Global da Paz*. Também vemos as tendências a mudar ao longo do tempo, e penso que uma das mudanças mais impressionante ao longo do tempo é, de facto, os níveis de militarização. Ao longo dos últimos 15 anos verificámos que o nível de conflito, a implicação do conflito, teve um impacto negativo nos níveis de paz em todo o mundo, com um aumento de quase 5%, impulsionado pelo conflito. A segurança e a proteção mantiveram-se ao mesmo nível, mas assistimos a uma inversão de tendência, há dois ou três anos, no investimento nas Forças Armadas, depois de durante uma década se registar uma diminuição desse investimento.

O investimento dos países da NATO em armas e munições reflete-se de alguma forma no índice?
Claro que está relacionado com o compromisso de 2% do PIB para os países da NATO. E quando a NATO diz que o aumento é de 2%, na realidade é um aumento de 7% do dinheiro que é gasto nas Forças Armadas. Mas é também uma consequência da nova ordem mundial em que vivemos, que é muito mais competitiva no que diz respeito ao uso das Forças Armadas, e está também, naturalmente, relacionada com mais conflitos, mais militarismo, maior necessidade de contenção da violência, maior investimento nas forças de segurança, internas e externas, ou seja, forças militares e policiais. E vemos isso também no *Índice Global da Paz*. Os países que estão no topo do índice, como Portugal, estão sempre no *top* 10, e parabéns por isso. Mas é uma democracia liberal ocidental: pequenos Estados como o meu país, a Bélgica, que não têm uma indústria de defesa e não são afetados por todas estas revoluções geopolíticas. Por isso esses países estarão sempre no topo do índice. Quando se trata de um país maior, com mais implicações geopolíticas, com uma indústria de defesa, é lógico que um maior investimento nesta área o fará descer no índice, uma vez que se trata de um dos três principais pilares dos indicadores.

B.S.: Portanto, se pensarmos na paz como a ausência de violência e



A papoila, símbolo das comemorações dos militares mortos na I Guerra Mundial, em pano de fundo do britânico Brett Savill e do belga Serge Stroobants (à direita).

FOTOGRAFIAS DE LEONARDO NEGRÃO / GLOBAL IMAGENS

de ameaça de violência, se tivermos de gastar mais em segurança interna ou mais em segurança externa, isso indica de facto que existe uma ameaça. Portugal é um caso de estudo interessante. Se olharmos para os países com melhor desempenho, todos eles são ricos. Mas, na verdade, Portugal ocupa o sétimo lugar em termos de índice de paz positiva, e esse índice é muito superior ao seu PIB. Portanto, Portugal está a fazer alguma coisa de positivo. Não estamos a dizer isto apenas porque sim, mas há que reconhecer o mérito onde ele existe.

Deixe-me insistir, porque a Islândia não saiu de uma guerra. Há algum exemplo positivo de pacificação?

S.S.: Timor-Leste penso que é o exemplo das últimas décadas, em que se entrou realmente num conflito, na transformação do conflito, e depois saiu-se dele e encontrou-se uma boa forma de começar a investir na paz positiva. E, claro, e penso que isso também tem de ser dito, é um país muito pequeno, onde os principais países começaram a investir, como a Austrália, por exemplo. Mas podemos citar outros exemplos. Quando olhamos para o Médio Oriente, o Iraque, por exemplo, está hoje numa situação muito melhor do que há 10 anos. Também produzimos um *Índice Global de Terrorismo,* que analisa o impacto relativo do terrorismo, e é um dos 23 indicadores que utilizamos no *Índice Global da Paz.* O impacto do terrorismo neste país foi reduzido em termos expressivos, mais de 80% do que há cinco anos. Mas sair de um conflito e subir na escada do índice de paz é muito, muito difícil. Podemos perder os nossos níveis de paz por vezes em dois dígitos, 10%, 15%, 20% por ano. Construir a paz só chega com 0,1%, 0,2% por ano. É muito mais difícil construir a paz do que perdê-la e cair na armadilha da violência. A paz é algo realmente valioso. Por isso, quando a tivermos, continuemos a investir nela e a manter os nossos níveis de paz, porque podemos perdê-los muito, muito rapidamente. Talvez para responder à sua pergunta ao contrário veja a Ucrânia. O país estava em 67.º lugar no índice de paz mundial e em menos de dois anos caiu para o 157.º lugar entre 163.

B.S.: Se usarmos o nosso modelo económico, o custo da guerra é de 17,5 biliões de dólares, o que equivale a 2500 dólares por cada homem, mulher e criança no mundo. E isso é 10 vezes o investimento direto estrangeiro em todo o globo, 10 vezes o montante da ajuda externa fornecida. Portanto, parte do nosso trabalho é... Existe esta frase em português? A luz do sol é o melhor desinfetante?

Não. Mas faz sentido.

Sim, faz sentido. Por isso mostrem os factos e as pessoas, com sorte, tomarão a decisão certa. Ou uma decisão melhor.

Então não concorda genericamente com o velho adágio segundo o qual se quisermos viver em paz temos de nos preparar para a guerra?

Não estamos a propor que se descartem as armas, porque sabemos que a defesa é necessária. Acreditamos que também é necessária alguma forma de defesa e algum tipo de segurança interna. É uma questão de saber qual é o equilíbrio correto para um determinado país num determinado estado do seu desenvolvimento.

S.S.: É necessário criar sociedades em que a necessidade de segurança seja reduzida ao mínimo. Assim, o investimento que se faz na polícia, nas forças paramilitares ou nas Forças Armadas é reduzido também ao mínimo. Dos 17,5 biliões de dólares, quase 80% desse valor são dedicados à contenção da violência. Cerca de 43%-44% são destinados às Forças Armadas, 28%-29% às forças de segurança interna e à polícia. E cerca de 17%, uma percentagem cada vez maior, são empresas militares e de segurança privadas, como o Grupo Wagner ou outras. A mensagem que queremos transmitir é a da paz positiva, de que é preciso criar círculos virtuosos na sociedade através da paz positiva. Se tivermos níveis elevados de paz positiva, as pessoas serão mais felizes, terão níveis elevados de bem-estar, desenvolvimento económico e serão mais resistentes. Por isso as suas frustrações e queixas serão menores, não gerando violência ou implicando níveis de violência muito baixos, e será possível investir menos na contenção da violência. E todas esses recursos económicos que não são investidos no Exército ou nas forças policiais podem ser reinvestidos para criar uma sociedade melhor e mais pacífica. Se entrarmos nesse círculo virtuoso, a necessidade de forças de segurança, internas e externas, é muito menor.



"Se olharmos para a região onde a maioria dos fatores estratégicos se cruzam e criam um elevado potencial de violência, a nossa atenção deve ir para a África Subsariana, em especial a região do Sara."

O Médio Oriente foi a região que mais se agravou no novo índice? Decisões institucionais, como o reconhecimento do Estado da Palestina, ou deliberações do Tribunal Internacional de Justiça podem dar um impulso decisivo para o fim ou para o abrandamento da guerra Israel-Hamas?

B.S.: Para responder à sua primeira pergunta, não. É a Ucrânia e a Rússia. Porque se trata de um estudo de 2023, não incorpora totalmente os últimos desenvolvimentos no Médio Oriente.

S.S.: Vou dar-lhe a minha opinião pessoal: será necessário muito mais do que uma simples detenção ou um acórdão do Tribunal Internacional de Justiça para aproximar dois povos e permitir-lhes viver com dignidade. E não é só em Gaza, é também na Ucrânia, é na Etiópia, que continua a ter um grande número de vítimas anualmente. Sobre o Médio Oriente e o Norte de África podemos afirmar que temos visto a atenção centrada nessa região ao longo da última década, sem dúvida. Mas a ameaça da violência e a ameaça do conflito são em termos mundiais. E se olharmos para a região onde a maioria dos fatores estratégicos se cruzam e criam um elevado potencial de violência, hoje e no futuro, então a nossa atenção deve concentrar-se na África Subsariana. Porque a África Subsariana, e em especial a região do Sara, é hoje o epicentro do terrorismo e alberga 80% dos países que constituem os pontos críticos que identificamos no relatório sobre ameaças ecológicas, que analisa os países mais afetados por ameaças ecológicas e com menor capacidade de resistência para as enfrentar. Pode ver-se com clareza que esta é atualmente a região em que estão presentes e se cruzam muitos fatores estratégicos, de influência e de segurança. Por isso, se quisermos focar-nos nos terrenos onde os conflitos estão mais presentes neste momento, gerando elevados níveis de vítimas e onde a situação não vai melhorar nos próximos anos, então devemos concentrar-nos na África Subsariana em geral e, definitivamente, também no Sahel.

Em meados do mês realizar-se-á uma conferência de paz sobre a Ucrânia na Suíça. No entanto, a Rússia não irá participar. É possível lançar as sementes da paz nestas circunstâncias?

O resultado desta guerra terá de ser um acordo de paz negociado, especialmente para a Europa. Esta é novamente a minha opinião pessoal. Não creio que uma vitória de qualquer um dos lados seja muito positiva, porque haverá sempre uma situação pós-conflito em que precisaremos de ter uma relação com a Ucrânia, mas também uma relação com a Federação Russa do outro lado. A organização de uma cimeira como esta seria uma boa oportunidade para pensar estrategicamente e também para trazer à mesa as partes interessadas, como as partes interessadas não habituais. A Ucrânia quer encontrar uma solução para o conflito e não através da violência, mas através da negociação, e isso é algo que deve ser louvado. As hipóteses de sucesso, claro, se o outro ator principal não estiver presente, são muito reduzidas, mas pelo menos há uma reflexão sobre a paz no país e na região. Mas, por fim, caberá à Ucrânia e à Rússia sentarem-se à mesa das negociações e encontrarem uma solução para todo o conflito, claro, com o apoio dos aliados e da comunidade regional e global. Mas é preciso compreender o que se está a passar, é necessário voltar às causas profundas geradoras de conflito. Se quisermos resolver os conflitos, temos de ir ao fundo da questão e identificar o que está errado, o que levou ao problema, e temos de ser completamente transparentes, honestos e abertos e abordar cada ponto problemático, um após o outro. É a única forma de chegar a uma paz duradoura. Se não o fizermos, se não investirmos nas coisas certas, então podemos acabar com, diria eu, um acordo de paz que não vai resolver tudo, que vai deixar algumas mágoas, muitos ressentimentos, o que pode levar a outro conflito e a mais violência no futuro.

cesar.avo@dn.pt



NHAC NGUYEN / AFP

Presidente ucraniano esteve em Singapura.

Zelensky acusa China de tentar minar Cimeira da Paz, mas também deixa críticas a Biden

UCRÂNIA Presidente ucraniano discursou no Fórum de Defesa e Segurança de Singapura e falou aos jornalistas.

TEXTO **SUSANA SALVADOR**

O presidente ucraniano, Volodymyr Zelensky, acusou ontem a China de tentar impedir outros países de participarem na Cimeira da Paz na Ucrânia, que vai decorrer a 15 e 16 de junho na Suíça. Mas as suas críticas não ficaram por aí. Apesar de ter agradecido o facto de o presidente dos EUA, Joe Biden, ter autorizado o uso de armas norte-americanas contra alvos na Rússia, diz que tal "não é suficiente".

"O mundo tem que ser resiliente, tem que ser forte, tem que pressionar a Rússia", disse Zelensky no Fórum de Defesa e Segurança Shangri-La Dialogue, em Singapura. "Não há outra forma de parar [Vladimir] Putin – só o isolamento diplomático, um forte exército ucraniano e que todos os países do mundo não procurem o equilíbrio entre a Ucrânia e a Rússia, mas defendam a justiça e a lei internacionais", acrescentou.

À margem do fórum, Zelensky mostrou-se desapontado por muitos líderes mundiais ainda não terem confirmado a sua presença na cimeira na Suíça – sem referir a China ou os EUA (Biden ainda não disse se estará presente). Do lado de Pequim, a porta-voz do Ministério dos Negócios Estrangeiros, Mao Ning, defendeu que a cimeira devia contar com a presença também da Rússia, considerando que sem isso será "difícil" desempenhar um "papel substancial na restauração da paz".

O presidente ucraniano disse aos jornalistas que a China tem apoiado os esforços da Rússia para impedir alguns países de participar na Cimeira da Paz. "Infelizmente, a Rússia, usando a influência chinesa na região, usando diplomatas chineses também, está a fazer tudo o possível para perturbar a Cimeira da Paz. É lamentável que um país tão grande, independente e poderoso como a China seja um instrumento nas mãos de Putin. A Ásia precisa de saber o que está a acontecer na Ucrânia. Precisamos do apoio dos países asiáticos."

Em Singapura, Zelensky esteve reunido com o secretário de Defesa dos EUA, Lloyd Austin. Na rede social X, o presidente ucraniano disse que no encontro discutiram "necessidades de defesa" da Ucrânia, "o reforço do sistema de defesa aérea" do país, "a coligação F-16 e a elaboração de um acordo bilateral de segurança".

Zelensky tem dito estar grato a Biden por permitir o uso de armas fornecidas pelos EUA contra alvos na Rússia, junto às regiões fronteiriças de Kharkiv. "É suficiente? Não", disse, alegando que a Rússia lança os seus ataques "nas calmas", desde determinadas bases aéreas, sabendo que a Ucrânia "não pode retaliar" porque não tem permissão para tal.

Ontem, nove pessoas terão ficado feridas nos ataques ucranianos contra alvos nas regiões russas de Belgorod e Kursk, junto à fronteira. "Seis civis ficaram feridos no bombardeamento da cidade de Shebekino", disse o governador de Belgorod, Vyacheslav Gladkov, no Telegram. Os seis terão sido atingidos por estilhaços.

A Ucrânia alega estar a atingir alvos militares a partir de onde a Rússia tem lançado os ataques com drones que têm destruído as infraestruturas do setor energético no país – a central de Dnipro, por exemplo, estará em estado crítico após ter sido atingida nos ataques na noite de sexta-feira para sábado.

susana.f.salvador@dn.pt

Gallant diz que Israel avalia um governo alternativo ao Hamas em Gaza

FUTURO Gabinete de Guerra ia reunir ontem à noite para discutir o plano de trégua que Biden apresentou e que Netanyahu está a ser pressionado a aceitar.

O ministro da Defesa israelita, Yoav Gallant, afirmou ontem, num encontro com tropas destacadas na Faixa de Gaza, que Telavive está "a avaliar um governo alternativo ao Hamas" após a guerra no enclave palestiniano. E prometeu que a guerra não acabará até as capacidades militares e governamentais do grupo terrorista terem sido desmanteladas.

"Isolaremos áreas [em Gaza], expulsaremos membros do Hamas dessas áreas e vamos trazer outras forças que permitirão a formação de um governo alternativo", disse Gallant sem dar mais detalhes, mas referindo-se a essa liderança como uma "alternativa que ameace" o grupo islamita palestiniano no poder no território desde 2007.

Além disso, assinalou que o ataque terrestre e aéreo a Rafah, no Sul do enclave, serviu para destruir os túneis que ligam a Faixa de Gaza ao Egito, que disse serem usados para o contrabando de armas, o que ajudará a impedir a recuperação do Hamas.

O ministro da Defesa insistiu que a atual ofensiva, juntamente com a criação de um governo alternativo, garantiria dois dos objetivos de Israel na guerra: eliminar o Hamas como autoridade dominante e militar na Faixa e o regresso dos 121 reféns que permanecem no território palestiniano.

"Não aceitaremos o governo do Hamas em Gaza em qualquer fase de qualquer processo que vise acabar com a guerra", disse Gallant, aludindo às negociações em curso, mediadas pelo Egito, Qatar e EUA.

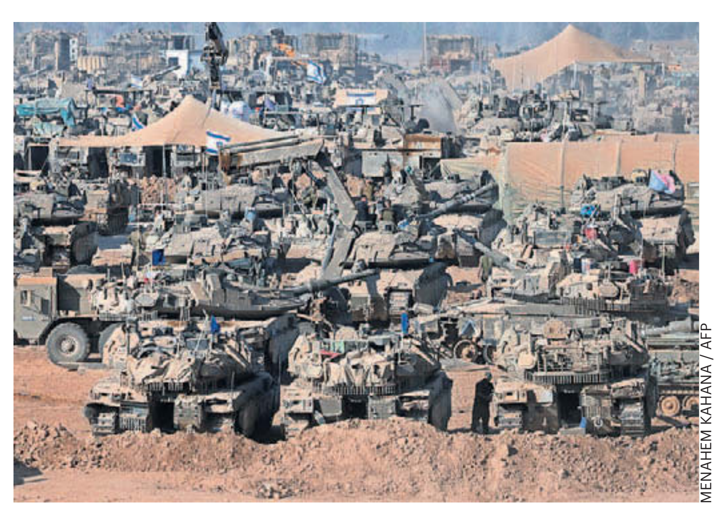
Na sexta-feira, o presidente dos EUA, Joe Biden, divulgou uma proposta de trégua consensual com Israel, na qual, em três fases, ambas as partes alcançariam o cessar-fogo permanente desejado pelo Hamas e a libertação dos reféns exigida pelo Executivo israelita.

O Hamas exige um compromisso israelita para "alcançar um acordo que leve a um cessar-fogo abrangente, uma retirada completa de Gaza e a entrada irrestrita de ajuda para abrigar e ajudar os deslocados", disse ao canal Al-Jazeera Osama Hamdan, alto dirigente do grupo palestiniano.

O primeiro-ministro israelita, Benjamin Netanyahu, que está a ser pressionado a aceitar o acordo, afirmou num comunicado que as suas condições para pôr fim à guerra – a destruição prévia das capacidades militares e governamentais do Hamas, a libertação dos reféns e a garantia de que a Faixa Gaza já não representa uma ameaça para Israel – não vão mudar.

O Gabinete de Guerra israelita tinha previsto reunir-se ontem à noite para discutir a proposta apresentada por Biden.

Entretanto, no Norte de Israel o Hezbollah reivindicou uma série de aproximadamente 40 ataques contra bases militares. Pelo menos duas pessoas terão ficado feridas, segundo os israelitas. **DN/LUSA**


MENAHEM KAHANA / AFP

Tanques israelitas junto à fronteira no Sul da Faixa de Gaza.

Presidência da Islândia: empresária vence ex-PM

A empresária Halla Tómasdóttir venceu a ex-primeira-ministra Katrín Jakobsdóttir e em agosto vai ser a próxima presidente da Islândia. É a segunda mulher a ocupar este cargo – Vigdís Finnbogadóttir foi a primeira do mundo a ser eleita democraticamente chefe de Estado, sendo presidente de 1980 a 1996. O cargo é principalmente cerimonial e simbólico, já que o país de 380 mil habitantes é uma república parlamentar, apesar de a titular ter o poder de vetar leis ou submetê-las a referendo.

Ainda antes de serem conhecidos os resultados oficiais das eleições de sábado, Jakobsdóttir, de 48 anos, reconheceu a derrota para Tómasdóttir, de 55. A fundadora da empresa de investimentos Audur Capital teve 34,3% dos votos, contra 25,5% de Jakobsdóttir, que renunciou em abril à chefia do governo para concorrer à presidência. Tómasdóttir também é CEO da The B Team, uma organização sem fins lucrativos cofundada pelo bilionário britânico Richard Branson para promover práticas comerciais com foco humanitário.

As sondagens apontavam para uma disputa muito mais acirrada e Jakobsdóttir, ex-líder do Movimento da Esquerda Verde, era vista como favorita. Mas vários analistas apontaram o facto de ter servido como primeira-ministra como uma fraqueza, uma vez que lhe dava um perfil muito político. **AFP**



Halla Tómasdóttir
Presidente eleita da Islândia

Trump admite ir preso, mas avisa que os apoiantes não vão aceitar

EUA Sentença do ex-presidente será conhecida a 11 de julho. Republicano está a aproveitar a condenação, com a sua campanha a angariar 50 milhões de dólares em menos de 24 horas.

O ex-presidente Donald Trump admite ir preso ou cumprir prisão domiciliária, depois de ter sido condenado por 34 crimes de falsificação de registos empresariais para esconder a compra do silêncio de Stormy Daniels. Mas avisa que a situação será diferente para os seus apoiantes, admitindo que isso poderá ser um "ponto de rutura" e lançando receios de possível violência em torno das eleições de novembro. A sentença será conhecida no dia 11 de julho, dias antes da convenção republicana.

"Estou bem com isso", mas "não tenho a certeza se o público aceitaria isso", disse Trump numa entrevista ao programa *Fox and Friends*, da Fox News, quando questionado sobre a possibilidade de cumprir pena de prisão após a sua condenação histórica num tribunal de Nova Iorque. "Acho que seria difícil para o público aceitar. Sabe que, num certo ponto, há um ponto de rutura", acrescentou.

O candidato republicano às eleições de novembro disse que o julgamento foi "muito difícil" para a sua mulher, Melania, cuja ausência foi notada em tribunal. Na base da acusação contra Trump estavam os pagamentos feitos a uma antiga estrela pornográfica para que não revelasse o caso que ambos teriam tido – algo que o ex-presidente sempre negou. Independentemente da sentença, Trump já indicou que vai recorrer da condenação – a primeira de um antigo chefe de Estado norte-americano.

Numa entrevista ao *Daily Mail*, Stormy Daniels defendeu que o ex-presidente deve ser condenado a pena de prisão e a algum serviço comunitário, "trabalhando para os menos favorecidos ou sendo saco de boxe voluntário num abrigo para mulheres".


LUKE HALES / GETTY IMAGES VIA AFP

Trump num evento de artes marciais, onde gravou o primeiro TikTok.

As palavras de Trump aumentam o receio de violência em torno das eleições – basta lembrar o que aconteceu no dia do ataque ao Capitólio –, mas para o ex-presidente a condenação tem sido mais uma oportunidade para fazer campanha. Na sexta-feira, a sua equipa disse ter angariado 50 milhões de dólares em pequenas doações *online* em apenas 24 horas. Os donativos foram tantos que o sistema informático foi abaixo, revelaram. O ex-presidente deverá continuar a aproveitar este e os outros processos judiciais de que é alvo para angariar mais apoios.

Entretanto, está também a focar-se nos eleitores mais jovens, estreando-se no TikTok – a rede social de origem chinesa que tentou banir quando estava na Casa Branca por questões de segurança nacional. O TikTok tem cerca de 170 milhões de usuários nos EUA. O primeiro vídeo de 13 segundos, publicado no sábado, mostra o ex-presidente a entrar num evento de artes marciais mistas em Nova Jérsia, ao som da música de Kid Rock *American Bad Ass*. **S.S. com AFP**



YASIN AKGUL / AFP

Mourinho foi ovacionado pelos adeptos turco e fez questão de retribuir o carinho.

YASIN AKGUL / AFP



TWITTER FENERBAHÇE

Treinador em cima com o presidente do clube e adeptos em festa.

Mourinho leva adeptos à loucura: "Esta camisola é a minha pele"

FENERBAHÇE Treinador português, que assinou por duas épocas e vai ganhar 10 milhões/ano, teve uma receção à altura. Fez questão de dar uma volta olímpica ao estádio e tirar fotos com os fãs.

TEXTO **NUNO FERNANDES**

O anúncio foi feito ainda no sábado, inicialmente com uma mensagem do Fenerbahçe nas redes sociais, a pedir aos adeptos para não marcarem programa para o final da tarde de domingo. Horas depois surgiu a confirmação oficial de que Mourinho seria apresentado domingo como novo treinador numa cerimónia no Sukru Saracoglu Stadium às 19.00 locais (menos duas em Portugal). Os entusiastas adeptos do clube de Istambul não faltaram à chamada e ontem mais de 10 mil receberam o *Special One* num clima de completa euforia.

Assim que aterrou na capital turca, por volta da hora do almoço, Mourinho deslocou-se ao exterior do aeroporto na companhia do presidente Ali Koç e do diretor desportivo português Mário Branco, sempre rodeado de vários elementos da polícia local, para cumprimentar os adeptos que o esperavam no local. Voltou depois à pista e seguiu de helicóptero para o estádio, onde acertou os últimos detalhes do acordo e conversou com os responsáveis antes da apresentação oficial.

A romaria ao estádio foi uma constante durante a tarde e às 19.00 locais havia milhares nas bancadas à espera da entrada do treinador. E assim que surgiu no relvado, a loucura foi total.

"Normalmente um treinador é amado depois de vitórias, mas neste caso sinto que sou amado ainda antes. Isso é uma grande responsabilidade que sinto e prometo que a partir deste momento pertenço à vossa família. Esta camisola é a minha pele. O futebol é paixão e não há melhor sítio para sentir essa paixão", disse, levando os fãs do Fenerbahçe à loucura.

"Quero trabalhar para o futebol turco, para o campeonato turco. Quero ajudá-lo a evoluir, mas o mais importante para mim não é futebol turco ou o campeonato. O mais importante é o Fenerbahçe! A partir do momento em que assinei os vossos sonhos são os meus sonhos", acrescentou, ouvindo mais uma enorme ovação e assinando o contrato com o clube turco.

> Mourinho já conquistou os adeptos com um discurso de união e esperança: "A partir do momento em que assinei os vossos sonhos são os meus sonhos", disse, perante um estádio com milhares de fãs que o ovacionaram.

A loucura era total, como normalmente acontece na Turquia sempre que chega ao país uma grande figura do futebol internacional, um país onde os adeptos vivem de forma apaixonada e vibrante o futebol. E por isso Mourinho quis retribuir: deu uma volta olímpica ao estádio e foi junto das bancadas tirar fotografias e distribuiu autógrafos pelos adeptos.

Antes do final da cerimónia, foi exibido um vídeo do treinador no écran do estádio, e para hoje está agendada a conferência de imprensa com a presença dos jornalistas, a partir das 14.00 locais (menos duas em Portugal Continental).

Em declarações à imprensa turca, Ali Koç, presidente do Fenerbahçe, confessou que ele próprio ficou surpreendido com o sim de José Mourinho ao seu convite. "Perguntei a Mourinho 'porquê nós?' e ele respondeu 'o único objetivo não é apenas ser campeão na Turquia, venho também para ter sucesso na Europa'", contou.

10 milhões por época

José Mourinho, que estava sem clube depois de ter sido demitido da Roma em janeiro, assinou um contrato válido por duas temporadas com mais uma de opção.

De acordo com o jornal turco *Fanatik*, o técnico português vai ganhar 10 milhões de euros/época, mais bónus por objetivos conquistados. Para a sua equipa técnica está reservado um bolo de dois milhões.

No histórico clube de Istambul, o técnico português vai trabalhar diretamente com o diretor desportivo português Mário Branco, figura chave na sua contratação. Além de várias reuniões e conversas, Branco entregou ao treinador um dossiê com 120 páginas com todas as informações sobre o Fenerbahçe, desde a equipa de futebol às instalações desportivas do clube, passando por detalhes financeiros e outros temas logísticos.

José Mourinho terá pela frente a missão de acordar o histórico clube de Istambul, que não consegue conquistar o título de campeão desde a temporada 2013-14. Aliás, o último troféu ganho pelo Fenerbahçe, que terminou esta temporada no 2.º lugar do campeonato, foi a Taça da Turquia, em 2022-23, com Jorge Jesus no comando da equipa. O atual campeão Galatasaray é o clube com mais títulos conquistados (24), seguido do Fenerbahçe (19) e do Besiktas (16).

nuno.fernandes@dn.pt

Reviravolta épica coloca sub-17 na final do Europeu

FESTA Portugal esteve a perder por 2-0 com a Sérvia, mas deu a volta ao jogo nos minutos finais. Final é na quarta-feira frente à Itália.

TEXTO **NUNO FERNANDES**

A seleção portuguesa de sub-17 apurou-se ontem para a final do Europeu da categoria, que decorre no Chipre, ao bater a Sérvia por 3-2 na meia-final, num final de jogo dramático com dois golos nos últimos minutos. Quarta-feira, no jogo decisivo, o adversário será a Itália, que eliminou a Dinamarca.

A perder por 2-1 ao minuto 89, a determinação dos jovens portugueses foi premiada com o empate a um minuto do tempo regulamentar, e o golo da vitória já nos descontos, para desespero dos sérvios, que em poucos minutos viam escapar a vitória e a hipótese de prolongamento.

A equipa portuguesa conseguiu uma recuperação notável, após chegar ao intervalo a perder por 2-0, com dedo decisivo do selecionador João Santos, que não teve dúvidas em mudar a equipa, depois do 2-1.

O primeiro golo português surgiu ao minuto 60, após um livre direto cobrado por Geovany Quenda, com a bola a bater na cabeça de Gabriel Silva e a desviar num adversário antes de entrar na baliza. Aos 89', Rodrigo Mora respondeu da melhor maneira a uma assistência de Edgar Mota e quando todos já pensavam nas grandes penalidades, Portugal consumou a reviravolta, aos cinco minutos da compensação, através de Trovisco, de cabeça.

"Nunca desistir. Tem sido esse o lema, portanto aquilo que eu faço aqui é dizer aos meus jogadores que eles não podem desistir nunca do sonho que trazemos. Concretizou-se, podia ter sido mais fácil, fizemos uma grande segunda parte, não entrámos tão bem no jogo, mas acabámos por ter até oportunidades suficientes para não sairmos da primeira parte com aquele resultado", referiu no final o selecionador João Santos.

"Um dos lemas que nós temos no balneário é que quando não há força, há força de vontade. Hoje tem sido isso, nós não nos podemos esquecer que a Sérvia teve mais um dia de descanso e nós fizemos uma segunda parte de luxo, a pressionar a Sérvia, eles com mais dificuldade física que nós. E mesmo com esse cansaço, quando há vontade, a nossa força vem ao de cima", acrescentou.

> "Um dos lemas que nós temos no balneário é que quando não há força, há força de vontade", destacou o treinador João Santos.

Já João Trovisco, autor do golo que permitiu o passaporte para a final, lembrou que Portugal "foi com tudo para a segunda parte": "Acreditámos até ao fim e conseguimos. Nós lutamos até ao fim porque o cansaço nestes momentos é psicológico e ao acreditar até ao fim aconteceu e conseguimos."

Portugal regressa desta forma a uma final de uma prova onde já não estava presente desde 2016. Na altura, a equipa das quinas conquistou o título nas grandes penalidades, frente à Espanha, numa geração onde atuavam nomes que agora integram a seleção principal, casos de Diogo Costa, Diogo Dalot e Rafael Leão.

A final do Campeonato da Europa de sub-17 está marcada para quarta-feira, às 18.30, em Limassol, num jogo onde Portugal terá como adversário a Itália, que ontem bateu a Dinamarca por 1-0, no outro jogo das meias-finais. **Com LUSA**

nuno.fernandes@dn.pt



ANDRÉ SANANO / FPF

A comitiva portuguesa festejou no final... agora segue-se a Itália na final.



REINALDO RODRIGUES/GLOBAL IMAGENS

Bruno Ferreira

“Este é o momento *turning point* do nosso cinema“

ENTREVISTA Conversa com o cineasta vencedor do Prémio Novo Talento nas curtas-metragens do IndieLisboa. *Nunca Mais É Demasiado Tempo* foi o filme que agitou a competição nacional.

TEXTO **RUI PEDRO TENDINHA**

Uma curta que nasce supostamente por acidente. Chama-se *Nunca Mais É Demasiado Tempo*, de Bruno Ferreira, e venceu o Prémio Novo Talento do júri. Prémio justíssimo para um filme que talvez tenha sido o “agrada-multidões” da competição nacional. Cinema livre, puro e com jogo lúdico tão meta como poético. Uma equipa de filmagens sem uma atriz que acerta num plano B de rodagem comandado por uma vidente. Ou o prazer puro de filmar. O DN entrevistou o cineasta, que já antes tinha mostrado coisas novas em *Pas de Confettis* (2018) e *Rastro* (2021).

Vê este Prémio Novo Talento como incentivo?

É ótimo! Além de ser um prémio de “novo talento”, creio que funciona como um afirmar que o meu filme é a revelação nesta competição. Ainda para mais um prémio que já foi ganho no passado por pessoas que admiro bastante. Será também um prémio que vai desbloquear algumas coisas para o futuro e poderá dar algumas perspetivas para financiamentos.

Este foi um ano em que se viu uma vez mais neste festival uma vitalidade muito bonita do cinema português. Como parte integrante desta seleção, sentiu essa energia?

Sim, foi muito fixe. Isso foi muito falado entre os cineastas e até nos discursos de entrega dos prémios. Sinto que está a haver uma sede muito grande em filmar, um fervilhar. Este é o momento *turning point* do nosso cinema. As curtas portuguesas estão muito fortes e com um relevante sentido de colaboração. Por exemplo, o meu filme foi feito sem dinheiro do Instituto do Cinema e do Audiovisual.

> “Tenho dois projetos para longa [metragem] que estão escritos e um deles vou tentar submeter à candidatura de Primeira Obra no instituto. Mas esse é um formato que só poderei alcançar com financiamento.”

A ideia agora é continuar nas curtas-metragens?

Tenho dois projetos para longa que estão escritos e um deles vou tentar submeter à candidatura de Primeira Obra no instituto. Mas esse é um formato que só poderei alcançar com financiamento... É impossível fazer como tenho feito em modo de *rock’n’roll* as minhas curtas. Até lá, vou fazer mais curtas. Não me apetece parar e este acidente planeado deu-me muita pica para continuar a filmar ficção neste formato.

A maneira como filma rostos em todo o seu cinema dá a sensação que é um realizador de atores...

Eu amo atores! Adoro dirigir atores e amo realmente a profissão do ator, o seu *métier*. Os atores são quem mais se expõe num processo cinematográfico. No meu trabalho tento sempre protegê-los ao máximo, criando sempre relações fortes com eles, deixando-os muito à vontade, como se fossem lá de casa.

O que quer dar ao cinema português?

Acima de tudo que as pessoas se entretenham com o meu cinema.

Mas “entreter” não será uma palavra perigosa?

Eu sei que é perigosa. Mas esta pode ser uma altura boa para brincar com aquele fatalismo do cinema português e, a partir daí, rirmo-nos de nós próprios. É preciso não nos levarmos tão a sério. Gosto do equilíbrio entre o riso e o dramático.

Vem da publicidade e dos videoclipes. Não sente que aquele preconceito com cineastas oriundos dessa área já não é o mesmo?

Sim, felizmente tem vindo a desaparecer. A publicidade é uma ótima escola e dá-nos um pensamento rápido, o que é bom. E é com a publicidade que tenho liberdade para ter conexões que me permitem fazer o meu cinema com *rock’n’roll*.

IndieLisboa. *O Ouro e o Mundo*, um Corvo inesperado

PRÉMIOS Terminou ontem o IndieLisboa com uma vitória algo surpreendente nas longas nacionais: *O Ouro e o Mundo*, de Ico Costa, sobretudo depois do “furacão” *Banzo*, de Margarida Cardoso. Nas curtas, Tânia Dinis foi consagrada e na competição internacional o Corvo foi para *Rising up at Night*, de Nelson Makengo.

Podem ser feitos muitos balanços ao IndieLisboa deste ano. A edição que ontem terminou teve muitas salas esgotadas e terá passado a barreira dos 30 mil bilhetes, mas, para além do sucesso comercial do festival, ficará sempre a apanha qualitativa do cinema português. Uma competição que nas longas revelou um momento forte da nossa cinematografia.

Ico Costa venceu com *O Ouro e o Mundo*, mas é bem verdade que a ausência de *Banzo*, de Margarida Cardoso, é quase uma afronta àquele que é bem capaz de ser o melhor filme português dos últimos anos, uma majestosa evocação de um passado colonialista português filmada com uma dolência sedutora por uma realizadora que aqui abre o livro. Ainda assim, teve dois prémios paralelos: Árvore da Vida e o do júri das universidades.

O júri deu o prémio de realização a *Mãos no Fogo*, de Margarida Gil, e a *Greice*, de Leonardo Mouramateus, enquanto nas curtas a vitória foi para uma outra cineasta, Tânia Dinis, em *Tão Pequeninas, Tinham o Ar de Serem Já Crescidas*, uma sensível investigação sobre histórias de criadas idosas no Porto. Um filme de diálogos sinceros, feito com o coração nas mãos e com um questionamento audaz acerca de um passado recente de escravidão patriarcal. Eis uma obra que escapa ao habitual olhar de colocar pitorescas as velhinhas com sotaque.

Na competição internacional, sempre um dos calcanhares de Aquiles do Indie, a vitória sorriu a *Rising Up at Night*, de Nelson Makengo, enquanto a menção do Prémio Especial do Júri foi para *O Auge Humano 3*, de Eduardo Williams, curiosamente em estreia nas salas já esta quinta-feira.

Na secção Silvestre, cada vez mais forte, vitória para um filme já consagrado desde 2023, *A Quimera*, de Alice Rohrwacher, também nas salas já esta semana.

Chamada de atenção para a secção Novíssimos, onde se aposta em nomes emergentes, e aí venceu David Ferreira com *Campos Belos*, surpresa de Guimarães já anteriormente descoberta no Curtas Vila do Conde.



***O Ouro e o Mundo* – Ico Costa filma com realismo extremo histórias de ilusão e miséria na Moçambique destes dias.**

LIVROS DA SEMANA

Como esculpir um romance a partir de um bloco de pedra

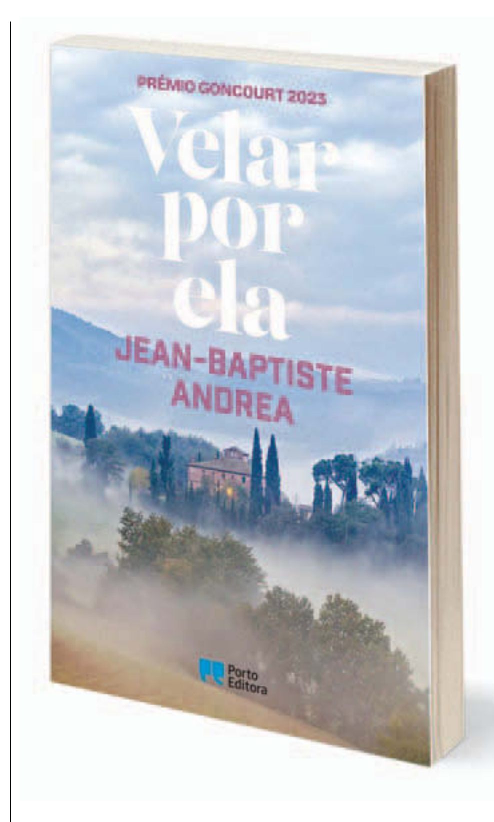
LITERATURA Ao contrário de muitos prémios literários nacionais e internacionais, o Goncourt não costuma falhar quando elege o vencedor. Em 2023, numa luta muito renhida, foram necessários 14 escrutínios para encontrar o romance francês do ano: *Velar por ela*, de Jean-Baptiste Andrea.

TEXTO **JOÃO CÉU E SILVA**

A ascendência italiana do escritor francês Jean-Baptiste Andrea (n. 1971) sobrepôs-se à do país onde nasceu e encontrou na Itália das primeiras cinco décadas do século passado o cenário ideal para contar uma história em *Velar por ela*, que se devora do princípio ao fim com grande intensidade. A mesma energia com que o autor fornece força e génio a um escultor para criar obras que o tornam célebre, apesar de tudo o que lhe acontece nos primeiros tempos de vida prognosticar o contrário. O protagonista, Mimo Vitaliani, nasce pobre, é de tão baixíssima estatura que todos o chamam de anão, órfão de pai e abandonado pela mãe, que o entrega a um tio para cuidar dele, ou seja, sem futuro grandioso pela frente.

Se é desta forma que Andrea dá início ao protagonismo de Mimo no romance, também rapidamente acrescenta um volte-face ao trazer para a narrativa a presença de uma jovem da sua idade, obrigando-o a dividir o papel principal de que se pensava ser dono. Socialmente, a jovem aristocrata Viola pouco tem a ver com o futuro escultor, que se irá afirmando na sua arte nas páginas que se seguem. Que é capaz de sair da poeira que o cobre enquanto ajuda o tio a desbastar a pedra de que irá fazer arte para igrejas e casas de gente abastada. As mãos de Mimo têm a capacidade de transformar os blocos de rocha bruta em estátuas que seduzem a clientela, mesmo que o primeiro grande trabalho que realiza sozinho seja a reprodução em mármore de uma ursa para oferecer a Viola. A família da jovem reconhece a sua genialidade precoce e torna-se mecenas de alguém que deveria por destino permanecer anónimo e ser esquecido, como todos os que pertencem à sua classe social.

Viola é o melhor contraponto a Mimo, uma personagem extremamente especial e a quem o escritor concede uma enorme ambição para alterar as rígidas normas a que as mulheres estavam sujeitas à época, e que por intermédio de uma bizarra amizade permite ao escultor uma afirmação pessoal a que nunca teria acesso. Essa convivência de anos entre ambos é um dos pontos altos do romance e irá permitir um final em muito especial, que encerra o livro de uma maneira inesquecível. Final que também fecha um mistério sobre uma das estátuas que Mimo teria esculpido e que possuía um inexplicável poder, confirmando com *Velar por ela* que se pode esculpir um livro inteiro a partir de um bloco de pedra.



VELAR POR ELA
Jean-Baptiste Andrea
Porto Editora
375 páginas



O quarto romance de Jean-Baptiste Andrea venceu o Prémio Goncourt e é uma poderosa ficção sobre um tempo que não pode ser esquecido.

Até aqui não se foi além de um tema que qualquer outro livro poderia tratar, mas o modo como Jean-Baptiste Andrea o faz torna-o impossível de não ser lido sofregamente. Seja pelas descrições de alguém que não teria direito a tornar-se um escultor reconhecido, seja pelo cenário de uma natureza fascinante daquela região italiana, em que até, por exemplo, o relato das laranjeiras ganha uma expressão inesperada na disputa entre famílias, e também pela introdução de acontecimentos históricos reais como imposição para modelar o mundo que rodeia Mimo e do qual aprende a beneficiar-se.

Vai passar à frente do leitor a Grande Guerra e ainda não está recomposto quando a Segunda Guerra Mundial se impõe, alimentando-se a narrativa da ascensão de Mussolini ao poder e da consequente afirmação da ideologia fascista, bem como do futuro polémico papel do Papa Pio XII em relação ao extermínio dos judeus. Na apresentação do seu romance na Feira do Livro de Lisboa, Andrea comentou o surgimento da extrema-direita em Itália no século XX e de como o ressurgimento dessa ideologia no mesmo país um século depois se tornou uma coincidência preocupante.

Um entre vários paralelos que *Velar por ela* contém, mesmo que não fosse essa a intenção do escritor. O seu objetivo era ficcionar uma figura real, a do escultor Mimo Vitaliani (1904-1986), e montar uma biografia em que os factos da História embatem com os da vida dos cidadãos. Para o fazer, recuperou um género literário que considera estar amaldiçoado, o do romanesco. Aquele em se conta uma história em vez de seguir os modelos comerciais que se têm afirmado nos filões editoriais dos últimos tempos. Encaixar *Velar por ela* como pertença a um filão que tem vindo a perder gás não é uma questão para Jean-Baptiste Andrea, nem para o júri do Goncourt, que galardoou o romance, antes o melhor registo para escrever a história que queria.

Também não se consegue encontrar no livro uma influência fundamental da sua anterior profissão, a de realizador de cinema, porque, mesmo sendo o romance muito cinematográfico, o leitor apenas se beneficia dos cenários que se assemelham aos que poderiam ser projetados num ecrã de cinema para melhor compreender a narrativa do livro.

LANÇAMENTOS



EU CANTO E A MONTANHA DANÇA
Irene Solà
Cavalo de Ferro
192 páginas

DA CATALUNHA

Basta ler as primeiras páginas de *Eu Canto e a Montanha Dança* para o leitor perceber que está perante uma voz diferente entre as que nascem na Península Ibérica. A da escritora Irene Solà, presa geograficamente pela existência física dos Pirenéus, não escapa a esta fronteira mas gera um romance inesperado, dominado por uma personalidade criativa muito própria. Este seu segundo romance tem início com um raio que mata um homem e logo nesse momento a narrativa fica embebida de uma mitologia própria da região, cercada por uma prosa cerrada no início, que se irá libertando desse espartilho gradualmente.



BETÂNIA
Filomena Marona Beja
Parsifal
160 páginas

DE PORTUGAL

A reedição de *Betânia* confirma, quase duas décadas e meia depois, a surpresa que este segundo romance de Filomena Marona Beja (1944-2023) provocou à época. Estamos numa Lisboa entre os anos 50 e 70 que a escritora recupera como cenário para a sua protagonista, Marta, iluminando as características de uma sociedade demasiado esquecida. Um dia a dia, em muito feminino, que se sobrepõe a um período histórico não tão distante assim e que destaca causas que ainda permanecem.



O ARCO-ÍRIS
Yasunari Kawabata
D. Quixote
207 páginas

DO JAPÃO

Em *O Arco-Íris* confrontam-se duas irmãs perante um Japão que ressurge depois de um devastador envolvimento na II Guerra Mundial, com um olhar que à época surpreendia devido ao grande desconhecimento de uma sociedade longínqua e rodeada de mitos muito próprios do conflito, que antecederam o cenário deste romance.


O Cella Bar foi palco de algumas ações do Fringe Festival.

Artes para todos, à solta na ilha-montanha

AÇORES São escritores, artistas plásticos, *performers* e músicos que todos os anos, por esta altura, tornam o Pico o epicentro cultural do arquipélago. É o Azores Fringe Festival, que já vai na 12.ª edição.

TEXTO **MARIA JOÃO MARTINS***

No Pico, a navegação não se faz à vista de terra, mas leva por guia o romance *Pedras Negras*, do escritor picaroto José Dias de Melo (1928-2005), perseguido pela PIDE pela ousadia de escrever sobre o abandono a que a ditadura votava estes ilhéus, já desafiados pela natureza. É por isso que, ano após ano (e já vamos na 12.ª edição), o Azores Fringe Festival, com epicentro no Pico, promove um encontro literário a que dá o nome de "Pedras Negras", que tem por objetivo pôr em diálogo informal nomes consagrados da literatura nacional, açorianos ou não, com candidatos a escritores ou, pura e simplesmente, com público interessado.

No centro de tudo está o autêntico furacão benigno que é Terry Costa, diretor artístico do Fringe e da entidade que o promove, a Associação Miratecarts. Ele faz os convites, arranja os apoios indispensáveis à realização do evento, põe pessoas em rede, vai buscar e levar os convidados ao aeroporto, certificando-se sempre de que o voo se realiza – afinal, faz parte da condição insular saber que a meteorologia é soberana.


O poeta Eduíno de Jesus foi homenageado durante o evento.


O escritor Valter Hugo Mãe (à direita) à conversa com Terry Costa.

É o próprio que nos recorda como tem evoluído o "Pedras Negras": "O encontro já tem 10 anos e começou por ser um evento pequeno, em que os artistas locais conviviam uns com os outros. Uma década depois, numa ilha rural e sem cidade, tivemos audiências com quase 200 pessoas. Conseguimos vender livros de autores que não são de cá, alguns nem sequer são dos Açores."

Convidado especial

Este ano, o "Pedras Negras" teve, pela primeira vez, um convidado especial, neste caso vindo do continente: o escritor Valter Hugo Mãe. "Era algo que eu tinha vindo a pensar e posso dizer que correu muito bem", diz-nos ainda Terry Costa. "Ele teve o seu evento, na abertura do festival, mas apareceu noutros momentos e houve sempre um diálogo muito estimulante."

Para além de Valter, participaram, entre outros autores, Alexandre Borges, Pedro Almeida Maia, Diana Zimbron, Henrique Levy, Vítor Teves, o dramaturgo e encenador Peter Caan (da companhia de teatro, sediada em Angra do Heroísmo, Cães do Mar) e a agente literária Marta Ferreira.

Mas, sem margem de erro, importa dizer que o momento mais emotivo deste "Pedras Negras" foi a homenagem ao poeta Eduíno de Jesus, nome grande da poesia nacional, nascido em São Miguel há 96 anos. Na presença do próprio, no Auditório Municipal da Madalena, o professor e ensaísta Pedro Paulo Câmara comparou-o a Afonso da Maia (avô de Carlos da Maia no romance de Eça de Queirós *Os Maias*) e referiu-se-lhe "como homem de longos silêncios, dono de palavras múltiplas, que se aninham no seu regaço, como se delas fosse pai, mãe, capataz, patrão, senhor ou deus".

Esta multiplicidade de vozes é, para o poeta Vítor Teves, que esteve no festival para lançar o livro *Amarna – Odes Altermodernas* (edição Poesia Impossível), um dos grandes atrativos do evento: "É a terceira vez que estou no Fringe e reconheço nele uma dimensão regional. É importante descentralizar nos Açores as apresentações dos livros, por exemplo. O Fringe abarca todos os estilos, sem qualquer preconceito. A mim, permitiu-me fazer uma apresentação satírica, ao meu estilo, num espaço tão especial como o Cella Bar." Para o poeta, o que distingue o Fringe de outros festivais é "o seu caráter agregador e afetivo, no sentido em que cada pessoa é livre de expor o seu pensamento e expressão. Por outro lado, a vinda de pessoas como o Urbano Bettencourt, no ano passado, ou o Eduíno de Jesus, este ano, dão-lhe um peso e uma importância cultural muito grande".

Mas se a literatura dominou o arranque da iniciativa, muito mais se tem feito, não só no Pico, mas também em São Jorge e no Corvo. Nas últimas semanas tem havido atividades de artesanato, pintura ao vivo, teatro, música e muito cinema, com a exibição de curtas-metragens de diversos países (o programa shorts@fringe). Muito marcantes foram também as *performances* apresentadas, na Madalena, pela Companhia Cães do Mar, com o espetáculo *A Balada de Portuguese Joe* (focada na emigração dos açorianos para os Estados Unidos), mas também a muito disruptiva *performance* da italiana Sara Lisanti, *Muta-Morfosi*. Isto sem esquecer o roteiro de sorrisos de pedra da escultora Helena Amaral, que leva os visitantes aos pontos mais recônditos da ilha.

Em jeito de desabafo, Terry admite, num curto momento de pausa, frente ao mar, que "a logística de tudo isto é um bocadinho louca". Educado no Canadá (para onde a sua família emigrara), começou cedo "a participar no movimento Fringe [iniciado em 1947 na cidade de Edimburgo, engloba mais de 300 festivais pelo mundo] e no espírito de liberdade e expressão, sem julgamento, que este preconiza". De regresso à ilha dos seus mais velhos, não se assustou com a dureza do solo e a omnipresença da montanha. Afinal, já Vitorino Nemésio admitia (em *O Corsário das Ilhas*) que, "de todos os açorianos, foi o picaroto que levantou a enxada mais alto e cavou mais fundo".

**A jornalista viajou a convite da organização.*

Da rocha faz-se o vinho... biológico

AÇORES A celebrar 10 anos de produção da vinha da ilha do Pico, a Azores Wine Company aponta o caminho futuro depois do trabalho de recuperação de vinhas centenárias.



A adega que é também um restaurante e um (mini)hotel.



Filipe Rocha fundou, em conjunto com António Maçanita, a Azores Wine Company.



As vinhas crescem entre os muros de rocha que as protegem do vento.

TEXTO **FILIPE GIL**

A comemorar a primeira década de existência, os responsáveis da empresa vinícola Azores Wine Company estão a plantar o futuro. Comecemos por aí mesmo. Filipe Rocha, que com António Maçanita fundou a empresa em 2014, passou por Lisboa e com o DN partilhou os próximos passos da empresa: "Toda a área de produção está em processo de certificação para biológico. A ideia é replicar como faziam os nossos avós. E o mais interessante é que já há outras pessoas na ilha [Pico] a fazer o mesmo." Antes da conversa prosseguir, e para esclarecer o leitor, há que perceber o que diferencia dos outros o vinho dos Açores na boca – ou no copo, se preferir. Filipe Rocha responde de imediato: é um vinho fresco "mineral, de origem vulcânica, com um toque de sal. E é uma combinação particular de vinhos que têm muita textura e toque de mar".

Apesar de o ressurgimento dos vinhos do Pico ser recente e potenciado por empresas como a Azores Wine Company, entre outras, há uma história com centenas de anos que começou quase ao mesmo tempo que o início do povoamento da ilha (entre 1460 e 1480). Poucas décadas depois, está documentado, existiam já mais de 15 mil hectares de vinhas e "100 anos após o povoamento já se falava do vinho e das castas plantadas, entre as quais a Verdelho, e existia alguma indústria em redor do vinho", explica Rocha, açoriano de São Miguel. Contudo as doenças – o oídio e depois a filoxera –, em meados do século XIX, entraram com força na região. Mas se o continente europeu recuperou, os Açores não. A indústria colapsou e "desapareceu praticamente", explica Filipe, elucidando que o que ficou foi "a cultura do vinho feito em casa".

> Ao todo, foram recuperados 120 hectares de vinhas na ilha, "um trabalho que demorou três anos, com 30 homens por dia a cortar o mato, a repor os muros", explica Filipe Rocha.

Mais tarde, em 2004, com a elevação do Pico a Património Mundial, deu-se o início da mudança de paradigma, isto numa altura em que existiam 120 hectares de vinha, cerca "de 1% do que havia anteriormente", recorda. Contudo, foi-se criando uma bolsa de resistência de certas castas ao longo da ilha, sobretudo das autóctones Arinto dos Açores ou Terrantes do Pico. A partir de 2004, com alguns apoios do governo regional para incentivar o cultivo de vinho na "difícil ilha de basalto", existiu com algum sucesso e a área de vinha mais do que duplicou. Apesar disso, não criou a apetência suficiente para estabelecer um investidor de vinhos", explica Filipe, acrescentando o importante papel da Cooperativa do Pico, fundada no final dos anos 40, que permitiu que as pessoas tivessem onde entregar as uvas. "Engarrafava-se e vendia-se um pouco." Só depois surgiram vários projetos privados – chegou-se, na altura, aos seis produtores em 2013. Ainda antes disso, Filipe Rocha começou a trabalhar com o descendente de açorianos António Maçanita. A vontade deste último de fazer um vinho nos Açores levou-os a ambos a um projeto de consultoria, que falhou, mas que levou à fundação da Azores Wine Company. E a partir desse momento muito mudou, como, por exemplo, o preço das uvas. "Nessa altura as uvas custavam 80 cêntimos o quilo, hoje estão entre os 4 e os 6 euros o quilo, e são as mais caras de Portugal", constata o empresário.

Desde então tem sido feito um trabalho de recuperação de vinhas de grandes dimensões (tendo em conta a geografia da ilha) e começaram a pensar no projeto de construção da adega (ver caixa). "Começámos a fazer experiências, encontrámos vinhas mais antigas – entre os 60 e os 120 anos." Ao todo, conta, recuperaram 120 hectares de vinhas na ilha, "um trabalho que demorou três anos, com 30 homens por dia a cortar o mato, a repor os muros e a recuperar cerca de 900 quilómetros. Foi um trabalho gigantesco". Hoje contam com mais mil hectares de vinha plantada num terreno que, convém sublinhar, tem 10% a 15% da produtividade de uma vinha normal. "Há uma década o Pico não estava no mapa e agora estamos em restaurantes em Paris e Milão, entre outros. E com vinhos com preços que chegam aos 400 euros (Vinha dos Ardes)."

filipe.gil@dn.pt

Uma adega onde se come e dorme

Inaugurada em julho de 2021, a adega da Azores Wine Company tem tido destaque em várias publicações internacionais, do *Financial Times* ao *New York Times*, da *Monocle* à *Forbes*. Um projeto idealizado em 2015 e influenciado pelas típicas adegas do Pico, "pequenas casas de pedra junto ao mar e junto às vinhas onde se vinificava e onde exista pelo menos um quarto ou uma cama onde se podia dormir", explica Filipe Rocha. Foi com essa ideia que lançaram o espaço que não é um hotel, "mas sim uma adega que tem cinco quartos e um apartamento T2, e um restaurante que serve de montra para os produtos locais". O restaurante da adega tem menu de degustação e menu ao balcão e a cozinha é da responsabilidade do *chef* Rui Batista. "Queremos oferecer uma boa experiência e diferente. O cliente escolhe o *pairing* de vinhos, não escolhe o menu, portanto percebe que o ponto alto são os vinhos e que estamos numa adega."


A MAIOR TIRAGEM DE TODOS OS JORNAIS PORTUGUESES

Diario de Noticias

O "Portugal" deve chegar até ao fim da semana decorrente a Macau.

IMPRESSÕES DE VIAGEM

A VIAGEM AEREA "O PORTUGAL"

O ORPHEON ACADEMICO DE COIMBRA APRESENTA-SE HOJE E AMANHÃ NO COLISEU DOS RECREIOS

Uma festa de arte e de patriotismo

PORTUGAL-ESPANHA

O NOSSO NOVO FOLHETIM

O DIAMANTE VERDE

UM INCIDENTE GRAVE

A AVIAÇÃO MILITAR

ANIVERSARIO RÉGIO

PORTUGAL-ALEMANHA

O DN DE HÁ CEM ANOS

AS NOTÍCIAS DE 3 DE JUNHO DE 1924 PARA LER HOJE

ARQUIVO DN **CRISTINA CAVACO**, **LUÍS MATIAS** E **SARA GUERRA**

PREÇO 10 CENTAVOS (100 réis)

FUNDADORES: Eduardo Coelho e Conde de S. Marçal

REDACTOR PRINCIPAL: José Rangel de Lima

CHEFE DA REDACÇÃO E EDITOR: Acurcio Pereira

A VIAGEM AEREA

"O PORTUGAL"

vai fazer mais um percurso de 1300 quilometros

Espera-se que os heroicos aviadores cheguem esta semana ainda a Macau

Durante o dia de ontem não foram recebidas quaisquer novas informações respeitantes aos gloriosos aviadores capitães Brito Pais e Sarmento de Beires.

O major sr. Cifka Duarte recebeu 4.500$00, figurando nesta quantia a verba 79$42 do pessoal da Confeitaria do Anjo, do Rio de Janeiro.

Calcula-se que o «Portugal» levante hoje vôo de Calcutá para Rangoon, fazendo assim mais um percurso de 1.300 quilometros. Esta demora é motivada por o mecanico Gouveia não ter podido seguir no avião, indo assim pelo caminho de ferro ao encontro dos arrojados aviadores.

Os heroicos aviadores ainda chegarão esta semana a Macau?

Segundo consta, os aviadores receberam convite para visitarem Bangkok, ao sul de Rangoon, convite a que acederam.

Falta-lhes vencer apenas três etapas, Bangkok, Hanoi e Macau, calculando-se que até sabado cheguem ao «terminus» da viagem. Ao que parece, o mecanico Gouveia aguardará o «Portugal» em Hanoi.

Os donativos para a continuação do «raid» passam a ser recebidos no Aero Clube, no Palacio do Calhariz.

Nas festas da Amadora apuraram-se 9.140$05

Pelos srs. José dos Santos Matos, e Antonio Rodrigues Correia, promotores da festa em honra da Aviação Militar realizada nos Recreios Desportivos da Amadora na noite de 24 do mês findo, foi entregue para a subscrição do «raid» a Macau a quantia de 9.140$05, importancia apurada naquela festa, conforme os documentos patentes na séde dos Recreios Desportivos.

Os promotores e a comissão de senhoras e cavalheiros que cooperaram na homenagem á Aviação Militar resolveram, em virtude de terem ficado por leiloar 300 objectos de arte, que se realizasse no «rink» da Patinagem da Amadora um grande festival nocturno nas noites de 12, 13 e 14 deste mês.

Esta festa deve constar de concertos musicais, iluminações, fogo de artificio, cinema e bailes ao ar livre, quermesse e tombolas, onde serão rifados e leiloados todos os brindes recebidos. O produto desta festa ainda reverte para a subscrição do «raid» que está sendo tentado pelos aviadores Brito Pais, Sarmento de Beires e mecanico Manuel Gouveia.

Uma festa no Salão Olimpia

A empresa proprietaria do Salão Olimpia realiza depois de amanhã uma festa em honra dos gloriosos aviadores Brito Pais e Sarmento de Beires.

Assistirão ao espectaculo, além de todos os oficiais da quinta arma que se encontrarem em Lisboa, as autoridades militares e civis e corpo diplomatico.

A sessão principia ás 9 horas da noite, sendo abrilhantada pelo sexteto do salão, composto de distintos professores de orquestra.

A NOSSA SUBSCRIÇÃO

Transporte	46.381$69
Do sr. Armando de Paiva, maior oferta pela nota de 5$00 exposta na nossa sucursal do Rossio e que nos foi enviada pela irmã do aviador Brito Pais, para ser vendida e o seu produto reverter a favor do «raid»	62$00
Do sr. Manuel Gonçalves Farinhas	2$50
Da firma Sousa, Lopes & C.ª, Lt.ª, de Vila Franca de Xira	580$00
Do sr. Pedro Joaquim Fernandes, por intermedio do sr. José Julio Brito Pais, pai do aviador Brito Pais	100$00
	47.126$19
	£ — 4.1.0
	Frs. 50

Diario de Noticias

Director — AUGU

Telef. — 365, 534, 2446 e 5310

FESTA



UM INCIDENTE GRAVE

A AVIAÇÃO MILITAR

recusa-se a aceitar o decreto que demitiu o major sr. Cifka Duarte

A POSSE DO CORONEL SR. MORAIS SARMENTO

O ex-director da Aeronautica autoado por infracção disciplinar

UMA CONFERENCIA IMPORTANTE NA AM DORA

Nas primeiras horas da tarde de ontem houve um grande movimento na direcção da Aeronautica Militar. Esperava-se que, por volta das duas horas e meia da tarde, se realizasse a posse do novo comandante, coronel sr. Julio Morais Sarmento, que lhe havia de ser conferida pelo major sr. Cifka Duarte. Efectivamente, ás duas horas da tarde, compareceu ali o coronel sr. Morais Sarmento, que se fazia acompanhar da respectiva guia de marcha, já visada pelo chefe de gabinete do sr. ministro da Guerra. O coronel sr. Morais Sarmento avistou-se primeiramente com o tenente do secretariado militar, sr. Francisco Viegas, a quem comunicou que se ia apresentar. Aquele oficial respondeu que, para assinar a guia, se encontrava um seu camarada mais categorizado, o capitão sr. Almeida.

Pouco depois, o coronel sr. Morais Sarmento recolhia ao gabinete do major sr. Cifka Duarte, onde houve uma demorada conferencia. Entretanto, o tesoureiro da Aeronautica, sr. Anibal Gonçalves Paixão, foi fazendo o arrolamento de dinheiro e documentos, a fim de entregar uma e outra coisa ao lavrar-se o auto da posse.

Aos corredores e sala afluiu então grande numero de oficiais aviadores, tendo ali estado, entre outros, os srs. capitães Ribeiro da Fonseca, Santos Leite, Aurelio da Costa Silva e João Luís Moura, respectivamente comandantes dos centros da aviação de Tancos, Alverca, Sintra e Amadora, vendo-se ainda mais os srs. capitão Lelo Portela, tenentes Dias Leite, Avila, Gonzaga, Pinto, Sergio, etc., assim como alguns oficiais do exercito não pertencentes á aviação, e muitos civis.

No numero destes figurava o sr. José Julio Brito Pais, pai do valoroso aviador capitão Brito Pais, que se mostrava bastante apreensivo com tudo o que se estava passando adentro da Aviação, manifestando bem o desejo de que seu filho e os seus companheiros, capitão Sarmento de Beires e mecanico Gouveia, ignorem o que se está passando em Portugal. Dentro das dependencias da Aeronautica havia duvidas sobre se o coronel sr. Morais Sarmento tomaria ou não posse.

Os aviadores, em grupos, trocavam as suas impressões e alguns recusavam-se terminantemente a entrar na sala.

Proximo das 4 horas da tarde, porém, o coronel sr. Morais Sarmento tomou conta do seu lugar de director da Aeronautica Militar, numa cerimonia, rapida, passada no gabinete da direcção.

Nesta ocasião o major sr. Cifka Duarte começou a lêr o documento que abaixo transcrevemos. Ao iniciar, porém, essa leitura, o coronel sr. Morais Sarmento determinou que a suspendesse, mandando lavrar contra aquele oficial um auto por infracção de disciplina.

Ao que parece, este incidente constou logo cá fóra, e os oficiais aviadores que ali se encontravam seguiram, em grupos, para o Parlamento, a fim de assistirem ao debate que sobre o assunto ali se levantou.

Por sua vez o coronel sr. Morais Sarmento seguiu para o ministerio da Guerra, onde foi dar conta do que se havia passado.

Por determinação do governo não foi despachado o seguinte telegrama destinado aos aviadores capitães Brito Pais e Sarmento de Beires:

«Peço que envie correspondencia dirigida Cifka Duarte Aero-Clube. Abraços de todos.»

Um passageiro do «Sud-Express» levou esse documento telegrafico para Espanha, para ser enviado ao seu destino.

A entrega do Conselho Administrativo deve realizar-se hoje.

Ao principio da noite de ontem começou a correr o boato de ter sido preso o major sr. Cifka Duarte. Procurando informações, soubemos, porém, que tal boato não tinha fundamento.

O documento-protesto do major sr. Cifka Duarte

E' do seguinte teor o documento que o antigo director da Aeronautica Militar ontem pretendeu lêr, quando do acto da posse daquele cargo pelo coronel sr. Julio Morais Sarmento, documento que, como acima dizemos, motivou o auto por infracção de disciplina que lhe foi mandado levantar:

Considerando que o artigo 1.º do Regulamento Disciplinar do Exercito, dispõe que a disciplina é o laço moral que liga entre si os diferentes graus da hierarquia militar; nasce da dedicação pelo dever, e consiste na estrita e pontual observancia das leis e regulamentos militares;

Considerando que, nos termos da 5.ª regra fundamental do artigo 2.º do mesmo Regulamento «a disciplina obtem-se, sobretudo, pela convicção da missão a cumprir, e mantem-se pelo prestigio, que nasce dos principios de justiça empregados, do respeito pelos direitos de todos, do cumprimento exacto dos deveres, do *saber*, da correcção de proceder e da estima reciproca;

Considerando que, o artigo 4.º do mesmo Regulamento preceitua que o militar deve regular o seu procedimento pelos ditames da virtude e da honra, amar a Patria, *guardar e fazer guardar a Constituição Politica e mais leis da Republica;*

Considerando que o Decreto 9749, de 30 de Maio ultimo é manifestamente inconstitucional, importando o seu acatamento a dupla violação da Constituição da Republica e do Decreto, não revogado, n.º 4529, de 29 de Junho de 1918, e a sua legal aclaração, inserta a paginas 786 da «Ordem do Exercito» n.º 11, 1.ª serie do mesmo ano;

Considerando que, sem quebra do respeito devido ao Chefe do Exercito, aquele referido Decreto n.º 9749, de 30 de Maio ultimo, não tomou na devida consideração, nem o *laço moral*, a que se refere o artigo 1.º do Regulamento Disciplinar do Exercito, nem aquela 5.ª regra fundamental do artigo 2.º do mesmo Regulamento, nem os *aspectos tecnicos* da questão, e, sobretudo, o *saber* que a dita regra fundamental impõe;

Considerando que, o 1.º Considerando do Decreto n.º 9749 não fundamenta coisa alguma, visto que nos termos da legislação em vigor já a direcção superior dos serviços aeronauticos era exercida por um oficial superior;

Considerando que, quanto ao 2.º considerando do mesmo Decreto, que a legislação em vigor apenas obsta a que aquele oficial superior seja estranho aos serviços da aeronautica, o que aliás decorre do simples senso comum;

Considerando que, quanto ao 3.º considerando do mesmo decreto, não é este o momento oportuno de apreciar uma questão de vencimentos, desde que estão em jogo principios que interessam ao proprio brio e prestigio da Aeronautica Portuguesa;

Eu, na qualidade de oficial mais antigo, actualmente ao serviço da Aviação Militar e interpretando o sentimento dos meus camaradas, sem esquecer os que a opinião nacional e estrangeira cobriu de gloria, respeitosamente e sem quebra da consideração pessoal que a V. Ex.ª é devida, decláro não acatar o Decreto n.º 9749, de 30 de Maio ultimo.

Um comunicado dos oficiais aviadores

Os aviadores enviaram ontem á imprensa o seguinte comunicado:

Foi publicado um decreto determinando que o director da Aeronautica seja um coronel de qualquer arma ou em serviço no Estado Maior. Imediatamente foi nomeado para director da Aeronautica Militar o coronel sr. Morais Sarmento, e exonerado o major sr. Cifka Duarte.

Os aviadores consideram aquele decreto inconstitucional e afrontoso para o seu brio e honra de homens e de oficiais do exercito, pelo que resolveram não o acatar e não aceitar como director da Aeronautica outra individualidade que não seja o major sr. Cifka Duarte, quaisquer que sejam as consequencias que resultem desta atitude.

Todos os aviadores se conservam em ordem e pacificos nos seus quarteis, sendo absoluta a disciplina.

Esta nota dos aviadores foi enviada á policia e ás unidades de Lisboa, não sendo, contudo, possivel transmiti-la a todas, mau grado os esforços empregados.

O incidente provoca um vivo debate no parlamento

A primeira parte da sessão de ontem nos Deputados foi quasi toda consagrada ao conflito entre a aviação militar e o sr. ministro da Guerra. Falou em primeiro lugar sobre este assunto, visivelmente enervado, o sr. **Antonio Maia,** que começou por dizer que o governo está provocando as revoluções de que se falam, e criticou com severidade o decreto que demitiu o sr. Cifka Duarte de director da Aeronautica Militar. Classificou esse diploma do sr. ministro da Guerra de inconstitucional, acrescentando, muito indignada-

Aberta investigação à morte de piloto espanhol no festival aéreo de Beja

ACIDENTE Colisão em pleno voo entre dois aparelhos da patrulha ibérica Yakstar causou ainda ferimentos ligeiros num piloto português.

O ministro da Defesa Nacional anunciou ontem que será aberta "uma averiguação" por duas entidades ao "acidente trágico" que envolveu duas aeronaves e matou um piloto espanhol no Beja AirShow. Outro piloto da patrulha ibérica Yakstar, de nacionalidade portuguesa, ficou ferido.

"A informação que tenho do Chefe do Estado-Maior da Força Aérea é precisamente no sentido de que haverá uma averiguação a este acidente para se perceber a razão e apurar todas as responsabilidades", disse Nuno Melo, acrescentando que será feita por "duas entidades", sem precisar quais. Uma equipa do Gabinete de Prevenção e Investigação de Acidentes com Aeronaves e de Acidentes Ferroviários esteve ontem no local.


O local onde o avião se despenhou após colidir com outra aeronave.

Segundo a Força Aérea, que organizou o Beja AirShow na Base Aérea n.º 11, o acidente ocorreu às 16h05, durante a demonstração da patrulha ibérica Yakstars, constituída por pilotos de nacionalidade portuguesa e espanhola. Os aviões envolvidos eram Yakolev Yak-52, monomotores de fabrico soviético para acrobacias e treino. O evento foi interrompido de imediato.

No comunicado, a Força Aérea realçou que uma das aeronaves envolvidas no acidente se despenhou "fora do perímetro da Base Aérea e uma outra aterrou na unidade". Indicou ainda que não houve vítimas em terra.

Vídeos do acidente, partilhados nas redes sociais apesar do apelo da Força Aérea para não o fazerem por respeito às vítimas, mostram uma das aeronaves de um grupo de seis a posicionar-se sob os restantes aparelhos antes de subir na vertical na sua direção. O avião acabou por bater num dos que estavam na formação, caindo depois a pique, causando uma explosão.

O piloto do outro aparelho conseguiu aterrar, tendo sido avaliado no local "pelas equipas de saúde, militares e civis, presentes no evento", e depois conduzido ao Hospital José Joaquim Fernandes, em Beja. Fonte da Unidade Local de Saúde do Baixo Alentejo disse à Lusa que o ferido é um homem de 37 anos, de nacionalidade portuguesa. Os ferimentos são ligeiros.

Também em declarações à Lusa, o presidente da Câmara de Beja, Paulo Arsénio, que se encontrava no local na altura do acidente, relatou que o piloto que ficou ferido "saiu da aeronave pelo próprio pé" e foi levado "para o hospital para observação". Paulo Arsénio acrescentou que o município de Beja "lamenta profundamente a ocorrência deste terrível acidente".

O primeiro-ministro, Luís Montenegro, manifestou "grande consternação, solidariedade e pesar à Força Aérea Portuguesa" na sequência do acidente. "Quero manifestar toda a solidariedade e disponibilidade do governo para poder minimizar os danos que são sempre irremediáveis, no caso da vida", disse durante a intervenção na conferência dos 136 anos do Jornal de Notícias, no Porto.

O Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa, apresentou o seu pesar e o dos portugueses pelo acidente e prestou condolências. "Um momento que devia ser de lazer, de encontro e alegria comunitária acaba por se tornar num momento de dor", disse.

DN/LUSA



"A informação que tenho do Chefe do Estado-Maior da Força Aérea é precisamente no sentido de que haverá uma averiguação a este acidente para se perceber a razão e apurar todas as responsabilidades."

Nuno Melo
Ministro da Defesa Nacional



"Quero manifestar toda a solidariedade e disponibilidade do governo para poder minimizar os danos que são sempre irremediáveis, no caso da vida."

Luís Montenegro
Primeiro-ministro



"Apresento o meu pesar e o pesar dos portugueses a esta situação dramática [...] Um momento que devia ser de lazer, de encontro e de alegria comunitária acabou por ser um momento de dor."

Marcelo Rebelo de Sousa
Presidente da República


BREVES

Marcelo fala no futuro pós-Belém

O Presidente da República anunciou ontem, em Celorico de Basto, que no final do mandato vai dedicar-se à dinamização da cultura no concelho, em especial à biblioteca municipal, de que é patrono desde 2001. "Estava aqui a pensar o que é que ainda podia fazer na minha vida por Celorico, o que me parece justo, porque aqui passei tempos muito felizes da minha vida", disse, recordando o tempo que, como presidente da Assembleia Municipal (1997-2005), "copiando o Presidente Soares", fez presidências abertas em todas as juntas de freguesia. Marcelo disse que "daqui por um ano e uns meses largos" terá disponibilidade para inserir na sua "rota de vida" tarefas ligadas sobretudo à educação e à formação, se possível com os mais novos".

Governo admite financiar *media*

O primeiro-ministro, Luís Montenegro, admitiu ontem ser "possível haver algum financiamento público" para a comunicação social, alegando que "aqueles que cumprem serviço público naturalmente que devem esperar do Estado o reconhecimento do serviço que prestam". Na intervenção na conferência dos 136 anos do Jornal de Notícias, na Casa da Música, no Porto, o chefe do governo explicou que "a atração de capital privado deve também ser estimulada", acrescentando que o Estado deve "garantir um bom retorno dos investimentos que ocorreram". E defendeu que "também precisamos de instrumentos de mecenato para a comunicação social, precisamos que o capital que é atraído para esta atividade possa ter condições de retribuir o esforço que está a dar". Montenegro diz que o país precisa de "bons jornalistas", além de "bons políticos".



Conselho de Administração - Marco Galinha (Presidente), Kevin King Lun Ho, António Mendes Ferreira, Victor Santos Menezes, Vitor Coutinho, Diogo Queiroz de Andrade, Rui Costa Rodrigues, José Pedro Soeiro **Direção interina** Bruno Contreiras Mateus (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos) **Data Protection Officer** António Santos **Propriedade** Global Notícias Media Group, SA; Matriculada na Conservatória do Registo Comercial de Almada. Capital social: 9 309 016,95 euros. NIPC: 502535369. Proprietário e editor: Rua Gonçalo Cristóvão,195-219 – 4049-011 Porto. Tel.: 222 096 100. Fax: 222 096 200 Redação: Rua Tomás da Fonseca, Torre E, 3.º – 1600-209 Lisboa. Tel.: 213 187 500. Fax: 213 187 501 **Marketing e Comunicação** Carla Ascenção **Direção Comercial** Pedro Veiga Fernandes **Detentores de 5% ou mais do capital da empresa:** Páginas Civilizadas, Lda. – 41,51%, KNJ Global Holdings Limited – 29,35%, José Pedro Carvalho Reis Soeiro – 20,40%, Grandes Notícias, Lda. – 8,74% **Impressão** Gráfica Funchalense (Rua da Capela da Nossa Senhora da Conceição, 50, Morelena – 2715-029 Pero Pinheiro); Naveprinter (EN, 14 (km 7,05) – Lugar da Pinta, 4471-909 Maia) **Distribuição** VASP; Registado na ERC com o n.º 101326. **Depósito legal** 121 052/98 **Assinaturas** 219249999 Dias uteis das 8h às 18h E.mail: apoiocliente@dn.pt






DN Brasil

#01 | 03 JUNHO 2024 | DNBRASIL.DN.PT

Informações relevantes para os brasileiros que pretendem mudar-se para Portugal ou que chegaram recentemente. Oficialmente, são 615.827 os que obtiveram autorização de residência, informa a Agência para Integração, Migrações e Asilo (AIMA) - mas é preciso acrescentar os que aguardam pelo documento, aqueles que têm passaporte europeu ou dupla nacionalidade. A palavra-chave dessa etapa da experiência é planejamento.

Especial chegar

O NOVO PERFIL DOS BRASILEIROS

PÁG. 6 E 7

COMO ESCOLHER O VISTO CERTO

PÁG. 8 E 9

FICHA TÉCNICA DIRETOR EDITORIAL **PAULO MARKUN** DIRETOR ARTE **RUI LEITÃO** EDITOR CHEFE **JOÃO GABRIEL DE LIMA** REDAÇÃO **AMANDA LIMA, GISELE RECH, NUNO TIBIRIÇÁ** E **RAYSSA IGLESIAS** SECRETÁRIA DE REDAÇÃO **FLÁVIA CASTRO** PROPRIEDADE **GLOBALMEDIA**
ESTE SUPLEMENTO É PARTE INTEGRANTE DO DIÁRIO DE NOTÍCIAS E NÃO PODE SER VENDIDO SEPARADAMENTE

Comunidade brasileira com título de residência ultrapassa os 600 mil

Foram mais de 222 mil residências emitidas em 2023, parte delas ao abrigo do acordo com a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP).

TEXTO **RAYSSA IGLESIAS E AMANDA LIMA**



PORTUGAL ultrapassou, no final de 2023, a marca dos 600 mil brasileiros com título de residência. São mais de 615 mil cidadãos a viver no país com tal documento, de acordo com dados exclusivos obtidos pelo DN Brasil junto à Agência para a Integração, Migrações e Asilo (AIMA). No ano passado foram emitidos 222.827 títulos, um aumento de 414% na comparação com 2022.

O aumento exponencial tem uma explicação: a criação, em março, do título de residência ao abrigo da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP). Os documentos contemplam quem havia solicitado um visto de residência no país de origem a partir de 31 de outubro de 2022 e quem havia ingressado com Manifestação de Interesse (MI) já em Portugal até o ano de 2022. Ou seja, parte do número já vivia no país e passou a ter um título de residência.

O número coloca o Brasil ainda mais à frente no que diz respeito às demais nacionalidades com cidadãos vivendo em Portugal. Segundo o relatório de 2022, em segundo lugar vinha o Reino Unido, com pouco mais de 45 mil cidadãos, seguido de Cabo Verde, com mais de 36 mil imigrantes. Ainda não estão disponíveis dados totais de 2023, previstos para serem divulgados nas próximas semanas.

O total de brasileiros no país ultrapassa os 615 mil, já que não há dados disponíveis sobre quantos vivem em Portugal com cidadania luso-brasileira ou outra dupla cidadania, como a italiana. Também precisariam entrar no cálculo a legião que ainda aguarda pelo documento.

O certo é que Portugal é o segundo país com maior número de brasileiros no mundo, perdendo apenas para os Estados Unidos, com 1.9 milhão, segundo dados do Governo brasileiro. Ao longo dos anos, os fluxos migratórios entre Brasil e Portugal foram influenciados por diferentes contextos históricos, econômicos e sociais.

A maioria dos portugueses acredita que os brasileiros se adaptam bem à condição de imigrante. Uma investigação, desenvolvida pela *Lisbon Public Law* (Centro de Investigação em Direito Público da Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa) apresenta a comunidade do Brasil como os imigrantes mais bem adaptados. A maioria (72,2%) considera a comunidade brasileira como a mais bem integrada ao país, ficando até mesmo à frente dos imigrantes de países europeus (41,2%). Em terceiro lugar, aparece a comunidade africana dos Países de Língua Oficial Portuguesa (PALOP) (32,4%).

> Entre os imigrantes, os brasileiros lideram as contribuições para o sistema previdenciário de Portugal com quase 700 milhões de euros.

Dados coletados pelo extinto Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF) indicam que 67,6% dos imigrantes brasileiros em Portugal têm entre 20 e 49 anos, 46,2% são homens e 53,8%, mulheres. A imigração contribui para rejuvenescer o território, pois enquanto os imigrantes estão em grande maioria na idade ativa, a população portuguesa concentra apenas 38,5% dos seus cidadãos nessa condição.

Portugal está em quinto lugar entre os países com a população mais envelhecida do mundo, conforme dados da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), com 23,4% numa idade igual ou superior a 65 anos. De acordo com uma estima-



Brasileiros em Portugal. O maior contingente de imigrantes em profissões variadas e em todas as classes sociais

ADOBE STOCK

tiva do Observatório da Emigração, 30% dos jovens, entre os 15 e os 39 anos, deixam Portugal para morar em outro país. Atualmente, há 604 mil portugueses como imigrantes só na França.

Os brasileiros contribuem ainda para melhorar a taxa de natalidade do país, pois 6,7% dos bebês nascidos em Portugal no ano de 2022 tinham mães brasileiras.

CONTRIBUIÇÃO PARA A SEGURANÇA SOCIAL

Pelo relatório anual de estatísticas do Observatório das Migrações, em 2022, os brasileiros lideraram as contribuições para o sistema previdenciário de Portugal entre os imigrantes. Os trabalhadores brasileiros aportaram quase 700 milhões de euros ao sistema, ou cerca de 40,5% do que foi arrecadado por estrangeiros para a Segurança Social naquele ano. Mesmo brasileiros que não têm título de residência contribuem para esse número, que inclui os impostos como IVA, embutidos nos produtos. Considerando-se apenas os brasileiros que já possuem título de residência, a porcentagem de contribuição chega a 115,3% - ou seja, até os que estão sem documentação e ainda assim colaboram para a Segurança Social. A contribuição é fundamental para contrabalançar as contas do sistema, oferecendo um relativo alívio ao sistema e ajudando a alcançar a sustentabilidade.

"Os imigrantes não apenas contribuem, eles são o ponto-chave para assegurar a sustentabilidade. Além de aportarem muito, utilizam pouco dos direitos que têm. A comunidade portuguesa vale–se muito mais dos apoios sociais, por ser mais envelhecida. Se não fossem os imigrantes, o saldo da Segurança Social não seria positivo" diz Ana Paula Costa, pesquisadora associada no Instituto Português de Relações Internacionais (IPRI) e Vice-Presidente da Casa do Brasil de Lisboa.

Também de acordo com o Observatório das Migrações, a contribuição ressalta que a imigração em Portugal é fundamentalmente orientada para o mercado de trabalho e produtiva. O que contradiz o argumento defendido em alguns países europeus de que a imigração tem como objetivo primordial maximizar os benefícios sociais e, consequentemente, sobrecarregar os cofres públicos dos países de acolhimento.

> Cerca de 19 mil brasileiros estão matriculados no ensino superior português, o que representava 27,5% do total de alunos estrangeiros nas universidades.

EMPREENDEDORISMO E TRABALHO

Ainda de acordo com os dados do relatório estatístico anual do Observatório das Migrações, os imigrantes mostram-se mais empreendedores do que os portugueses em geral e são importantes geradores de empregos para estrangeiros no país.

Os imigrantes brasileiros são líderes em contratações de estrangeiros, com 26,7% dos postos de trabalho gerados, ficando à frente dos chineses, com 16%. Além de empregar mais, os brasileiros apresentam maior diversidade de negócios que os chineses.

Os brasileiros lideram também em número de trabalhadores - 75.392 num total de 231.106. Também são os que mais fazem horas extras, com uma média de 17,2 horas por trabalhador. Segundo o Observatório das Migrações, a presença dos imigrantes é essencial para estabilidade econômica, pois é "claro que sem os imigrantes alguns setores económicos e atividades entrariam em colapso". A maioria dos trabalhadores imigrantes estão concentrados em áreas em que a mão de obra é predominante, como os setores como turismo, serviços e construção civil.

No ano letivo de 2021/2022, cerca de 19 mil brasileiros estavam matriculados no ensino superior português, o que representava 27,5% do total de alunos estrangeiros nas universidades. O estudo, aliás, foi o principal motivo para os pedidos de visto de brasileiros em Portugal em 2022, com um percentual de 38,2% do total. "Os programas de intercâmbio, como o Ciências sem Fronteiras criaram no Brasil essa cultura de ter uma experiência estudantil no exterior. Também a própria democratização do ensino superior no Brasil e o aumento de renda impulsionaram a vinda de brasileiros para Portugal. É claro que alguns estudantes podem vir e querer ficar, porque se identificaram com o país ou por querer trabalhar, mas muitos vêm como pesquisadores de curta duração ou com o projeto de estudar e voltar para o Brasil ou ir para outro país", diz Ana Paula Costa.

São os imigrantes de nacionalidades que não fazem parte da União Europeia (UE) que ajudam a sustentar a estrutura das universidades de Portugal, porque pagam valores em propinas que podem ser até 10 vezes mais altos que os dos alunos portugueses. A tradicional Universidade de Coimbra é um exemplo. Enquanto os estudantes portugueses pagam mil euros de propinas por ano, os internacionais pagam em torno de sete mil euros.

Além do ensino superior, os brasileiros também se destacam no ensino básico e secundário. No ano letivo de 2021/2022, os alunos brasileiros representavam 50,7% do total de estudantes estrangeiros no sistema escolar de Portugal, com 41.764 crianças e adolescentes.

Os brasileiros em números

615.000
brasileiros com título de residência em Portugal em 2023

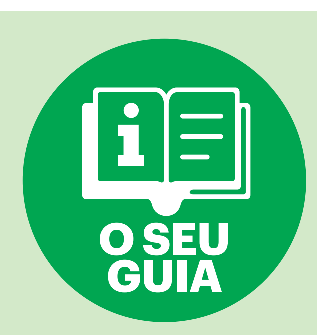
67,6%
dos imigrantes brasileiros têm entre 20 e 49 anos, 46,2% são homens e 53,8%

700 M
de euros de contribuição para segurança social

26,7%
dos estrangeiros empregados no país

19.000
estudantes no ensino superior

72%
dos portugueses consideram os brasileiros os imigrantes mais bem integrados.



Planejamento: o primeiro passo

REDAÇÃO **DN BRASIL**


ARQUIVO PESSOAL

A família Kern tem tudo controlado na ponta do lápis para a mudança



PLANEJAMENTO: O PRIMEIRO PASSO PARA EMIGRAR PARA PORTUGAL

Planejar. Se você pensa em arrumar as malas e mudar para Portugal, esse é o verbo (em Portugal sem o J) que deve conjugar diariamente. Afinal, uma guinada no percurso, com direito à travessia do Oceano Atlântico, envolve organização de orçamento, burocracia e demanda muitos cuidados para evitar dores de cabeça mais à frente, que podem transformar o sonho em pesadelo.

Conforme a Organização Internacional de Migrações (OIM), mais de 80% dos pedidos de ajuda para retornar ao país de origem registrados no Projeto ARVoREVIII, foram feitos por cidadãos do Brasil. O motivo, na maioria das vezes, tem a ver com questões financeiras.

Por isso, brasileiros como a hair stylist Nayara Lacerda, de Goiás, região Centro-Oeste do Brasil, procuram cada vez mais informação para evitar um revés. "Busquei muita informação, com ajuda de guias para quem deseja morar fora. Foi assim que optei pelo visto de procura de trabalho", relembra.



Desde quando estava no Brasil, Nayara já pesquisava vagas relacionadas a sua área de atuação, o que a ajudou a encontrar um posto de trabalho tão logo chegou a Portugal.

Em Lisboa há mais de meio ano, a goiana já alimentava o desejo de se mudar para Portugal para ter novas experiências na sua área de atuação. "Quando decidi que era a hora, comecei a juntar dinheiro para o visto e para me sustentar nos primeiros meses", conta.

Quando chegou, a profissional já tinha o Número de Identificação Fiscal (NIF) e uma entrevista para um posto de trabalho agendada, que acabou por se concretizar. "O planejamento financeiro e a chegada com a documentação correta foi fundamental para uma mudança tranquila", destaca.

Ainda na etapa de preparação para se mudar para no segundo semestre deste ano, o analista financeiro Darlan Kern também segue um planejamento cuidadoso à caça de um futuro melhor. "Devo ir primeiro para, depois, levar a minha família", explica o morador de Jaraguá do Sul, interior de Santa Catarina, no Sul do Brasil.

Casado e com dois filhos, a ideia é ter uma nova perspectiva, com mais segurança e um futuro melhor para a família. "De início, aceito me encaixar em outras áreas", diz.

No planejamento, o primeiro passo foi começar a juntar dinheiro para o período da busca de trabalho e para, assim que possível, providenciar o reagrupamento familiar. "Agora, comecei o processo da documentação, com informações para conseguir o visto de procura de trabalho", diz Darlan. O cuidado com o planejamento financeiro e com o pedido do visto correto mudar-se, citados por Darlan Kern e Nayara Lacerda são, de fato, as primeiras providências a serem tomadas.

> Ter uma reserva financeira para o início da vida em Portugal é um dos cuidados principais do planejamento

Inicialmente, é necessário se certificar de que o plano cabe no orçamento, o que envolve uma pesquisa cuidadosa sobre o custo de vida na cidade portuguesa escolhida. Moradia, luz, água, gás, telefone, transporte, entre outros, devem ser colocados na ponta do lápis, sem esquecer da conversão dos valores de euros para reais.

Outro aspecto fundamental, ligado às questões financeiras, é o tipo de atividade que se pretende exercer em Portugal. Afinal, mesmo com uma boa reserva, inserir-se no mercado de trabalho é essencial para permanecer no país.

Se, depois desta etapa de análise, a decisão for realmente de mudar, parte-se para as questões práticas. O primeiro de tudo, é claro, é emitir o passaporte na Polícia Federal (PF), fundamental para solicitar o visto.

Turistas não precisam de visto para entrar em Portugal, mas a o limite de permanência é de 90 dias, tempo que muitos utilizam para dar entrada na Manifestação de Interesse, o método menos recomendado para se mudar - mas também o mais utilizado pelos brasileiros.

Para cada atividade há um visto específico. Nesta etapa, é importante conhecer os detalhes sobre cada enquadramento, para fazer a submissão do pedido corretamente. O processo envolve custos, que, aliás, também precisam entrar na planilha de contas. Recomenda-se ainda pedir o visto com antecedência, pois, a emissão pode levar até seis meses ou mais.

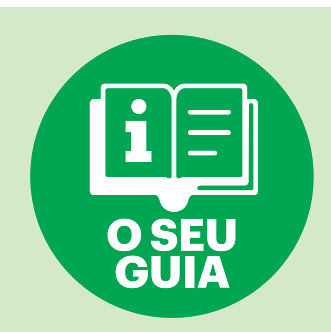
Passaporte e visto em mãos e passagens emitidas, é a hora de organizar a mudança. Muitos brasileiros optam por levar mobília e outros pertences e contratam serviços de transporte internacional.

Há quem prefira vender ou doar as coisas no Brasil e comprar outras ao chegar a Portugal. Neste caso, é importante incluir esses gastos nos custos iniciais no planejamento.

Na conjugação do verbo planejar, ter amigos ou conhecidos que já estão no país pode ajudar, bem como recorrer às fontes oficiais de informação, consulados e sites governamentais, por exemplo. Há, ainda, empresas que prestam assessoria, mas, com custos envolvidos.

Depois do planejamento afinado, é só arrumar as malas e apanhar o avião rumo a Portugal. Se tudo for feito com cuidado, o cidadão tem tudo para iniciar sua nova jornada com o pé direito.





O caminho para fazer manifestação de interesse

REDAÇÃO **DN BRASIL**


REINALDO RODRIGUES/GLOBAL IMAGENS



DESAFIOS NO PROCESSO QUE AJUDA A REGULARIZAR MILHARES DE IMIGRANTES EM PORTUGAL

São muitos os estrangeiros que chegam a Portugal para trabalhar tendo apenas o visto de turista - a lei atualmente permite. Nesses casos, a maneira de se regularizar para garantir uma estadia mais longa no país é conseguir um trabalho dentro do prazo de duração do visto (três meses) e entrar com um pedido formal junto ao Estado português a solicitar uma Autorização de Residência.

À tal solicitação é dada o nome de "Manifestação de Interesse" (MI). O processo costuma ser dos mais utilizados pelos brasileiros que chegam em Portugal, como é o caso de Yohann Gosclof, 27 anos.

Foi numa viagem pela Europa, em 2017, que o paulista de Carapicuíba, na Grande São Paulo, começou a pensar na ideia de emigrar. Foi incentivado por amigos que já tinham atravessado o Atlântico para tentar a vida. "Meus amigos disseram que havia essa possibilidade de, tendo um trabalho, arranjar uma permissão legal para ficar em Portugal", explica.

A pandemia atrasou um pouco os planos, mas em 2022 o jovem conseguiu viajar. "No primeiro mês, consegui meu primeiro emprego numa loja e com contrato de trabalho. Depois foi juntar os documentos e dar entrada no processo", conta.

O Número de Identificação Fiscal (NIF), comprovativo de morada e Número de Identificação de Segurança Social (NISS) (confira lista completa abaixo), são alguns dos principais documentos que qualquer requerente por uma Manifestação de Interesse precisa ter. Mesmo com todos em mãos, Yohann enfrentou barreiras.

"Foram muitas as dificuldades. Uma das piores partes foi abrir conta em banco. Eu já tinha a manifestação de interesse, contrato de trabalho, comprovativo de morada, NIF… e, mesmo assim, quase todos os bancos me disseram que não podia abrir conta sem Cartão de Cidadão: um pouco estranho, já que amigos na mesma situação tinham conseguido", recorda.

A solução foi usar o IBAN (International Bank Account Number) de um amigo para receber o salário. Após alguns meses, finalmente conseguiu abrir uma conta. Onde? Em um banco espanhol, o único que aceitou os documentos do imigrante.

Hoje, Yohann trabalha numa loja de calçados no bairro dos Anjos. O brasileiro destaca que as informações sobre a MI são confusas e parece não haver regras concretas. "Algumas informações não batem, parece que você vai num lugar e falam uma coisa, em outro uma coisa diferente. Isso aconteceu nos bancos, mas no SEF (atual AIMA), por exemplo, também tive essa dificuldade. O site era pouco claro e os funcionários não se propunham a ajudar muito. E quando procurava informações em redes sociais, o que não faltava também era gente esperta tentando ganhar um dinheiro com a dificuldade dos outros", resume.

> Após passar o primeiro ano com a Manifestação de Interesse em Portugal, Yohann abriu mão do documento para obter a Autorização de Residência CPLP. Agora, espera esclarecimentos acerca da renovação do mesmo.



Pouco mais de um ano depois de chegar a Portugal, Yohann abdicou da Manifestação de Interesse para conseguir a Autorização de Residência CPLP. A escolha foi feita principalmente pela possibilidade de poder visitar a família no Brasil. A MI não permite sair de Portugal até a emissão da Autorização de Residência, que pode demorar dois anos:

"Não é algo que recomendo (viajar para fora de Portugal com a MI). É verdade que varia muito da companhia aérea a questão de aceitar o passageiro ou não, já tive sorte de me aceitarem só com o passaporte, mas outra vez fui barrado na hora de pegar o vôo. Tenho amigos que conseguiram sair, mas depois não puderam voltar. Portanto, é um risco enorme", explica.

Embora tenha tido dificuldades em Lisboa nos últimos dois anos, o paulista não se queixa. O foco, ao momento, é dar continuidade no trabalho no país na expetativa que possa renovar sem problemas a Autorização de Residência CPLP, anualmente, até poder proceder com a cidadania.

"Problemas existem em todos os lados e minha vida aqui em Lisboa é melhor do que alguma vez foi em São Paulo. Claro que a questão da MI deixar um sentimento de estar preso no país é um pouco desagradável, mas, pelo menos, com a criação da Autorização de Residência CPLP eu consegui visitar minha família no Brasil sem problemas. Os salários também não são os melhores, mas tenho conseguido gerir. Estou legalizado, isso é o mais importante e o que dá mais segurança. Voltar de vez ainda não é uma opção", finaliza.

CONFIRA OS DOCUMENTOS NECESSÁRIOS PARA DAR ENTRADA NO PROCESSO DE MI COM CONTRATO DE TRABALHO

• Passaporte ou outro documento de viagem válido;

• Comprovante de entrada regular em território português;

• Comprovante de meios de subsistência (mínimo de 820 euros ao mês);

• Certificado de antecedentes criminais do Brasil ou do país em que resida há mais de um ano (fora de Portugal);

• Autorização para consulta do registo criminal português;

• Comprovante de morada;

• Comprovante de inscrição na Segurança Social (NISS);

• Comprovante de inscrição na Administação Fiscal (NIF);

• Contrato de trabalho, promessa de contrato, documento de abertura de atividade ou documento comprovativo de constituição de sociedade.

"Brasileiros fazem diferença na cultura e na política"

Ana Paula Costa, vice-presidente da Casa do Brasil em Lisboa, traça o perfil do imigrante, denuncia a xenofobia – e destaca contribuição que os brasileiros trazem a Portugal

ENTREVISTA **JOÃO GABRIEL DE LIMA**
FOTOGRAFIA **GERARDO SANTOS / GLOBAL IMAGENS**





OUCOS conhecem tão bem as alegrias e atribulações dos brasileiros que vivem em Portugal quanto Ana Paula Costa. Como vice-presidente da Casa do Brasil em Lisboa – uma associação sem fins lucrativos voltada às questões da imigração – lida todos os dias com os problemas concretos da comunidade brasileira. Como investigadora na área de políticas públicas, junta estatísticas e conhecimento a essa vivência prática.

Ana Paula Costa chegou a Portugal em 2016 para projetos acadêmicos. Hoje vive na Alfama, um dos bairros do fado em Lisboa, frequenta rodas de samba e considera que brasileiros e portugueses interagem criativamente nas áreas da cultura e da política. "Minha família vive no Brasil, minhas amizades estão em Portugal. Sinto saudades do Brasil, mas quando estou lá penso em voltar a Portugal, que é a minha casa", diz Ana Paula Costa em entrevista ao DN Brasil. Seguem os principais trechos.

Qual o perfil das pessoas que buscam a Casa do Brasil?

O perfil é diverso. O grosso continua sendo o trabalhador, mas temos também um número bastante representativo de estudantes, pessoas que vêm empreender em Portugal, e profissionais qualificados que vêm trabalhar em empresas específicas, já contratados desde o Brasil.

Nestes cinco anos trabalhando na Casa do Brasil, observou mudanças no perfil do brasileiro que vive em Portugal?

A principal mudança, que vem ocorrendo de três anos para cá, é a vinda de um público cada vez mais qualificado a nível de formação universitária e profissional. É uma das características da quarta vaga de imigração que vivemos hoje.

Como se definem essas vagas de imigração?

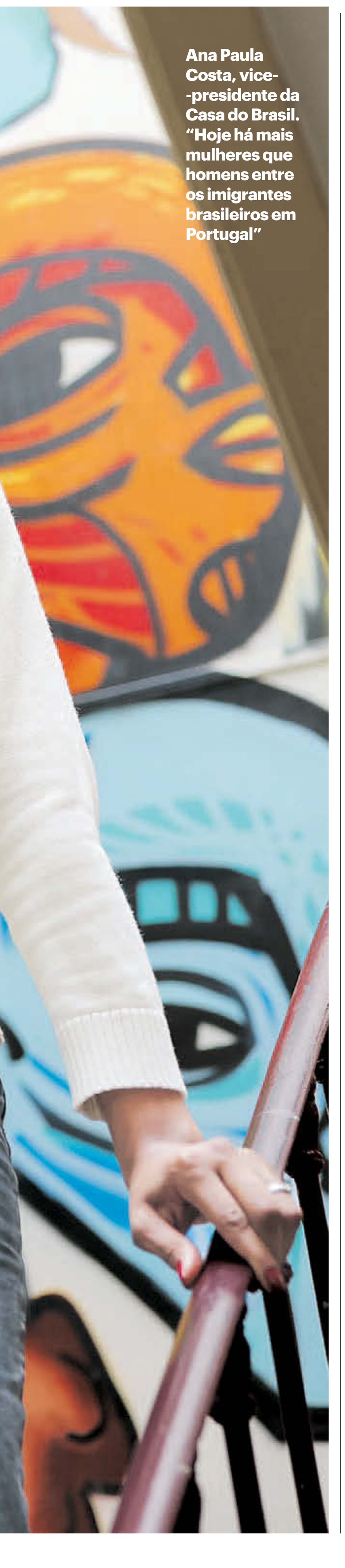
A primeira vaga, nos anos 1990, era de pessoas que tinham dupla nacionalidade, brasileira e portuguesa. Eram mais homens nesse primeiro momento, com um perfil mais qualificado. Depois, nos anos 2000, tivemos uma segunda vaga, com um perfil mais laboral, um pouco em consonância com esse novo Portugal a receber fundos europeus. Esses brasileiros vieram trabalhar nos setores da construção civil, obras públicas, turismo. Depois tivermos uma terceira vaga, por volta de 2014 e 2015, que misturava os dois perfis: o mais qualificado, com dupla nacionalidade, juntamente com o trabalhador imigrante. Começamos aqui a já ter os estudantes, um pouco fruto de políticas existentes no Brasil, como o Ciência Sem Fronteiras.

E a quarta vaga, que vivemos agora?

Ela começou em 2019, com uma interrupção por causa da pandemia, e tem um perfil bem mais diversificado. Os estudantes continuaram representativos, os trabalhadore seguem sendo o grosso dessa imigração, mas tem também o investidor, o aposentado, o profissional qualificado, o empreendedor. E cresceu a porcentagem de mulheres. Hoje a imigração brasileira é composta mais por mulheres que homens.

As brasileiras estão distribuídas em toda a pirâmide social?

Sim, em todos os setores sociais e econômicos e em todas as etnias. Existe o perfil de mulheres que vêm para acompanhar suas famílias, mulheres que vêm para as universidades, para o mercado de trabalho. Alguns estudos



Ana Paula Costa, vice-presidente da Casa do Brasil. "Hoje há mais mulheres que homens entre os imigrantes brasileiros em Portugal"

mostram mulheres brasileiras ocupando muito a área da estética, da beleza, um pouco condicionadas pela visão que se tem aqui do Brasil, e também para o setor dos cuidados.

De acordo com a Embaixada do Brasil há também um novo perfil de imigrante que vem trabalhar na área de tecnologia. Também tem visto isso?

Sim. Sobretudo porque essa é uma área em que toda a Europa, incluindo Portugal, é muito deficiente de mão de obra. Faltam profissionais especializados no setor digital de forma geral, de energia eólica a Tecnologia da Informação. Há muitos brasileiros que vêm para cá e se integram nesse setor, em geral recrutados ainda no Brasil.

A isso se soma o dado de que 30% dos portugueses entre os 15 e os 39 anos deixam o país, segundo estatística do Observatório da Emigração.

Quem fez esse estudo foi o Rui Pena Pires, que há muito tempo se debruça sobre o tema da emigração. Portugal tem uma necessidade estrutural, não só de mão de obra, mas também de rejuvenescimento de sua população. É um dos países mais envelhecidos da Europa, e o fato de a taxa de emigração de jovens ser de 30% desestrutura não apenas o mercado de trabalho, mas também a segurança social. Já o perfil dos imigrantes brasileiros é de gente mais jovem, em comparação com a população portuguesa, e em idade economicamente ativa. Esses jovens acabam contribuindo para a segurança social e ajudam a equilibrar o déficit causado pelos portugueses que saem do país.

No Brasil hoje se fala muito de xenofobia. Qual é o tamanho desse problema?

Aquela xenofobia verbal do "volta para a sua terra" sempre existiu. Chamar brasileira de prostituta também sempre existiu. Isso evoluiu para ofensas em público e alguns episódios mesmo de violência física, noticiados nos jornais. Eu acho que, a partir da pandemia, o discurso contra os imigrantes começou a ficar mais agressivo. Num primeiro momento, o coronavírus era chamado de "vírus da China", e depois disso foi disseminada a ideia de que os imigrantes traziam doenças. Isso foi numa crescente, começou a alimentar movimentos anti-imigração da nossa sociedade. E assim, nas eleições regentes, houve um partido de direita radical que capitalizou esse sentimento.

O que aconselham para quem procura a Casa do Brasil relatando um caso de xenofobia?

Muita gente nos procura. Nós sempre aconselhamos a denunciar e ajudamos a pessoa a fazer a denúncia na polícia – e, se for o caso, a abrir um processo civil ou penal.

São relatados também casos de xenofobia nas escolas. Como vê esse fenômeno?

Na nossa experiência, de casos que nos chegam na Casa do Brasil, essa xenofobia se dá na questão linguística, principalmente com adolescentes que tiveram sua alfabetização no Brasil. Sempre tem essa pergunta, "quando é que você vai falar português direito?" A meu ver, é bastante necessário falar da xenofobia que acontece nas escolas porque ali é onde se transmite e se estrutura o que é o país e o que é Portugal.

Quais são as principais dificuldades que os brasileiros têm? As pessoas que vêm aqui à Casa do Brasil pedem que tipo de orientação?

Há dois assuntos que disputam o número um. O primeiro é a dificuldade para conseguir autorização de residência, renovar os seus cartões, conseguir se regularizar. O outro tema é a habitação. Se você não tem onde morar, onde dormir, como você consegue pensar em outras coisas?

Pode-se dizer que esse tema foi ficando mais forte à medida que as rendas, ou os aluguéis como se diz no Brasil, começaram a subir e desencadearam uma crise em Portugal?

Sim, o que acontece hoje não tem comparação com nenhum período do passado. Eu vivo em Portugal há oito anos e as coisas se deterioraram em muito pouco tempo. As pessoas não conseguem pagar suas casas, não conseguem cumprir os requisitos que cada vez ficam piores para arrendar imóveis – hoje há quem peça doze cauções.

Doze aluguéis adiantados?

Já tivemos casos de quem pedisse dezesseis, aqui na Casa do Brasil. A legislação da habitação é muito dúbia. Há também, novamente, a questão do preconceito e da xenofobia. Há muitos proprietários e imobiliárias que não querem arrendar para brasileiros apenas pelo fato de ser brasileiros.

Depois desses dois problemas "número um", um terceiro talvez fosse a procura de trabalho, ou não?

Trabalho é sempre uma questão, mas isso também está muito articulado com a dificuldade para se conseguir o reconhecimento dos diplomas e dos graus. Não é só para quem quer estudar, fazer carreira acadêmica, mas para quem quer trabalhar na sua área



Aquela xenofobia verbal do "volta para sua terra" sempre existiu. Depois da pandemia, disseminou-se a ideia de que os imigrantes trazem doenças. Com isso, a xenofobia começou a ficar mais violenta, como tem sido noticiado nos jornais."



"A grande mudança na comunidade brasileira, de três anos para cá, é a vinda de um público cada vez mais qualificado, a nível de formação universitária e profissional, disputando vagas no mercado de trabalho"

também. A nossa comunidade, como eu disse, é cada vez mais qualificada, mas muitos têm imensa dificuldade para conseguir atuar no mercado de trabalho em sua área de formação.

O problema, nesse caso, é a burocracia?

Há a questão da burocracia. Há o problema do preço, é bastante caro reconhecer um diploma. Pode ainda ser demorado, a depender da área, e não é certo que você vai ter esse reconhecimento, vai depender da banca que irá avaliar se o seu curso, sua faculdade, é reconhecida em Portugal.

É algo que se assemelha a uma reserva de mercado de trabalho?

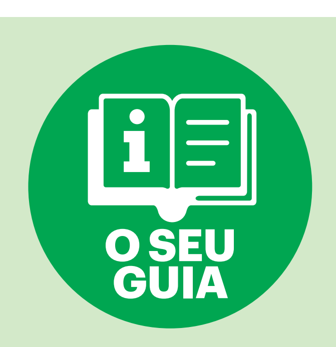
Há o imaginário de que o imigrante deve atuar num mercado de trabalho específico, o de serviços, e não no mercado de trabalho qualificado. É um problema que a gente precisa combater, esse estereótipo de que o imigrante só pode ocupar determinados postos.

Nesses cinco anos que está aqui, o que você viu de positivo na evolução dos imigrantes brasileiros?

O mais positivo da imigração brasileira é o que nossa comunidade tem feito, aqui em Portugal, no âmbito da cultura. A cultura portuguesa e a cultura brasileira têm se relacionado numa perspectiva de crescimento mútuo. Olha quantos artistas brasileiros temos em Portugal, olha quantas rodas de samba, é algo que não havia cinco anos atrás. Há uma troca bastante criativa entre artistas brasileiros e portugueses, pessoas que estão interagindo e se articulando e fazem a noite de Lisboa e do Porto, para ficar nas principais cidades. E há a integração entre artistas brasileiros e portugueses com muitos angolanos, cabo-verdianos, toda uma produção de raiz e matriz africana aqui em Portugal.

Há alguma outra contribuição que gostaria de destacar?

Há também a contribuição política, de questionar o lugar do imigrante, de questionar os estereótipos, de fazer proposições para que se crie condições de igualdade. Os brasileiros têm se envolvido cada vez mais com os partidos de todo o espectro ideológico, têm se envolvido nas associações, nos movimentos sociais, têm se aliado com movimentos sociais que já existiam há muitos anos em Portugal, como o movimento negro, têm se aliado a lutas antigas reivindicando políticas de igualdade, reivindicando mudanças legislativas sobre imigração e combate ao racismo. Esta é, a meu ver, uma contribuição muito importante.



Como escolher o tipo de visto adequado

REDAÇÃO **DN BRASIL**

OS VISTOS PARA VIVER EM PORTUGAL PODEM SER DE CURTA OU LONGA DURAÇÃO, A DEPENDER DA MODALIDADE

Se você planeja mudar para Portugal, o primeiro passo é definir qual atividade pretende exercer em terras lusas. Para cada uma delas, seja estudo, trabalho ou, até mesmo, para curtir a aposentadoria, há um tipo de visto específico, que deve ser solicitado ainda no Brasil.

Um dos mais populares é o de estudos (D4 e D5), que vão da graduação (ou licenciatura, em Portugal), ao pós-doutorado (pós-doutoramento). Outras possibilidades são as de mobilidade durante o mestrado e doutorado em universidades que mantêm parceria com instituições brasileiras.

Entrar como turista também é comum, apesar de ser considerado irregular - mas não ilegal, porque a lei permite. Acaba por ser uma “brecha” na lei portuguesa que permite a entrada de cidadãos estrangeiros no país. A emigração deste tipo é desaconselhada por especialistas, e, ao mesmo tempo, a mais utilizada atualmente.

Depois de já estar no território, o imigrante pode solicitar uma Autorização de Residência por meio da Manifestação de Interesse, um processo longo e burocrático. Para brasileiros, não é necessário solicitar o visto de turista, mas é preciso levar, por exemplo, uma quantia em dinheiro, passagem de volta e comprovante de alojamento ou carta-convite original, que são apresentados no controle de fronteira no aeroporto.

Para quem pretende mudar para Portugal já com visto e com objetivo de trabalhar, existem duas possibilidades. A primeira é solicitar visto de trabalho a partir de contrato previamente assinado por uma empresa portuguesa. A segunda, que entrou em vigor em 2022, diz respeito ao visto para procurar trabalho, que dá ao imigrante até 120 dias para buscar uma vaga com contrato assinado. A iniciativa foi criada para preencher postos de trabalho em áreas com falta de mão de obra, como o setor turístico.

Quem busca empreender, seja em mercados convencionais, seja no setor de inovação, também têm um visto específico (D2 ou StartUP Visa). O visto para nômades digitais, ou seja, pessoas que trabalham para empresas de fora de Portugal, também é uma possibilidade, desde que se cumpra a quantia mínima exigida de renda para se manter no país. Para isso, é necessário ter rendimentos de quatro salários-mínimos portugueses mensais (820 euros),

Até para quem busca aproveitar da aposentadoria em Portugal ou possui renda passiva para se manter existe um visto específico, o D7. É exigida a comprovação de rendimento mensal mínimo acima do salário mínimo português (820 euros). O que é fundamental ter em conta é que, independentemente da sua escolha, o ideal é encaminhar a solicitação com antecedência. Em alguns casos, como os vistos de estudos, o prazo pode ser de até seis meses.

O DN Brasil fez uma lista com todos os tipos de vistos, com detalhes das possibilidades de enquadramento. Uma vez definido o seu tipo de visto, é preciso encaminhar a solicitação aos consulados disponíveis para o serviço no Brasil: São Paulo (SP), Brasília (DF), Rio de Janeiro (RJ), Nova Lima (MG) e Salvador (BA). Atualmente, o serviço é intermediado pela VFS Global. O site é www.vsfglobal.com e o telefone para tirar dúvidas é o +55 (11) 41186409.

Os pedidos de vistos também podem ser feitos nos postos consulares de Curitiba, Fortaleza, Porto Alegre e Recife. Mais informações podem ser encontradas no site da Embaixada de Portugal no Brasil.

Os valores dos vistos variam conforme a cotação do euro, ajustados mês a mês.

O valor dos vistos de residência ou de estadas temporárias é de 90 euros (o equivalente a 630,77 reais , com a taxa de processamento da VSF Global.

> O pedido de visto deve ser feito com documentação completa e com antecedência.

TIPOS DE VISTOS PARA PORTUGAL:

VISTO DE TURISTA
Objetivo: visitar Portugal como turista e para conhecer o país, sem necessidade de submissão de documentação aos consulados. Apesar de não ser, necessariamente, um visto fixado ao passaporte, há algumas exigências, como passagem de volta, comprovante de hospedagem e de subsistência no período em que estiver em Portugal. O visto para turismo é válido por 90 dias e pode, eventualmente, ser prorrogado por mais 90 dias, o que deve ser solicitado na Agência para a Integração de Migrações e Asilo (AIMA), o antigo Serviço de Estrangeiros e Fronteira (SEF).

VISTO PARA PROCURAR TRABALHO
Objetivo: procurar trabalho em Portugal por até 120 dias, com autorização de residência. O visto pode ser prorrogado por, no máximo, 60 dias e permite apenas uma entrada em Portugal.

Ou seja, dentro do período programado, você não pode voltar ao Brasil e retornar com o mesmo visto de entrada para Portugal. O emprego precisa ser, obrigatoriamente, com contrato e recibos verdes não são aceitos.

VISTOS DE ESTADA TEMPORÁRIA

Os vistos de estada temporária, como o próprio nome indica, valem por um período mais curto de tempo, que equivale a, no máximo, um ano. Muitos desses vistos, como você vai ver a seguir, têm a possibilidade de serem prorrogados. É o caso, por exemplo, de um visto para pós-doutorado (o pós-doutoramento), caso o trabalho do pesquisador precise ser estendido para obter melhores resultados.

1) Visto para tratamento médico (E1)
Objetivo: realizar tratamento médico por um período inferior a 12 meses.

2) Visto no âmbito de transferências de cidadãos nacionais de Estados partes na Organização Mundial do Comércio (OMC) (E2)
Objetivo: Prestar serviços ou dar formação profissional.

3) Visto para o exercício de uma atividade profissional independente (E3)
Objetivo: Realizar atividade profissional independente no âmbito de prestação de serviços por um período inferior a 12 meses.

4) Visto de atividade altamente qualificada (E4)
Objetivo: desenvolver investigação científica, colaborar em centro de investigação ou atuar como docente em universidades por até um ano.

5) Visto para o exercício de uma atividade desportiva amadora (E5)
Objetivo: desempenhar atividade esportiva amadora devidamente registrada na respectiva federação portuguesa.

6) Visto para frequência de programas de estudo, intercâmbio de estudantes, estágio profissional não remunerado e voluntariado (E6)
Objetivo: estudar, fazer intercâmbio, estagiar profissionalmente (sem remuneração) e fazer voluntariado no período máximo de 12 meses.

7) Visto para acompanhamento de familiar sujeito a tratamento médico (E7)
Objetivo: acompanhar familiar que esteja realizando tratamento médico em Portugal por até 12 meses. A necessidade do apoio familiar para o tratamento deve ser expressamente declarada pelas entidades médicas envolvidas. Também é fundamental documentar o grau de parentesco como, por exemplo, por meio de certidão de casamento.

8) Visto para trabalhadores sazonais (E8)
Objetivo: trabalhar em atividade remunerada por período superior a 90 dias e no máximo 270 dias nas seguintes áreas: agricultura, produção animal, caça, floresta e pesca; alojamento, restauração e similares; indústrias alimentares, das bebidas e tabacos; comércio por grosso (atacado) e a retalho (varejo); construção; transportes terrestres.

9) Visto para frequência de curso em estabelecimento de ensino ou de formação profissional (E9)
Objetivo: estudar em uma universidade ou frequentar curso de formação profissional com duração de até um ano.

10) Visto para acompanhamento familiar de requerente de visto de estada temporária
Objetivo: acompanhar um parente ou dependente legal portadores ou solicitantes de visto de estada temporária.

11) Visto para nômades digitais
Objetivo: trabalhar para uma empresa de fora de Portugal, com contrato de trabalho, na modalidade trabalho remoto, por até um ano.

VISTOS DE RESIDÊNCIA (SUPERIOR A UM ANO)

O emigrante que vai a Portugal com planos de ficar no país de modo permanente ou por um período maior do que um ano, deve entrar com o pedido de visto de residência, independentemente da modalidade de visto ou da atividade que vai exercer.



1) Visto para exercício de atividade profissional subordinada (D1)
Objetivo: trabalhar sob contrato com empresa portuguesa por um período superior a nove meses.

2) Visto para exercício de atividade profissional independente ou para emigrantes, empreendedores ou StartUp Visa (D2)
Objetivo: trabalhar de modo independente para uma empresa contratante (prestação de serviços por meio de emissão de recibo verde), abrir uma empresa de qualquer segmento ou, especificamente, na área de inovação e tecnologia.

3) Visto para atividade docente, altamente qualificada ou cultural (D3)
Objetivo: atuar em universidades, centros de investigação ou órgãos ligados à cultura, por período superior a nove meses.

4) Visto para investigação, estudo, intercâmbio, estágio e voluntariado. (D4 e D5)
Objetivo: estudar, pesquisar ou realizar curso de longa duração, superiores a um ano.

5) Visto para reagrupamento familiar (D6)
Objetivo: reunir-se aos familiares que já detêm visto de residência em Portugal, mediante apresentação de notificação de deferimento de reagrupamento familiar.

6) Visto para aposentados (D7)
Objetivo: gozar da aposentadoria ou viver de rendimentos.

7) Visto para acompanhamento familiar
Objetivo: acompanhar familiar que realize qualquer atividade em Portugal com duração superior a um ano.

8) Visto para nómadas digitais
Objetivo: Trabalhar de forma remota, para empresas de fora de Portugal, por mais de um ano.



Como usar o transporte público

REDAÇÃO **DN BRASIL**

QUAIS OS TIPOS E QUANTO CUSTAM OS PRINCIPAIS MEIOS

AUTOCARROS - ÔNIBUS
Equivalem ao ônibus em Portugal e são os principais meios de transporte em muitas cidades. A passagem municipal custa em média dois euros. Usuários sem cartão de transporte (veja abaixo), pagam diretamente ao motorista. Uma dica é ter moedas ou notas de baixo valor, para facilitar o troco.

Muitos são confortáveis, equipados com ar-condicionado e oferecem opções para diversas áreas da cidade, mas pecam na pontualidade. Em algumas situações, os atrasos giram em torno de meia hora ou mais.

METRO - METRÔ.
O metrô em Portugal é escrito como no Brasil, porém sem acento, resultando em um som diferente, pronunciado como "metro" (de metragem). Estão presentes apenas em Lisboa e Porto e, em geral, são conhecidos por sua pontualidade. O bilhete pode ser comprado em terminais na própria estação. Outra opção é utilizar o cartão do banco, no sistema contactless da catraca, cá chamada de torniquete.

Importante manter o bilhete de entrada, pois na saída haverá outra barra de acesso. Quem usou o contactless, basta passar o cartão de banco novamente. O valor é cobrado apenas uma vez e o preço fica em torno de dois euros.

COMBOIOS - TRENS
Sinônimo do brasileiro trem, é bastante utilizado em Portugal para deslocamentos entre cidades. Conectam cidades próximas e percorrem também trajetos de norte a sul do país. Reconhecidos por sua pontualidade e conforto. Preços variam de acordo com a distância percorrida.

ELÉTRICOS - OS BONDINHOS
Os tradicionais bondinhos são famosos em Lisboa e Porto e populares entre os turistas, mas também por moradores para chegar a determinadas zonas da cidade.

BARCOS:
Fazem a travessia do Rio Tejo em Lisboa, com cinco ligações fluviais operadas e mais de 30 navios de passageiros, incluindo catamarãs e embarcações convencionais. Distribuídos por nove terminais/estações, proporcionam uma integração eficiente com diversos modos de transporte na área metropolitana de Lisboa. O valor gira em torno de três euros.

BICICLETA E TROTINETES:
Porto e Lisboa têm bicicletas e patinetes elétricos para alugar, chamados de trotinetes em Portugal. O custo fica em torno de 20 cêntimos por minuto, mais o valor do desbloqueio, entre 50 cêntimos e um euro. A taxa mensal tem preços entre 10 a 60 euros. Em Lisboa, todos os residentes que possuem o passe Navegante têm acesso gratuito a bicicletas da rede GIRA.

CARTÃO DE TRANSPORTE PÚBLICO MENSAL

Há bilhetes mensais nas principais cidades, em que se paga um único valor para utilizar o transporte público durante todo o mês.

Cidade (Concelho)	Metropolita no p/mês	Municipal p/ mês
Lisboa	40 euros individual / 80 euros familiar	30 euros individual / 60 euros familiar
Porto	40 euros individual / 80 euros familiar	30 euros individual / 60 euros familiar
Coimbra	30 euros	15 euros

Lisboa, Porto e Coimbra oferecem bilhetes mensais, em que paga-se um único valor para utilizar o transporte público durante todo o mês. Esse passe municipal é gratuito para estudantes de até 23 anos.

Abaixo estão algumas opções:

O passe metropolitano, válido para Lisboa e outro para o Porto, permite usar todos os transportes públicos na região metropolitana. O passe municipal dá o direito de utilizar apenas na cidade em que foi carregado. O valor é de 40 euros.

Estudantes têm direito ao transporte público gratuito, com exigências especificas e condições diferentes de idade em cada região. Normalmente, o passe gratuito vale para estudantes até 23 anos.

COMO TIRAR O CARTÃO DE TRANSPORTE PÚBLICO MENSAL?

IDENTIFIQUE O PONTO DE SOLICITAÇÃO:

Localize o ponto de solicitação, geralmente situado em uma estação de metrô. Certifique-se de verificar na sua cidade qual é o local específico para solicitar o passe.

DOCUMENTAÇÃO NECESSÁRIA:

• NIF
(Número de Identificação Fiscal)

• Fotos 3X4

• Formulário de requisição, disponível nos pontos de solicitação.

Dirija-se ao ponto de solicitação e preencha o formulário de requisição com as informações necessárias.

A emissão do passe mensal pode levar até 10 dias úteis e custa sete euros aproximadamente. A urgência reduz o prazo para cerca de um dia útil, mas o custo é 12 euros. O ideal é sempre verificar em sua cidade quais são os pontos de solicitação e quais os documentos necessários para obter o cartão.

APLICAÇÕES DE TRANSPORTE PÚBLICO

Para facilitar a locomoção, diversos aplicativos de transporte público estão disponíveis em Portugal. Alguns deles incluem:

ANDA
Permite viajar nos transportes públicos da área metropolitana de Porto. A app é uma alternativa ao cartão, podendo ser realizado o pagamento e utilizado nos transportes.

CITYMAPPER
Oferece informações sobre metro, autocarros, comboios, barcos e pedestres de Lisboa.

MOOVIT
Permite o planeamento de viagens de transportes públicos em várias cidades do mundo.

CARRIS
Fornece informações em tempo real sobre a localização dos autocarros e estimativas de chegada.

CARRISWAY
Permite recarregar passe e outros tipos de transporte através do celular.

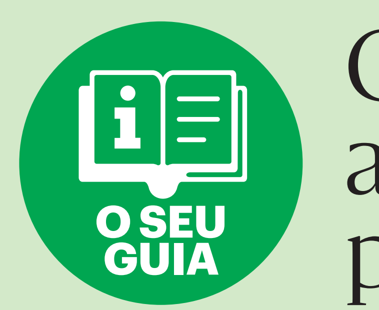
CP
Horários de todos os comboios, incluindo os urbanos, por estação.

TTSL
Informações em tempo real sobre a circulação de barcos no Tejo, incluindo a lotação de passageiros e número de bicicletas por navio.

PICK HUB
Combina rotas de vários tipos de transporte nas cidades, oferecendo atualizações em tempo real dos horários e a opção de pré-agendar um percurso. Também possibilita o carregamento de passes.

GOOGLE MAPS
Informações sobre trajeto, opções e horários de autocarro, comboios e metros de diversas cidades.





Como obter a nacionalidade portuguesa

REDAÇÃO **DN BRASIL**

SAIBA QUEM TEM DIREITO AO DOCUMENTO

A legislação prevê uma série de possibilidades para obtenção da cidadania portuguesa. Nos últimos quatro anos, pelo menos três alterações foram realizadas, vindo a alargar as oportunidades para tornar-se um cidadão português. Também houve mudança em algumas regras a serem cumpridas, bem como o sistema utilizado para solicitação, com o lançamento de um portal online para submissão dos pedidos.

Mas, primeiro, quem tem direito? Logicamente, além de filhos de pai ou mãe portugueses nascidos no território ou fora do território, é possível obter a nacionalidade a todos que tenham um ascendente de segundo grau em linha reta, como pai, mãe ou avós. É necessário que estas pessoas sejam cidadãos portugueses e que possuam laços efetivos com a comunidade nacional, conforme prevê a lei. Para quem é bisneto ou tataraneto, a possibilidade também existe. No entanto, é necessário que um descendente em até segundo grau esteja vivo e solicite a nacionalidade, procedimento chamado de "via indireta".

Também são considerados cidadãos portugueses os bebés que nasceram no território, mesmo que tenham progenitores estrangeiros, desde que, ao menos um deles, pai ou mãe, residam no país há um ano pelo menos, mesmo sem Autorização de Residência (AR). Esta foi uma das flexibilizações recentes na legislação.

Outra maneira de tornar-se um cidadão ou cidadã português é por tempo de moradia em Portugal. Em 2023, de acordo com dados do Ministério da Justiça, esta via foi a que mais teve solicitações online, com 7.555 pedidos de um total de 28.867, ou seja, cerca de 26%. Destes, os brasileiros são maioria, por uma questão natural: formam a maior comunidade estrangeira residente no país. Se forem somadas todas as maneiras de obter o documento, os brasileiros foram responsáveis por 45% dos pedidos.

A versão atual da lei prevê que o tempo de moradia para a solicitação é de cinco anos. Até pouco tempo, era necessário que estes cinco anos fossem contabilizados somente a partir do momento em que o imigrante adquire um título de residência. Em breve, será permitido que o tempo de espera pelo documento seja contabilizado. Ou seja, se o imigrante esperou dois anos entre ter a Manifestação de Interesse (MI), esse tempo conta nos cinco anos. A iniciativa foi de uma cidadã brasileira, chamada Juliet Cristino. A imigrante conseguiu assinaturas em uma petição e levou a questão ao Parlamento, que acabou por ser aprovada e depois promulgada pelo presidente da república. Falta apenas a regulamentação.

> A versão atual da lei prevê que o tempo de moradia para a soicitação da nacionalidade portuguesa é de cinco anos.

Quem casar com cidadão português possui direito à nacionalidade. No entanto, o casamento precisa ter, no mínimo, três anos. Ou seja, não se trata de algo automático. O mesmo período de três anos vale para uniões de facto, ou união estável. A exigência é que o relacionamento seja reconhecido em tribunal.

Existem ainda outras particularidades na legislação portuguesa que permitem a nacionalidade. É o caso dos judeus sefarditas e cidadãos timorenses, além dos cidadãos apátridas.

COMO SOLICITAR?

O pedido muda condicionante à via solicitada. Por exemplo, se a pessoa está no Brasil e irá requerer por parentesco, deve enviar, por correio, a documentação ao consulado português mais próximo. Se está em Portugal, a modalidade é a mesma: correios. A diferença é o local de envio, a depender de onde mora. No Porto, existe um balcão específico para o serviço, no Arquivo Central. Em Lisboa, os pontos são a Conservatória de Registos Centrais, na Loja de Cidadão de Odivelas ou nos Espaço Registos da Expo e de Benfica.

Todas as conservatórias de registos civis no país também podem receber. O processamento das solicitações é realizado de forma centralizada, no Ministério da Justiça.

Se o cidadão contratou um profissional para cuidar do trâmite, como advogado ou solicitador, devem fazer o procedimento digital.

O Governo lançou uma plataforma online no final de 2023, disponível para profissionais do sector. No futuro, o mesmo procedimento digital deverá ser disponibilizado aos demais cidadãos.

Os documentos necessários variam conforme o tipo de justificação para pedir a cidadania. Em casos de matrimônio, a certidão de casamento é indispensável. Em parentesco, um documento que comprove a ligação familiar, como a certidão de nascimento. No tempo de moradia, é preciso o título de residência. A lista completa de documentos e demais pormenores está disponível no site do Ministério da Justiça português.

TEMPO DE TRAMITAÇÃO E VALORES

A média estipulada pelo próprio governo é de 24 meses, mas existem relatos de pedidos que levam mais ou menos tempo. O percurso do pedido pode ser acompanhado online. O valor do serviço custa em média 250 euros, sem contar as despesas com fotocópias de documentos.